

MARINA MIRANDA

Além da “Crioula Difícil”

Clóvis Corrêa



MARINA
MIRANDA

Além da “Crioula Difícil”

Presidente da República

Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo

Marcelo Henrique Teixeira Dias

Fundação Nacional de Artes — FUNARTE

Presidente

Dante Henrique Mantovani

Diretor Executivo

Leônidas José de Oliveira

Diretora do Centro de Programas Integrados

Maristela Rangel

Gerente de Edições

Jose Mauricio Moreira

MARINA MIRANDA

Além da “Crioula Difícil”

Clóvis Corrêa

Equipe de Edições

Carlos Eduardo Drummond

Gilmar Miranda

Jaqueline Lavor Ronca

Preparação de Originais

Tikinet | Tulio Kawata

Revisão

Tikinet | Caique Zen

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Tikinet | Natalia Bae

Imagens

Acervo pessoal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **FUNARTE /Coordenação de Documentação e Pesquisa**

Corrêa, Clóvis.

Marina Miranda : além da “crioula difícil” / Clóvis Corrêa . –

Rio de Janeiro : FUNARTE, 2019.

168 p. ; 23 cm

ISBN 978-85-7507-207-3

1. Miranda, Marina, 1930-. 2. Biografia. I. Título.

CDD 927

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes — Funarte

Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911

Rio de Janeiro — RJ | Tel. (21) 2279-8071 | livraria@funarte.gov.br

www.funarte.gov.br

À Noemia, minha amada esposa, presença constante em casa, nos meus sonhos, nas minhas alegrias e tristezas.

Aos meus pais, Isahias e Eurides (*in memoriam*); meus irmãos Sebastiana, João Adão e às Marias, Aparecida e do Carmo, pela base familiar nesta existência. Sobrinhos e primos, em especial à Alverinda, Gê e Zinha; Isaura, Narcisa e Zica (*in memoriam*), as primas-tias-mães, mulheres fortes de resistências negras da minha infância, espelho vivo da minha negritude carioca.

Aos meus tios e tias que conheci: Maria, Guilhermina, João, Margarida e Francisco (*in memoriam*).

Aos meus sogros Esmeraldino e Paulina (*in memoriam*), cunhados e cunhadas.

Aos meus verdadeiros amigos! E todos que me fazem rir em dias tão difíceis.

*Quero dizer uma coisa a você. Mesmo se alguém lhe disser:
fuja, desista! Deve responder-lhe: jamais! Viva jovial e
corretamente cada dia, sempre.*

Daisaku Ikeda

Através do humor vemos, no que parece racional, o irracional; no que parece importante, o insignificante. Ele também desperta o nosso sentido de sobrevivência e preserva a nossa saúde mental.

Charles Chaplin

Do canto lírico ao sucesso de comediante



Não imaginava ter minha história contada em livro. Isso me deixou bastante contente, porque tem muita coisa que as pessoas precisam saber sobre mim.

Marina Miranda

Ela conquistou um país ao lado de Tião Macalé

Marina Miranda foi uma prova da resistência de sua raça, de seus muitos talentos. Sempre tive por ela farta admiração, exatamente pela elasticidade e firmeza, além da assiduidade, de sua multifacetada agenda artística. Marina começou por onde raríssimos negros têm a coragem de se iniciar: o canto lírico, quase sempre objeto de preconceitos culturais e artísticos. E sobretudo raciais.

Do esboçar o canto lírico, ela se consagraria como cantora de marchinhas, dos folguedos mais simplificados e mais amados pelas ruas e pelo povo simples, a população com conexões diretas e flexíveis com a grandeza da miscigenação brasileira. Essa grandeza foi a mola mestra de sua carreira como comediante. O personagem que ela construiu na televisão, apresentando-se como a “Crioula Difícil”, terá sido das mais corajosas afirmações pessoais. Conquistou todo um país ao lado de Tião Macalé, fazendo do célebre programa *Balança mas Não Cai* um ícone da era do rádio, a perfeita transposição para a então ainda iniciante televisão. Marina Miranda fez história. E deixa belíssimo retrato de resistência e de orgulho do negro no Brasil, rompendo preconceitos monstruosos que ainda existem neste país.

Ricardo Cravo Albin

O humor atravessa gerações pela televisão

O dever número um do humor não é tirar um sorriso de alguém, mas alertar a muitos para os erros da vida.

Chico Anysio, *Carta Maior*



Eu concordo que não há mais espaço para humilhar negro, pobre, nordestino, feio, gordo.

Renato Aragão, revista *Poder*



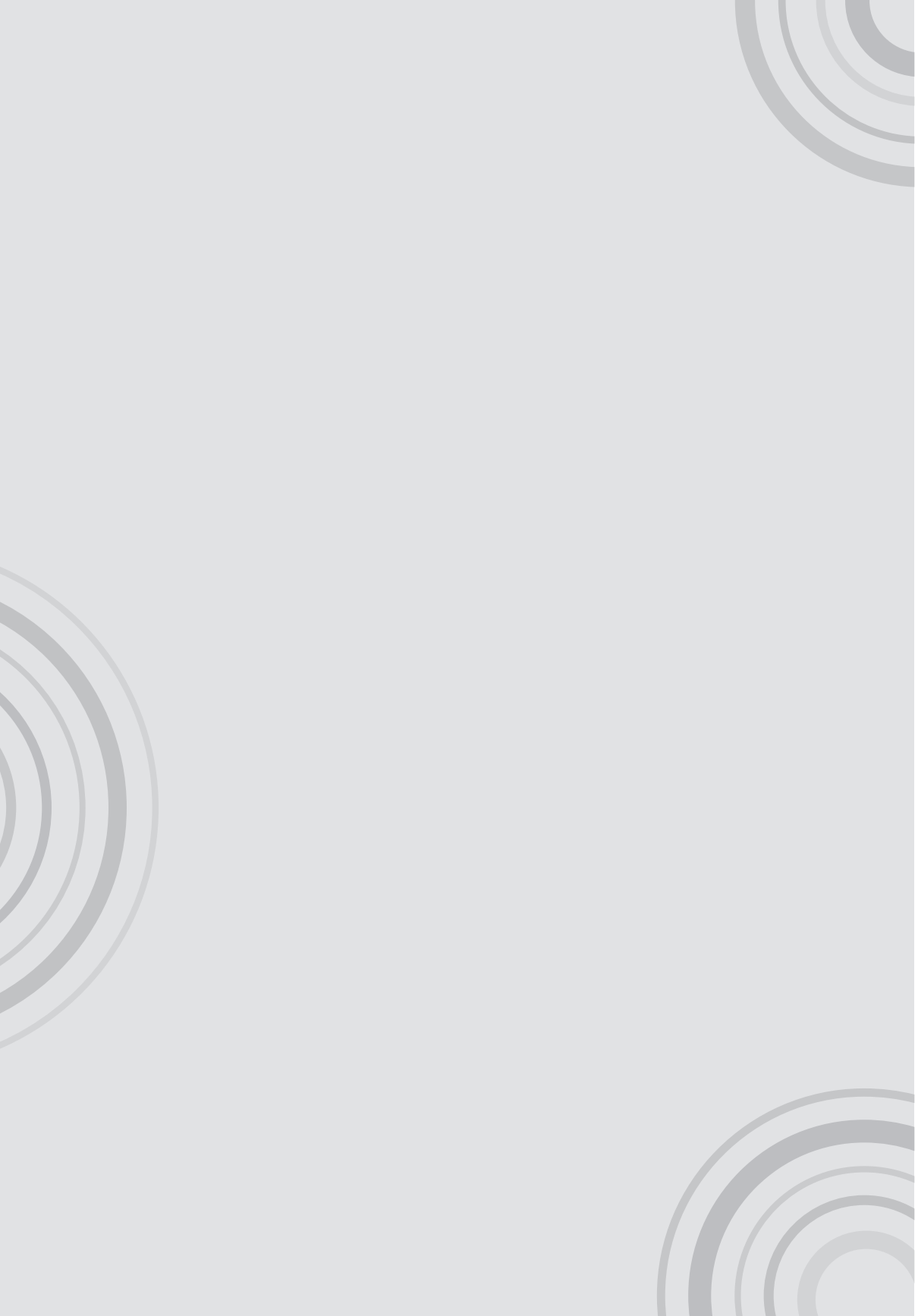
Quando a angústia chega, eu grito: eu sou feliz, caceta. E aí ela some.

Dercy Gonçalves, *Gshow*



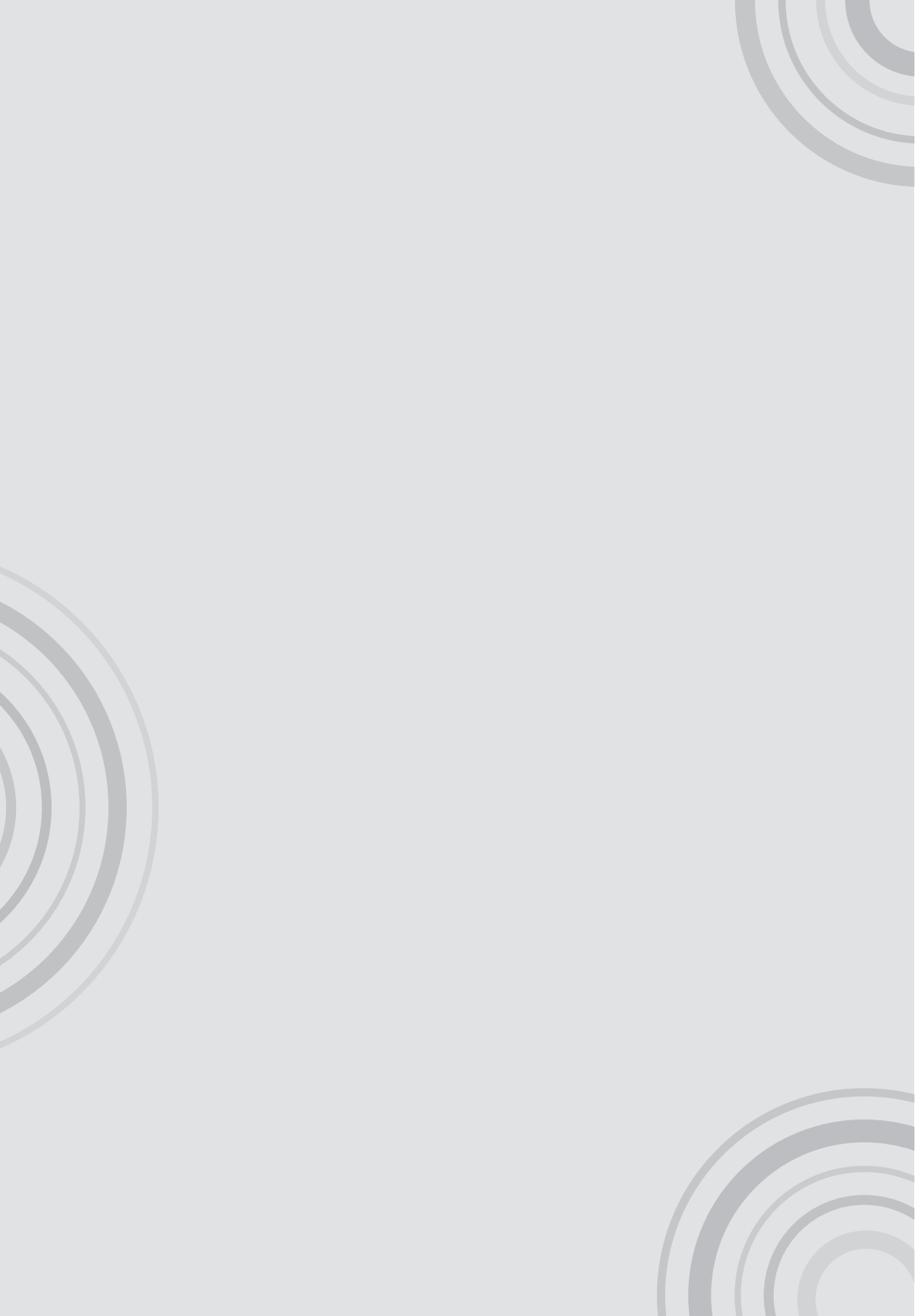
Respeito com quem vem antes, generosidade com quem vem depois.

Marcus Melhem, UOL TV



SUMÁRIO

- 19 ★ A arte do humor vencendo preconceitos
- 25 ★ Com que roupa eu vou? (Uma viagem ao *Samba de Primeira*)
- 31 ★ Pequena notável de Paraíba do Sul, em Copacabana
- 35 ★ No céu não tem anjo negro
- 39 ★ Imitando Carmen Miranda dentro do cinema
- 43 ★ Cantora lírica na Rádio Nacional
- 49 ★ Nasce a atriz cômica na Cia. de Geysa Bôscoli
- 65 ★ TV Rio: a chance de ouro
- 75 ★ Humor no famoso edifício da TV Globo
- 81 ★ Balançando as lembranças
- 87 ★ Black power festeira
- 93 ★ Aplausos em vida
- 101 ★ Nem tudo são flores na vida da comediante
- 107 ★ *Os Trapalhões*, uma nova oportunidade
- 109 ★ Dois irmãos: dupla do barulho e de brigas
- 121 ★ Uma negra cheia de graça
- 125 ★ Mandala e Charanga na sala de aula
- 131 ★ Marina nasceu para ser mãe
- 135 ★ Ela balança mas não cai
- 137 ★ Volta às novelas
- 143 ★ Tempo, tempo, tempo, tempo
- 147 ★ Enfim, chegando à Barra da Tijuca
- 149 ★ Boas lembranças no “estúdio”
- 153 ★ Homenagem à Crioula Difícil
- 159 ★ Carreira artística



A ARTE DO HUMOR VENCENDO PRECONCEITOS

Nos anos 1970 e 1980, o quadro “Crioulo e Crioula Difícil”, do *Balança mas Não Cai*, humorístico exibido pela TV Globo, fazia sucesso no Brasil, atraindo fãs para a atriz e comediante Marina Miranda. Nessa época foi chamada de “Josephine Baker Brasileira” em coluna de Hildegard Angel, no jornal *O Globo*, em referência à primeira afro-americana a alcançar fama e fortuna e a acolher várias crianças desamparadas, mantendo com seu trabalho as onze filhas de criação.

Foi aí que eu, ainda menino, às gargalhadas, conheci a comediante diante da televisão, debruçado à janela da casa do meu vizinho. Ela não dava bola para o malandro galanteador, vivido por Tião Macalé, que, sem os dentes da frente, soltava a pérola: “Ô, Crioula Difícil!”

Mais conhecida pelo nome de sua famosa personagem do que pelo de batismo, Marina não se importa com a constante troca. É do tempo em que “crioula” no Brasil era apenas a designação feminina para as mulheres afrodescendentes.

Ainda não existia o politicamente incorreto. O termo “crioula” era para muitos tão íntimo, delicado e quase infantil, como chamar a esposa de “minha nega”, não importando a raça. Independentemente disso, ela carrega com orgulho o apelido que lhe deu fama e condição para, sem marido, sustentar suas filhas, das quais apenas três levam seu sobrenome. Não nega o codinome, mas sabe que em terras brasileiras tem sido cada vez mais comum o costume de usá-lo de forma pejorativa, ligando-o ao preconceito racial.



MARINA MIRANDA do canto clássico à comédia

Marina Miranda, a “Brigitte” do programa “Noites Cariocas” do Canal 13, a revelação de Carlos Machado no “show” “Teu Cabelo Não Nega”, chamada por uns de “Grande Otelo de Saias” e por outros já apelidada de “MM”, vai voltar ao gênero inicial de sua carreira artística: a música clássica.

Foi no programa “Papel Carbono”, de Renato Murce, na Rádio Nacional do Rio, que Marina Miranda começou efetivamente sua carreira, que mais tarde sofreria total transformação, cantando uma composição de Rossini. Isto por volta de 1955; a partir daí passou a ser a maior ameaça aos candidatos de programas de calouros,

14 A

pois tirava sempre a nota máxima, a ponto de Ary Barroso se "apavorar" quando ela se inscrevia no seu "Calouros em Desfile".

Com o primeiro prêmio levantado, de Cr\$ 2.500,00, Marina provocou sorrisos e lágrimas de gratidão de Dona Didi, uma senhora que a cria desde os dois anos de idade: comprou-lhe um liquidificador.

O primeiro ordenado que Carlos Machado lhe pagou no "show" "Teu Cabelo Não Nega" foi revertido na compra, à vista, de uma geladeira, também para sua protetora.

Além de tudo isso, Marina ajuda a um orfanato da Gávea, o que muito pouca gente sabia. É a própria Marina, que seus amigos chamam de "escurinha legal", quem diz: "Se fui ajudada em toda a minha vida, acho que agora, quando as coisas melhoraram, é chegada a hora de retribuir."

Os que ouvem a Rádio Nacional ou aqueles que freqüentam auditórios não esqueceram aquela menina tímida, que cantava êrias de óperas com a segurança de um soprano. Marina começou assim, cantando música clássica, de ouvido.

"Eu comprava discos com as músicas que queria aprender. Ouvia-os e pegava a música. Depois, levava a partitura a um jornalista da esquina, um italiano, que me ensinava a pronúncia da letra e assim conseguia aprender direitinho. Ganhei, mais tarde, uma bolsa da Escola Nacional de Música, mas não completei o curso. Continuei estudando particularmente, com a Professora Marieta Campelo".

Do canto clássico à comédia, Marina foi levada quase sem querer, "empurrada" por um amigo. Fêz sua primeira aparição no palco na revista "Porque Me Ufano de Bananal", de Geysa Boscoli. Mas foi Celso Guimarães quem a levou para a TV-Rio, por volta de 1956. Durante muito tempo "fiquei no ostracismo, por culpa de alguns colegas." Mas hoje Marina é nome do primeiro time do C. 13 e diz que não o abandona nem pela TV-Excelsior.



15 A

Em gostoso e bem-humorado percurso de carro até o estúdio de gravação, ouvi dela as lembranças que lhe jorraram boca a fora como água da fonte, e que estão nesta publicação. Sem grandes preocupações com a ordem cronológica, Marina apenas deixou que as palavras e o riso fluíssem. Da forma que quis, na hora que quis. Pura diversão e aprendizado para quem estava ali!

Ela completa setenta anos de atividade artística iniciada na Rádio Nacional, cantando ópera. Seu grande talento foi marcado em papéis cômicos no teatro, TV e cinema. Uma mulher forte com história sublinhada por desafios e pioneirismos. Primeira comediante negra a surgir com destaque na televisão brasileira.

Durante o percurso, Marina diz que sua vida dá uma novela, de preferência um programa de humor à moda antiga. Acredita que, atualmente, muita coisa mudou na telinha no que se refere ao gênero, e é difícil conquistar um lugar ao sol. Sobre tudo para quem já passou da meia-idade.

A comédia apareceu por acaso em sua vida, nos anos 1960, com o convite para a primeira peça, *Por que me ufano de Bananal*, de Geysa Bôscoli. Com o espetáculo de Carlos Machado, *O teu cabelo não nega*, a jovem ficou conhecida como a “Grande Otelo de Saias”. Em seguida, foi trabalhar na TV Rio, no célebre *Noites Cariocas*. Participou da inauguração da TV Globo, onde atuou em programas de humor e novelas, seguindo para a TV Record.

Entre a vontade de voltar a trabalhar na televisão e o discurso acanhado em dizer que chegou a hora de curtir a aposentadoria, ela falou da alegria e emoção de ser homenageada no *Samba de Primeira*. O programa independente apresentado por Jorge Perlingeiro teve fim na Central Nacional de Televisão (CNT) do Rio de Janeiro.

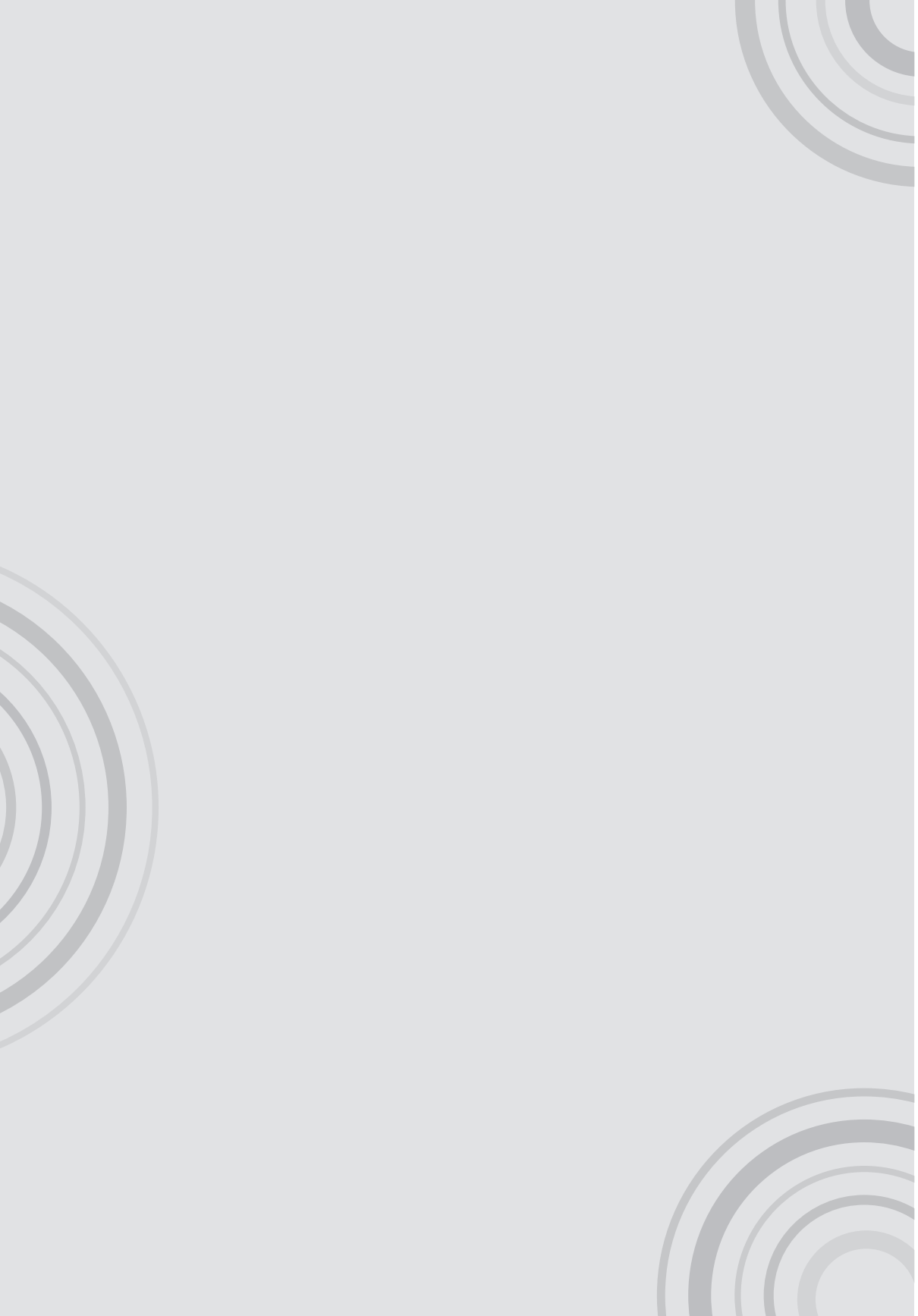
A comediante só não imaginava que aquela conversa simples, que também tratou das provocações e do desrespeito pelo fato de ser negra, faria parte deste perfil biográfico. Esta obra apresenta detalhes sobre a trajetória sul-paraibana a partir da sua chegada ao Rio de Janeiro, em Copacabana, aos 3 anos de idade, com a madrinha Aydil Floresta de Miranda, que depois virou sua mãe de criação. Espera-se que esta publicação possa reparar vários erros e desencontros de informações que circulam sobre a artista na internet e por outras mídias.

Segundo ela, muitos criticavam a maneira como conduzia sua carreira, aceitando trabalhos em programas humorísticos que essas pessoas viam como verdadeiras caricaturas do negro. Da mesma forma, criticavam o fato de ela permitir que usassem sua imagem para paródias na publicidade.

Era um tempo de caricaturas preconceituosas, conduzido pela fórmula oportunidade *versus* trabalho. O resultado foi a revelação de grandes nomes, como Grande Otelo, Vera Regina, Carmen Miranda, Chacrinha e Mazaropi, entre outros artistas que, de uma forma ou de outra, se apoiaram no processo caricatural, independente da etnia.

O vaivém de lembranças que estavam guardadas no fundo da memória de Marina esvoaçaram como folhagem pelo ar, na ida do seu prédio em Copacabana à Barra da Tijuca. Agora vão ficar para sempre em forma de homenagem em vida nas linhas deste livro dedicado, especialmente, aos fãs da “Crioula Difícil” que nunca a esqueceram.

Clóvis Corrêa



COM QUE ROUPA EU VOU?

(Uma viagem ao *Samba de Primeira*)

Caricata. Notável. Histriônica. Grande Otelo de Saias. Josephine Baker brasileira. Sensacional. Antológica. Esses são alguns dos adjetivos atribuídos à atriz e comedianta Marina Miranda por jornalistas e amigos da classe artística, a partir do seu início de carreira nos anos 1950 cantando ópera na Rádio Nacional. A artista tem setenta anos de trabalho, que inclui também teatro, cinema e televisão. Além disso, recebeu a Medalha Chiquinha Gonzaga, conferida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro a personalidades femininas que reconhecidamente se destacam em prol das causas democráticas, humanitárias, artísticas e culturais.

Em 2014, enquanto seguíamos de carro para gravar entrevista no programa *Samba de Primeira*, na Barra da Tijuca, ela contou sua história com muito bom humor. A intérprete da *Crioula Difícil*, do *Balança mas Não Cai*, fabuloso humorístico da TV Globo, estava ao lado da filha Sylvia e de Cosme — um dos que viviam pela casa de Marina, considerado como filho. No volante, o produtor Mauro Cleverson, que empreende esforços para homenagear antigos nomes da cultura negra.

“Dia único, incomparável e maravilhoso!” As expressões usadas por Marina Miranda dão o tom de encantamento com a vida. Esse é o ponto alto das lembranças da artista que transformou seus obstáculos em vitórias. “*Crioula Difícil*”, espécie de marca registrada do humor, faz

parte de um Brasil que enxergava o negro muito mais como indivíduo inferior ligado à escravidão do que por sua importância na construção do país. Embora consciente dessa situação, ela enfrentava tudo derramando uma alegria contagiante em seu meio social.

Daí a reprodução de vários tipos cômicos na televisão influenciados pela situação da época: personagens inspirados em antigos clichês do teatro e cinema; tipos folclóricos, como homens malandros e mulheres iletradas que tinham por característica falar alto e errado, e que não retratavam a realidade dos afro-brasileiros.

Em nossas conversas recordamos os detalhes da data que inspirou a compra de um vestido novo para ser homenageada no programa de televisão apresentado por Jorge Perlingeiro. Na atração tão prestigiada, ele entrevistou vários nomes do samba e do Carnaval, além de figuras do esporte e do teatro. Dos tarimbados aos iniciantes. Alcione, Beth Carvalho, Martinho da Vila, Fundo de Quintal, Jorge Aragão, Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho são algumas das estrelas do samba que sempre atenderam ao chamado do amigo.

O convite foi uma imensa alegria para a artista. Ela contava as horas para reencontrar o apresentador e comemorar juntos mais um ano de vida e carreira. Mas, de repente, uma dúvida da comediante paira no ar, remetendo ao famoso refrão de Noel Rosa: “com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?” Claro, afinal, ser a homenageada no *Samba de Primeira* exigia uma roupa nova e impecável.

A ida à Barra foi um bom motivo para celebrar a carreira profissional vencedora da Crioula Difícil. Durante o trajeto, a sul-paraibana recordou sua vida, antes e depois da fama, a começar pela infância no Rio. Nos Anos Dourados, ela canta ópera na Rádio Nacional, inspirada na soprano Renata Tebaldi. Já nos anos 1960, o sonho de ser cantora lírica é encoberto por suas caretas e mudança de voz, usadas para brincadeiras nas horas vagas.

— Não teve jeito, eu era uma caricata! Aí, virei comediante! Fui parar no palco.

Do teatro, foi alçada, ainda jovem, para o humor na televisão por fazer uma cara engraçada quando cantava, muito antes de trabalhar com os humoristas Jorge Loredó (TV Rio), Agildo Ribeiro & Paulo Silvino,

Jô Soares, Renato Aragão, Chico Anysio (TV Globo) e outros grandes comédicos. Naquele passado distante, não se perguntava a idade para uma mulher, mas Marina hoje não tem problema nenhum em revelar que é uma octogenária: “bem vivida, feliz e realizada”.

“BECA NOVA” PARA IR AO SAMBA

Era terça-feira, hora do almoço! Eu já estava em Copacabana para buscar a atriz de carro e seguir à gravação do *Samba de Primeira*. Buzinadas alertavam para um grande engarrafamento do trânsito. No volante, Mauro Cleverson fazia o possível para não atrasar o encontro com a Crioula Difícil.

Peguei o celular para avisá-la da minha chegada ao bairro. Sua filha, a jornalista Sylvia Miranda, atendeu à ligação e disse que a mãe já estava com ela nos esperando na portaria do prédio. Ao estacionar o carro em boa hora na sua rua, a Dias da Rocha, avistei Marina toda emperiquitada conversando com Cosme. A fiel escudeira, que até então cuidou da carreira da mãe, se aproximou dos dois.

Enxergo a cena com clareza na minha frente e a descrevo no verbo presente. A jovem ajeita a “beca nova” da mãe, que se mostra na moda, com um vestido longo em tons de rosa formando bonito visual, comprado especialmente para a ocasião. Nos ombros, uma jaqueta de couro na cor bege, e na cabeça um estiloso turbante azul-piscina. Tudo apropriado para o frio do estúdio. Bem diferente da simplicidade de seu cotidiano, quando veste calça jeans, camiseta ou bata.

A cena continua a me rondar a mente como num filme. Marina está pronta para avançar pela estrada a caminho da Barra. Abro a porta do carro para a comediantes, que se acomoda entre seus dois acompanhantes. Antes de o veículo sair, ela se mostra animada e falante. Sento-me ao lado do motorista, que liga o carro e pelo retrovisor fica atento à animação de Marina.

— Que maravilha! Vou ver o Jorge — ela diz, inquieta.

Partimos para a gravação no Radisson Hotel, seguindo em um giro perfumado de riso e música até o fim. Ela nos transporta a um túnel do

tempo de lembranças, a começar pela família Perlingeiro. O apresentador não sabia que encontraria no estúdio uma Marina Miranda um tanto sapeca. Tão lúcida e ávida para contar sua história.

— Gosto muito dele, sabia? O Jorge tinha escritório pertinho da minha casa. Seu pai foi um amor comigo.

Era visível, no banco de trás, uma senhora de coração na mão pelo encontro com o filho de Aérton Perlingeiro (“um amigo dedicado nas horas precisas”), mais ansiosa do que nervosa e atenta ao engarrafamento que, atravessando a avenida Nossa Senhora de Copacabana, avançava pela orla.

— Ô, meu pai! Tomara que acabe esse trânsito todo! — dizia Marina, revelando a preocupação de não chegar depois das 15 horas, horário combinado para a chegada ao local naquele dia.

Fim do *Samba de Primeira*

A possibilidade de o *Samba de Primeira* sair do ar deixou a comediante ainda mais inquieta no carro. Ela não entendia o motivo.

— Vai acabar o programa dele, é? — indagava a artista ao ouvir no veículo o meu comentário, para em seguida fazer outra pergunta. — Mas por quê, hein? Ah, quando uma porta se fecha, abre-se uma janela — profetizou a artista, respondendo a si mesma em tom bíblico e engraçado, como se dissesse palavras decoradas.

A última gravação do musical na televisão foi em dezembro de 2014.

Enquanto escrevo, fico passeando pelas emoções que transbordavam nos comentários da atriz. Participar do *Samba de Primeira* foi muito mais do que receber uma homenagem. Foi também ganhar beijos e abraços, o carinho acolhedor de um emocionado Jorge Perlingeiro, relembrando histórias dos seus pais com Marina.

— E pensar que eu não saía do *Almoço com as Estrelas* do pai dele. Aí, virou, virou, virou... fui comemorar tantos anos da minha carreira com o filho. Não é uma bênção?

Aérton tinha grande admiração por ela, e Jorge sabia muito bem disso, porque acompanhou de perto o programa de auditório *Aérton*

Perlingeiro, ou *AP Show*, nas tardes de sábado na TV Tupi dos anos 1970. Sempre que possível, o lugar da amiga era certo no quadro com o famoso almoço musical.

Marina, que sabe fazer uma feijoada como ninguém, assegura que o prato servido no programa era irresistível. Só de lembrar a maneira como ela falava sobre a iguaria apetitosa e succulenta, herança do período de escravidão, fico com água na boca.

— Nossa! A feijoada do Aérton era uma maravilha! Uma delícia! Hum, você tinha que ver, menino!

Ainda sobre a família *Perlingeiro*, a comediante se lembra de uma máquina de costura que Aziza, mãe de Jorge, lhe deu por conta de seu aprendizado no curso de corte e costura.

— A minha mãe me matriculou no curso. Ela achava que eu tinha uma queda para ser artista, mas no fundo queria que tivesse uma ocupação mais garantida, costureira. Então, foi quando eu, jovem, ganhei a máquina. Um presentão.

Aydil ficava preocupada de um dia morrer e a filha ficar desamparada, sem uma profissão definida. Ela sabia que, para uma mulher negra daquele tempo, fazer carreira cantando ópera não seria nada fácil. Assim como sabemos que não foi fácil para as cantoras afro-brasileiras de ópera que, em épocas e situações diferentes, seguiram com sacrifício para vencer na música erudita. Todas foram vitoriosas.

Para citar só algumas, consta no livro *Negras líricas*, de Sérgio Bittencourt-Sampaio, a história de Joaquina Maria da Conceição Lapa, mais conhecida como Lapinha (que viveu em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX) e de Camila Maria da Conceição (1912-1994, Rio de Janeiro). Apesar de todos os desafios decorrentes da negritude, elas foram vencedoras, cada uma em seu tempo.

— Ela queria me preparar para o mundo, mas com um diploma na mão, que valia muito — explicou a artista, sobre a mãe.

Marina frequentou aulas pensando em ser modista, mas sabemos no que deu isso.

— Eu aprendi a cortar e costurar e não levei a sério ser uma profissional do pano; continuei nas artes.

FUTURA “PRIMA DONNA” REVELADA NO “PAPEL CARBONO”

MARINA - uma pretinha predestinada

MIRANDA

Texto de
JOSÉ LUIZ MIRANDA
Fotos de
WILSON LOPES

Uma história de amor e ternura que começa em 1935 em Paraíba do Sul — A moça, hoje com 22 anos, revela possuir privilegiada voz — Não conhece música, nem italiano e de ouvido aprende e canta árias de Verdi, Puccini e Mascagni — Os discos, as partituras e o jornalista italiano são os elementos de que dispõe a jovem idealista que é pobre e precisa urgentemente de um professor — Momentos de enlévo vividos pela nossa reportagem na residência da família Floresta de Miranda

Assim Marina aprendeu as árias que hoje canta com o melhor desembaraço. Coloca o disco e fica, atentamente, seguindo a interpretação da cantora (no caso Renata Tebaldi). Procura não perder um detalhe sequer, seja nas inflexões, seja na pronúncia. A vitrola, o disco e mais o jornalista Dino, eis a base do seu aprendizado na arte lírica. É belo o exemplo de tenacidade e idealismo demonstrado pela jovem cantora.



PEQUENA NOTÁVEL DE PARAÍBA DO SUL, EM COPACABANA

Marina nasceu numa terça-feira, dia 30 de setembro de 1930, em Paraíba do Sul, município do estado do Rio de Janeiro. O ano foi de instabilidade política no Brasil, com o golpe que pôs fim à República Velha alguns dias depois do nascimento da artista. O país entrava na Era Vargas, com inúmeras alterações sociais, econômicas e políticas.

A libriana veio ao mundo para ser a caçula de uma família muito pobre com oito filhos. A órfã, criada com sacrifício pela avó materna na cidade conhecida como A Rainha das Águas Minerais, foi uma criança que, apesar de todas as adversidades, vivia sorridente.

A pobreza imperava na humildade do lar, mas a alegria da menina se espalhava por todo o roçado como uma bailarina. Essa contagiante animação de gente inocente iluminava os olhos de quem a rodeava. Sem brincueiros, mas com brincadeiras dançantes, Marina ouvia música a qualquer momento. Aí, teve empatia e melhor refúgio em Aydil Floresta de Miranda, patroa de sua avó.

Aydil virou sua madrinha (ou fada madrinha), depois mãe adotiva. A passeio de férias na Serra Fluminense, solteira, já com certa idade e sem filhos, tinha condições melhores de criar e educar Marina. Ficou encantada ao descobrir a magia infantil na menina de 3 anos de idade que cantava e dançava alegremente.

Logo surgiu o pedido feito à avó: “Dá ela pra mim?”

Pensando nas condições precárias que cercavam a garota, a avó, num impulso, disse “sim”, para nunca mais ver a neta. E assim Marina chegou a Copacabana, bairro da Zona Sul carioca onde ainda mora.

A comediante afirma que deve a Aydil toda a formação pessoal. “Sou uma mulher de personalidade forte, mas de caráter e de bom coração. Amiga de todos, graças a quem considero como mãe.”

Ela não guarda nenhuma lembrança de sua terra natal. O pouco que sabe veio das conversas com a madrinha-mãe durante os anos, mas sem muitos detalhes sobre sua legítima família.

— Minha vida foi feita no Rio, aqui iniciei minha carreira, por lá ninguém se lembra de mim. Sinto-me carioca, quase da gema — fala rindo, mas em seguida para e pensa. — Sabe que tenho vontade de um dia ser recebida na minha terra? Nunca neguei de onde eu vim.

A pequena notável de Paraíba do Sul chega à cidade grande na efervescência do Carnaval para mais tarde brilhar nos palcos e estúdios. Veio morar na rua Raimundo Correia, número 41, em uma casa onde agora há um imenso prédio residencial. Ali ganhou certidão de nascimento e sobrenome, contrariando o que parecia seu destino, o de uma pessoa que nasce e vive no interior, sem perspectiva e esperança.

COPACABANA É SEU LAR!

Na elegante Copacabana, a comediante mora agora em seu segundo endereço, apartamento herdado da mãe.

Nos passeios com Aydil, sentia o encanto que o bairro oferecia. A praia, por exemplo, estava ali, a um passo, para impressionar qualquer criança que nunca viu o mar. Marina lembra que lutou para que a aceitassem como negra em seu círculo de amigos. Sua mãe fez de tudo para que ela fosse reconhecida pelos outros sem sofrer preconceito de cor ou por ser filha de criação.

— Eu fui criada por uma mulher maravilhosa! Minha mãe verdadeira! Aydil Floresta de Miranda. Aydil com y, tá? — faz questão de reforçar a grafia do nome. — Da família Floresta de Miranda, conhece?

É uma família muito grande na Bahia, mas tem Floresta de Miranda espalhada pelo Rio todo. Tenho saudades da minha querida mãe.

Diante da pobreza em que vivia com os irmãos e a avó, a infância carioca foi uma surpresa. Não era rica, mas viveu numa boa casa, com direito a uma vida confortável, usufruindo de cama macia, vestidos novos, brinquedos e festas pela Zona Sul carioca.

Aydil foi constante na vida da comediante. A presença dela ao seu redor nos lugares foi determinante para a formação da artista, referência de quem tocava piano. Marina entendia bem e apreciava a boa música clássica, mas não era nada profissional.

— Aprendi a tocar alguma coisa do piano, mas depois esqueci tudo. Eu gostava era de me apresentar fazendo alguma graça. Aonde ela me levava, eu ia sem reclamar, pois sabia que podia ser uma oportunidade para dar um showzinho. Eu tinha de tudo. Para os aniversários, minha mãe Didi me vestia cada roupa! Sempre com laço de fita diferente na cabeça. Um vestido bem passado e engomado. E lugar que não me aceitasse por eu ser preta, ela não pisava na festa, não.

Desse início de aprendizado carioca, a comediante não se esquece de um Carnaval na avenida Rio Branco, no centro do Rio. Fantasiada de baiana, aos 5 anos, seguia pelas ruas e bailes cantando e dançando. Já demonstrava dotes artísticos com bonita voz e gingado de corpo.

— Durante o Carnaval ela me levava para passear pela cidade e eu ficava doida com aquele mundo de gente se divertindo. Menino, você precisava ver como era chique as pessoas dançando as marchinhas.

A comediante me conta sobre um grupo de argentinos que abriram uma roda no meio da rua para ver ela dançando.

— Eu adorava cantar a marchinha “Cidade maravilhosa” naquela folia com o povo à minha volta. E minha mãe olhando toda prosa. Eu era uma moleca muito exibida — fala com riso nos lábios.

Alguns anos mais tarde, as tradicionais brincadeiras de infância tiveram poucas chances, dando cada vez mais lugar às imitações, aos requebros e às cantorias da menina. Desde pequena era engraçada, largava tudo para se mostrar!

Mas o vaivém das lembranças continuava a voar como passarinho, embora o carro avançasse no início do Posto Seis, e fizesse crescer a

expectativa da comediante em estar no *Samba de Primeira*. As risadas provocadas por suas falas engraçadas descontraíram a longa viagem, nos levando a esquecer o terrível trânsito. Em alguns momentos, ela oscilava entre sentimentos de tristeza e de alegria. Entremeava sua emoção com um fato triste, tão marcante na infância.



Na avenida Rio Branco, no Carnaval de 1933

NO CÉU NÃO TEM ANJO NEGRO

Marina recorda de um acontecimento envolvendo o preconceito racial quando criança, quando nem entendia o que era isso. Aydil manda fazer um lindo vestido branco para ela encenar um anjo na festa de Coroação de Nossa Senhora, na Paróquia São Paulo Apóstolo, que fica na tranquila rua Barão de Ipanema.

Chegando à festa, a professora de catecismo, a mesma que exigiu o vestido branco e coroa para a menina participar do evento, barra sua entrada nos bastidores. Sem uma explicação lógica, o acontecimento fez a pequena ir chorar nos braços da mãe, que às vezes chama de madrinha e às vezes de Didi.

— Eu falei: “Dona Maria Alice, eu não tô com o vestido longo e branco e a coroa que a senhora pediu?” Ela disse: “Tá, mas no céu não tem anjo preto”. Foi um horror! Fui atrás da minha madrinha chorando muito. Eu disse: “Minha dindinha, eu não posso participar da coroação de Nossa Senhora porque não tem anjo da minha cor no céu”.

A mãe tentou contornar a situação, mas sabia do que se tratava. “Um golpe cruel para toda a vida”, nas palavras da própria Marina. Mas ainda que esse comportamento desumano fosse carregado de tristeza, nada tirava a alegria dela por muito tempo.

Não demorou para entender que o preconceito racial é parte da crueldade humana. Uma negra, filha adotiva de família branca no Brasil dos anos 1930, não era vista pela sociedade com bons olhos. O racismo começava a se evidenciar no dia a dia de Marina Miranda.

Sua infância com a mãe de criação, que lhe deu todos os direitos que uma filha podia ter, foi conduzida com ótima educação, incluindo certa orientação sobre a raça negra e incentivo a sua autoestima. “Você é bonita, tem brilho!” Ela fazia questão de sublinhar o orgulho de tê-la como filha.

Por conta de sua facilidade para aprender, foi alfabetizada por Aydil e entrou na escola primária já sabendo ler e escrever. As notas eram as melhores da turma. Na escola, seu talento para a música se reforçou com o incentivo de um grande “professor”.

GAROTA NOTA 10 AO SOM MUSICAL

A comediante confessa que era levada, mas orgulha-se da boa nota em leitura. Tinha ótima entonação, sem nunca ter assistido a uma aula de teatro.

— Eu lia com boa expressão teatral — explica, evidenciando uma de suas características que serviriam para a interpretação.

“Marina tirou 10!” A professora anunciava a nota em sala de aula na Escola Municipal Doutor Cocio Barcellos, que ainda existe no bairro, bem perto de sua casa. O nome é em homenagem ao médico gaúcho que veio jovem para estudar no Rio de Janeiro e morar com a família. Cinco anos depois se formou em medicina.

— Ele morreu afogado na praia de Copacabana. Doutor Silvio Cocio Barcellos. A família dele comprou um terreno e deu o nome à escola. Lá eu conheci minha melhor amiga, a Palmira Leite.

Nessa escola pública, um ilustre da música brasileira aparecia para ensinar educação musical. Ela expõe, animada, suas peripécias com a música na turma.

— Escuta aqui, aos 12 anos, quem me ensinou muita coisa, e você vai ficar bobo de saber, foi o maestro Heitor Villa-Lobos. Ele mesmo! Um maestro muito severo... severíssimo.

O maior compositor brasileiro de todos os tempos foi o grande estimulador do estudo musical da menina Marina. “Terra de Santa Cruz, pa-pa-pá”, cantarola a música que o compositor ensaiava com a turma. Diferentemente do que ouvia em casa, ópera italiana, o seu canto na escola era música brasileira, e nem todo aluno recebia a aprovação do maestro.



A história da moça Marina Miranda não é a história para a imprensa. É história para cinema.

Ela tinha somente três anos, quando vivia praticamente abandonada, entregue à própria sorte, na cidade de Paraíba do Sul. O destino havia feito isso com ela: deixara-a ao Deus dará. Ninguém queria a garota, a pretinha magrinha.

Mas dona Aidil Floresta de Miranda, que então passava uma temporada naquela cidade fluminense, tomou a si o encargo de criar a criança. Dona Aidil é um monumento de virtudes, um oceano de bondade. Tem um coração deste tamanho.

Tomou ao colo a pretinha. Trouxe-a para o Rio. E a pretinha foi crescendo.

Um dia — e Marina ainda era muito tenra — a garota revelou pandoras artísticas. Demonstrou musicalidade inata, softejava afinadinho e bonitinho tudo o que ouvia.

No Carnaval de 1935 dona Aidil fantasiou a menina de baiana e Marina nas ruas e nos bailes fez um sucesso enorme, com sua voz bonita e seu gingar de corpo. Mas tudo influência do Carnaval.

Marina gosta mesmo é da música lírica. Não despreza a popular, — entanto.

E foi assim que certa vez dona Aidil surpreendeu a garota ouvindo na vitrola, a meio-son, a ária "Vissi d'arte", da Tosca, de Puccini e querendo cantar junto com o soprano. Era a grande revelação para dona Aidil: Marina tinha realmente linda voz e esplêndida vocação para o bel canto. O seu entusiasmo foi uma alegria para a garota. E Marina pôde comparar outros discos e partituras de romanzas e árias para iniciar seu repertório operístico, sem conhecer nada de música e muito menos de italiano. Reproduzia os discos fielmente, unicamente pelo ouvido!

Depois, lá com um repertóriozinho mais ou menos ensaiado, Marina costumava colocar os discos baixinho, para ter o seguimento da melodia, e cantar, a todo volume, a ponto de chamar a atenção de toda a vizinhança. Seus agudos eram uma beleza, tinham volume e deixavam todos impressionados. O material vocal de Marina, realmente maravilhoso, era a sua credencial para uma apresentação pública. Animada, a moça lá se foi para o "Papel Carbono".

Logo no primeiro ensaio Scarambone ficou doído pela voz de Marina. E a caloura que pela primeira vez entrava numa estação de rá-

à glória lírica

dio, ficou com prioridade de apresentação sobre centenas de candidatas, sendo programada imediatamente!

Na noite do "Papel Carbono", quando Renato Murce anunciou "Vissi d'arte" pela Marina e que o público viu no palco uma pretinha delgada, houve risos. Entrou o piano e entrou Marina, fazendo-se logo aos primeiros compassos apavorante silêncio no auditório da Nacional. E a última nota saía da gargantinha dourada da moça se perdeu no borborinho dos aplausos que coroaram sua primeira mostra. E Marina teve de cantar mais um número, a Valsa da Museta, da "Bohème", que fez o público vibrar em novo e demorado aplauso.

Renato Murce falou então do processo da caloura, para aprender seus números, utilizando os discos na vitrola e procurando o jornalista italiano, Dino, na esquina de Siqueira Campos com Nossa Senhora de Copacabana, para aprender a pronúncia correta das palavras. Sim, é assim que procede a idealista Marina, uma figurinha humana encantadora, um exemplo de tenacidade, uma promessa rissonha para a música lírica no Brasil.

UM CURSO

Marina precisa urgentemente de um curso de canto. O material de garganta que a natureza lhe deu não pode ficar perdido e prejudicado pelas naturais imperfeições técnicas que ela fatalmente acusa. Um curso terá importância fundamental na carreira ainda incerta da idealista doméstica, que compra discos e partituras e todo dia ensaia "La mamma morta", "Caro nome che il mio cor", "Addio del passato", "Si, mi chiamaro Mimì", "Voi lo sapete, o mamma" ou "Un bel di vedremo" e que vive às voltas com Giordano, Verdi, Puccini ou Mascagni.

Deixamos aqui o alvitre aos professores de canto desta terra abençoada e cá estaremos para prestigiar toda e qualquer iniciativa a respeito. Porque acreditamos plenamente no futuro fulgurante daquela pretinha magricela que a bondade de dona Aidil trouxe, um dia, para a vida...



Aqui temos a futura colega de Elisabetta Barbatto em plena exibição para a reportagem. Aquele mesmo "Caro nome" que então ouvíamos em audição exclusiva, será amanhã ouvido por numerosas platéias que coroarão com o aplauso o valor da grande solista.

— Mas eu tinha uma boa voz. Aí, para o espanto de todos, ele me botou para cantar na frente da turma — se orgulha.

Todos nós, quietos no carro, ouvíamos com atenção sua história carregada de imagens. Com discurso preciso e contagiante, ela revivia a movimentação de cada acontecimento do passado, até que, após um breve silêncio causado pela busca de lembranças, surpreendeu a todos, rindo de si própria:

— Misericórdia!

Todos rimos, porque a expressão saiu com muita graça, soando quase como um bordão. Assim como ela costuma usar a palavra “Maravilhosa!”, adjetivando com exclamação as coisas e pessoas.

Marina crescia cercada por plateia na escola e em casa, nos encontros de amigos da mãe que se reuniam aos domingos na sala. O espaço da rua Raimundo Correia foi se transformando em palco para a pequena, que tentava imitar a voz das cantoras de ópera italiana. Suas preferidas, seguindo o gosto musical da mãe. Todos aproveitavam para vê-la dançar diante de uma ópera tocando na vitrola ou no rádio.

A certa altura, “já mocinha”, a jovem começou a aprender várias árias. Recebia convites para cantar em festas e nos “chás de madames” pela redondeza.

— Eu cantava trechos de óperas que decorava. Não entendia nada, mas gostava — acrescentando que nem por isso deixava de gostar das marchinhas e do Carnaval.

Aydil, percebendo cada vez mais o talento da filha, foi relaxando nas preocupações com o destino dela, passando a incentivá-la para seguir o caminho artístico.

— Era ótima a minha vivacidade para ouvir e imitar cantores. Minha mãe viu que ainda criança eu vivia atenta para a música e o tom de voz das cantoras. Imitava com todos os gestos que imaginava através do disco, sem nunca ter visto antes uma apresentação ao vivo.

O cinema também foi outro espaço para as imitações de Marina. Com simplicidade e ternura, ela não se cansa de enaltecer alguns nomes, caso da cantora e atriz Carmen Miranda; da dançarina, atriz e comediante Vera Regina; e dos mestres do humor Oscarito e Grande Otelo. Todos fizeram parte do imaginário da jovem, que viu no trabalho deles um pouco do modelo para sua carreira.

IMITANDO CARMEN MIRANDA DENTRO DO CINEMA

Após a idade escolar, Marina descobriu a paixão pela sétima arte, frequentando um dos cinemas de Copacabana, bem pertinho de sua casa; dava para ir a pé. Ela não se esquece da juventude, imitando Carmen Miranda dentro da antiga sala cinematográfica. A garota inteligente, crescendo cheia de atitude e com atenção para descobrir a vida ao seu redor, deixava transparecer um leve sinal do empoderamento feminino discutido atualmente. As cenas que protagonizou por lá se mantêm claras em sua memória.

— Quando a Carmen Miranda aparecia dançando e cantando no telão, eu enlouquecia!

A artista luso-brasileira fez um total de catorze filmes nos EUA entre as décadas de 1940 e 1950. A comediante traz de volta à memória cenas do filme *Uma noite no Rio* com aquela que se tornava seu grande ídolo cantando “Chica Chica Boom Chic”, uma canção-fox ou samba-rumba, composição de Harry Warren e Mack Gordon acompanhada pelo Bando da Lua.

— Eu a imitava na plateia. Não perdia uma fita dela — garante, feliz pela lembrança desse tempo, cantando sentada no carro, mexendo os ombros e as mãos com animação: “Ticaticabum, ticabum, ticabum; ticaticabum, ticabum, ticabum...”. Em seguida, para e cai na risada.

— Menino, que garota levada! Como eu aprontava! Mas fazia tudo de brincadeira, nunca pensei em nada, queria era ser feliz.

Inspirada na portuguesa mais brasileira que o mundo já viu cantar e dançar, Marina foi da plateia para os palcos. A menina que sempre passeava com a mãe, na juventude, trocou sua companhia pelos amigos do tempo da escola para ir ao cinema. E afirma:

— Não tinha esse negócio de namoro, não. Apenas me divertia. Ia uma turma animada pro cinema comigo. Minha mãe só me acompanhou nos programas de calouros da Nacional. Na TV Rio eu já estava “taluda”.

Pegou os passos e trejeitos da estrela na plateia do cinema para mostrar aos colegas o seu taticabum. A comediante adorava o figurino extravagante e reluzente da Brazilian Bombshell, com aquele rebolado especial e jeito diferente de cantar. Seus olhos se surpreendiam com aquele visual arrebatador, com o cesto de frutas na cabeça. Os balançandãs pendurados no pescoço e nos pulsos balançavam eletrizantes e com gingados quando a cantora dançava com as mãos pra lá e pra cá.

Muito desse brilho e colorido foram traços nas roupas de Marina em sua ferveção artística.

— As imitações de Carmen Miranda com certeza me deram inspiração para a arte — garante ela, que por coincidência tem o sobrenome do seu ídolo.

OUTRAS INSPIRAÇÕES: OSCARITO, GRANDE OTELO E VERA REGINA

Com o carro passando pela avenida Atlântica, Marina lembrou das famosas chanchadas, as comédias populares produzidas pela Atlântida Cinematográfica. Seus olhos brilhavam ao lembrar da dupla de estrondoso sucesso, os cômicos Oscarito e Grande Otelo.

— Com Oscarito eu fiz participação num filme, já com Otelo eu trabalhei numa mesma novela, mas não contracenamos. Eles foram muito importantes na minha vida como referência de humor.

A novela em que não contracenou com Grande Otelo, apesar de ambos estarem no elenco, foi *Mandala*, de Dias Gomes, escrita a partir

do capítulo 35 por Marcílio Moraes, com a colaboração de Lauro César Muniz. Posteriormente, a atriz reencontrou o colega em cena na sala de aula da *Escolinha do Professor Raimundo*.

Outra que serviu de espelho para forjar a artista Marina foi a comediante Vera Regina, que atuava como *partner* de Otelo no cinema e nas revistas, mas que começou a carreira nos anos 1940 como dançarina nas apresentações de Silveira Sampaio.

— Ai, que saudades dela naqueles antigos musicais. Chegou a fazer umas coisinhas na televisão, mas era mesmo das chanchadas.

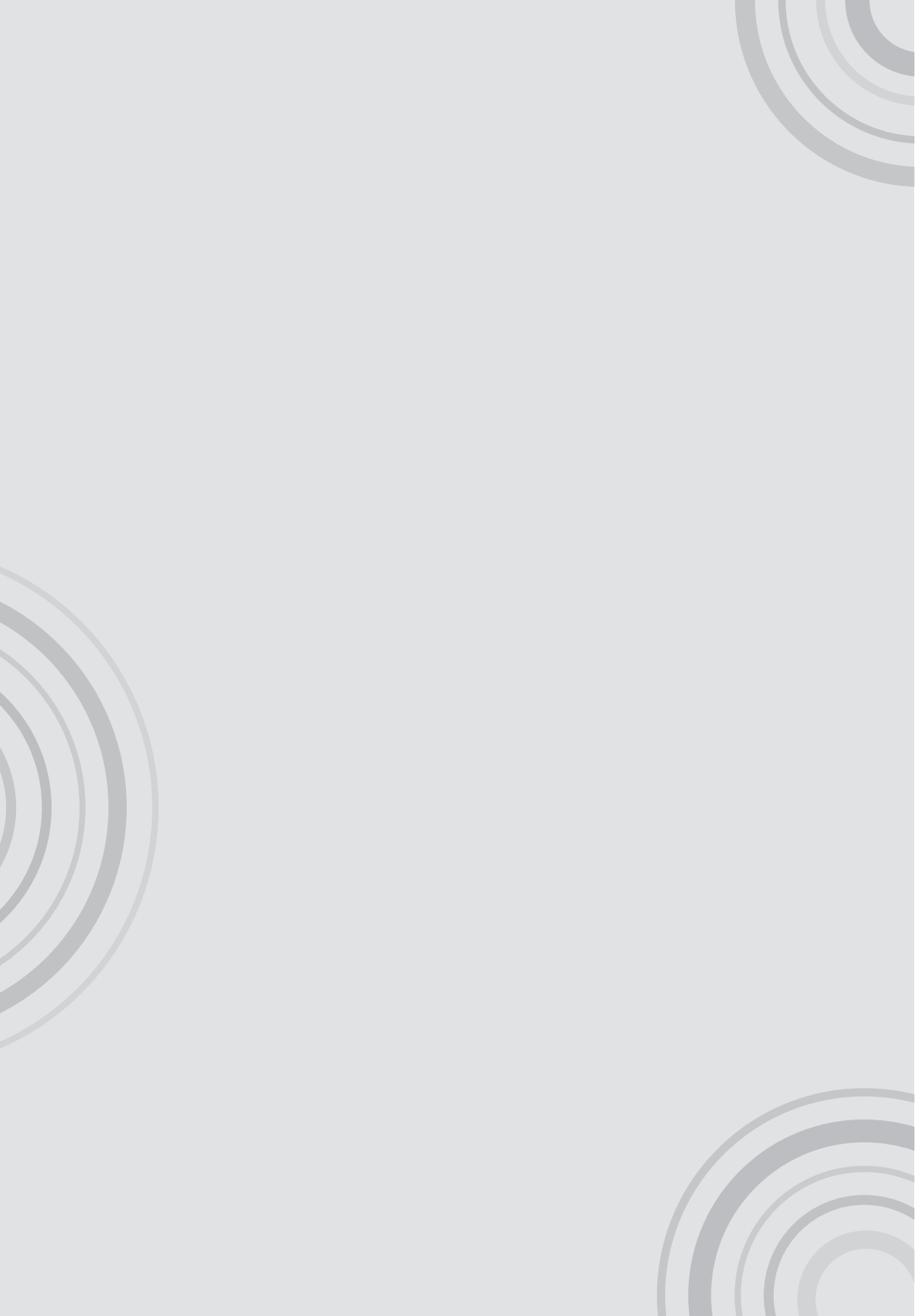
A comediante diz que ficava de olhos vidrados na atuação da moça nas telas, que impôs seu jeito peculiar ao representar de peruca loira. A caricata conta que ainda hoje tem gente que a chama de Vera Regina, numa confusão entre as características pessoais e o trabalho das duas.

— Vera lançou no Brasil o negro de cabelo loiro. A primeira negra brasileira a adotar o loiro nos cabelos em seus trabalhos nos filmes. Eu copiei — se entrega, rindo.

A artista, na cola da “preta-loira”, trabalhou com dois diretores que também fizeram parte da carreira dessa musa.

Com Carlos Manga, esteve no filme *Entre mulheres e espões*, última participação de Oscarito na Atlântida. Com Carlos Machado, ela teve atuação de comediante e cantora muito elogiada no musical *O teu cabelo não nega*, em homenagem ao compositor Lamartine Babo. Lamartine, conhecido como Lalá, é o autor da marchinha carnavalesca de mesmo nome, considerada racista.

Ao fim da avenida Atlântica, ouvimos histórias de Marina como caloura no auditório da Rádio Nacional. A emissora carioca foi considerada a maior e mais importante da América Latina nos anos 1940 e 1950, graças a sua ótima programação e à audiência dos programas ao vivo, com plateia e orquestra, nos primórdios do rádio brasileiro.



CANTORA LÍRICA NA RÁDIO NACIONAL

Para cantar óperas da Renata Tebaldi, considerada uma das grandes da ópera italiana e uma das melhores sopranos de todos os tempos, a jovem de 22 anos ensaiava colada à vitrola. Gostava de música lírica, sem desprezar o popular.

Marina surpreendeu a mãe ao ouvir a ária “Vissi d’arte”, da *Tosca*, de Giacomo Puccini, querendo acompanhar o tom da soprano. Passou a comprar discos e partituras e formou seu repertório.

— Eu adorava a Tebaldi, e tinha a voz tão parecida com a dela que os vizinhos ficavam impressionados e vinham falar com minha mãe.

Marina conta que dona Aydil leu nota publicada num jornal que a deixou animada. O programa de calouros *Papel Carbono*, apresentado pelo jornalista e radialista Renato Murce estava à procura de novos valores da música. A mãe deu a notícia à filha com o periódico na mão.

— Vou levar você lá! Estuda uma música — Marina repete as palavras da mãe.

— Eu estudei uma ópera da Tebaldi. A vitrola tocando e eu ouvindo, mas pensei: “Ai, meu Deus, o que eu tô falando, aqui? Eu não sei nada dessa língua”.

A partir daquela dúvida, foi até o jornalista Dino, italiano da banca da esquina da rua Siqueira Campos com Nossa Senhora de Copacabana, que lhe explicou a letra da ária palavra por palavra. Ele a ajudou na pronúncia da composição e ela reproduziu fielmente a ária que ouvia.

Passaram pelo programa de Murce nomes como Ângela Maria, Os Cariocas, Doris Monteiro, Agnaldo Rayol, Roberto Carlos e Baden Powell.

Uma moça negra, magra e graciosa, subiu ao palco da Rádio Nacional para cantar acompanhada ao vivo de uma orquestra de sessenta músicos. Foi vista com desconfiança pelo público e pelo comunicador da Era de Ouro do Rádio.

— Achava que eu ia cantar samba.

Quando Murce anunciou a composição de Rossini, houve risos na plateia, mas fez-se silêncio quando se ouviu a excelente extensão vocal de Marina. Os aplausos foram tantos que depois ela teve que cantar a “Valsa de Masetta”, de *La bohème*, com todos a ovacionando no final da apresentação e “o apresentador de queixo caído”.

Para a sociedade, a pele negra era vista como uma marca da música popular dos terreiros cariocas. E era quase inaceitável, a não ser para risos e pilhérias, que um afrodescendente cantasse uma música europeia.

A QUERIDINHA DO MURCE

A cantora obteve o primeiro lugar no programa *Papel Carbone* várias vezes. O radialista Renato Murce exaltava a sua voz quando a ouvia cantar: “É um diamante negro!”, bradava para a plateia, despertando a alegria de Aydil, de olho na filha.

Pronto, virou a queridinha do radialista! Uma vez no ar, ele fez um apelo para que Marina conseguisse uma professora de canto sem pagar nada. “Isso é um diamante bruto”, elogiava, na busca para conseguir a orientadora vocal.

Ela não sabia nada de teoria musical, pois aprendia de ouvido. Ganhou bolsa para estudar na Escola Nacional de Música (1937-1965), mas não concluiu o curso, ficando como bolsista das aulas particulares de uma das melhores professoras de música: Marietta Campello Barrozo.

— Fui à casa dela com minha mãe. Acertamos tudo e fiquei fazendo as aulas. Você sabe que no final de ano ela levou os alunos para uma audição no Municipal?

Marina nunca havia entrado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, mas confessa que teve uma sensação boa ao se apresentar cantando naquele palco. Acrescenta que, quando as cortinas se abriram, veio nela a certeza do que queria seguir como profissão.

— Tanto que, quando recebi o convite do Bôscoli, eu disse: sou cantora lírica, não vou fazer comédia — contou, aos risos. — Sabe quem é, né? Aquele tio do jornalista Ronaldo Bôscoli — referindo-se com ternura ao grande revisteiro Geysa Bôscoli.

E não faltaram incentivos carinhosos que Marina ouvia do público pelas rádios quanto ao seu talento musical e pessoal: “é uma figurinha humana muito encantadora”, “um exemplo de tenacidade”, “uma promessa risonha para a música lírica do Brasil”.

Em entrevista de uma página na revista *Intervalo*, Marina comenta suas idas à Rádio Tupi para se apresentar no programa de renomado compositor e apresentador Ary Barroso, “o terror dos calouros”. Explica:

— Tirava sempre nota máxima, a ponto do Ary se apavorar quando me inscrevia no *Calouros em Desfile*.

Durante minhas pesquisas, uma pergunta surgiu quanto à apresentação de Marina Miranda no programa de Ary Barroso, *Calouros em Desfile*. É de conhecimento público a paixão do compositor e comunicador pela música popular brasileira e nosso idioma, não sendo visto como apreciador de músicas estrangeiras. Perguntei-me como seria a receptividade do nacionalista a uma negra cantando ópera italiana em seu programa. Teria ele alguma coisa contra?

Por esse motivo consultei um dos maiores historiadores e críticos musicais do país, Ricardo Cravo Albin, que de forma carinhosa e precisa, me esclareceu a respeito do assunto:

— Os candidatos selecionados para se exhibir teriam todas as possibilidades de escolher o que cantar. Sobretudo os cantores líricos. Portanto, acredito que ele jamais deixaria de autorizar que calouros líricos cantassem os grandes momentos das árias mais conhecidas de todos. Quanto a Renato Murce, é claro, ainda mais, que seus calouros cantassem música estrangeira sem restrições.

A matéria da revista de edição de 17 a 23 de novembro, publicada em 1963, segue discorrendo sobre essa trajetória:

“Com o primeiro prêmio levantado, de Cr\$ 2.500,00”, no *Calouros em Desfile*, “Marina provocou sorrisos e lágrimas de gratidão de Dona Didi, uma senhora que a cria desde os 3 anos de idade: comprou-lhe um liquidificador”.

Mesmo não seguindo a carreira de cantora, ela voltou a se apresentar nos programas de auditório da Rádio Nacional para cantar marchinhas de Carnaval. Depois se apresentou cantando na televisão nos programas *Meio-Dia*, de Jacy Campos, Mauro Montalvão, Lídia Mattos e Aérton Perlingeiro, todos na TV Tupi.

TCHÃ! ONDE VI O TIÃO?

No ritmo de um relâmpago, Marina muda o rumo da prosa para não esquecer o que vinha à cabeça. Surge no meio da conversa a vontade de lembrar da maneira inusitada como conheceu Tião Macalé.

— Peraí, menino! Como o Tião entrou no babado?!

Aos poucos, vai tentando montar seu quebra-cabeça. Por mais que não tivesse encaixando uma peça naquele instante, ela sabia que conseguiria em outro momento.

— Não sei se me apresentaram ele numa festa... — pondera. — Pode deixar que daqui a pouco eu lembro — seguiu, convicta de que ia se recordar do primeiro encontro com o eterno amigo.

Enquanto isso não acontecia, o carro começou a parar no trânsito antes de chegar a Ipanema. A princípio nada justificava qualquer congestionamento no trecho do nosso caminho em direção à Barra, embora se falasse em uma obra da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (Cedae) que fechara por ali as vias de alguns bairros, complicando o tráfego de carros na região. O que eu sei é que o veículo ficou parado por algum tempo enquanto Marina forçava sua mente inquieta por mais essa lembrança.

— Ai, meu Deus! Como conheci esse nojento? — e ria de si mesma, com todos em coro.



“Ô, Crioula Difícil”: contracenando com Tião Macalé

SALVA PELO GONGO!

— Peraí, tô me lembrando! — foi o sinal da comediante para dizer onde conheceu Tião Macalé. — Ah! Foi no programa do Ary Barroso. Foi lá que vi o Tião pela primeira vez, mas não tinha intimidade.

Macalé batia o gongo para quem cantasse errado, após um simples gesto do comunicador de grande exigência musical, transformando-o no carrasco personificado, o alter ego do apresentador na década de 1960, no *Show do Gongo*, seu início de carreira na televisão.

— Todo calouro tinha medo do Ary, mas eu fui com coragem. Ele me perguntou: “Vai cantar o quê, um samba, minha filha?” Eu disse: “Não. Vou cantar uma ópera”.

Marina comenta, rindo, que o comunicador nacionalista, em vez de sair de perto para ela começar a música, ficou grudado. Em sua opinião, ele não acreditava que uma negra pudesse cantar ópera.

— Ele ficou me escabreando para ver se me estonteava — conta, aos risos, me levando a rir também com a graça das palavras antigas.

Comenta que sentia os óculos dele, redondinhos, perto de seu rosto, mas não teve medo da pressão. Trazia a certeza de que o temido apresentador queria intimidá-la para encontrar algum erro, mas foi até o fim, ganhando o prêmio de melhor cantora do ano.

— O Ary dizia: “O Macalé não bateu o gongo pra ela!” Foi aí que vi o Tião pela primeira vez.

FÃ DE ÂNGELA MARIA E CAUBY PEIXOTO

Quando não estava cantando no auditório da Rádio Nacional, Marina aproveitava para tietar, mesmo a distância, seus ídolos brasileiros.

— Eu adorava ver a Ângela Maria e o Cauby Peixoto.

Nesse período nem passava pela cabeça da comediante participar dos programas de humor na Rádio Nacional, um dos pontos altos de audiência, com atuações de nomes como a dupla Jararaca e Ratinho, Brandão Filho e Apolo Correia (Tancredo e Trancado), e Lauro Borges e Castro Barbosa (*Piadas do Manduca*).

O *Balança mas Não Cai*, criado pela dupla Max Nunes e Haroldo Barbosa, era sucesso na emissora com Paulo Gracindo. Exatamente o humorístico de que mais tarde Marina fez parte com a Crioula Difícil entre seus diversos tipos populares.

— Por mais que eu insistisse em ser cantora de ópera, meu corpo inteiro transpirava humor, com minhas caras e bocas, chamando a atenção dos diretores.

A princípio ela relutou, mas logo foi agarrando as oportunidades que surgiam como atriz e comediante, sem esquecer a música. E a partir da primeira experiência tudo foi acontecendo tão rápido que ela não teve tempo para pensar muito. O atributo para o humor, “raro e precioso”, falou mais alto no coração da jovem, mostrando o seu verdadeiro talento.

NASCE A ATRIZ CÔMICA NA CIA. DE GEYSA BÔSCOLI

Os dias assíduos da cantora nas rádios estavam acabando no começo de 1960 para dar início ao talento da comediante. As transformações começaram em sua vida pessoal e profissional. As tais caretas da cantora — algumas se mostrando bicuda, como na cara que Grande Otelo fazia — chamaram a atenção de Geysa Bôscoli.

Com ótimas produções de revistas e operetas em Copacabana, o teatrólogo de sucesso queria Marina para integrar o elenco da burleta, com cara de revista, *Por que me ufano de Bananal*, no lançamento da Companhia de Teatro Bem Brasileira, com texto e direção do criador das revistas de bolso.

O espetáculo foi assunto nas páginas do *Correio da Manhã*. “Uma farsa ligeira com música, que foi moda em tempos idos”, definiu Geysa em entrevista ao jornal, acrescentando que a ideia da peça surgiu por achar que o gênero revista já não existia mais como antes. “Um ritmo moderno com interferência da orquestra na cena para tirar o teatro musicado da mesmice.”

Se o canto lírico perde uma soprano em potencial em seu começo radiofônico, a comédia ganha uma ótima e engraçada atriz. Nasce aí a comediante, no espetáculo em homenagem à cantora Aracy Cortes, presença madura e experiente no palco.



Contracenando com Dilma Cunha em *Por que me ufano de Bananal*

Quando Geysa descobriu o talento de Marina, ela teve apenas quinze dias para o ensaio da peça. Muito bem no papel, em todas as suas entradas foi a artista mais aplaudida do espetáculo em cartaz. Para dar maior veracidade a uma “personagem em transe”, sem conhecimento dos preceitos das religiões afro-brasileiras, foi vivenciar uma experiência num terreiro.

— Ah, eu nunca tinha entrado num terreiro, sabia? Para mim, tudo foi muito curioso. Fiquei apreensiva, mas quieta, observando todos os detalhes na sessão espírita com cantos de louvor aos orixás. Consegui ótimas informações e o personagem foi um sucesso. Depois achei tudo muito natural fazendo a cena todo dia.

A estreia foi no palco do antigo Teatro São Jorge, no bairro do Catete, apresentando como novidades da comédia Marina Miranda e Dilma Cunha, o “brotinho” que se tornou estrela.

— A Dilma era linda! O padrasto deu uma navalhada na cara dela, acredita? Uma tristeza! — revela com pavor o drama.

A comediante muda de assunto, parecendo não querer mais falar no drama da colega de palco. Mas continua a discorrer sobre a peça, com orgulho por começar no teatro ao lado de nomes consagrados.

— Estreei no teatro com muita gente boa. A grande Aracy já tinha atuado muito, cantando nas revistas, e Jararaca e Ratinho eram os reis da burlata. O João Roberto Kelly foi quem me deu a chance de cantar profissionalmente num palco.

Kelly, cantor, compositor, pianista e produtor musical que conheceu Marina nos ensaios da peça que musicava, orgulhosamente confirma isso. O mestre das marchinhas carnavalescas ficou encantado com seu poder de encenação no teatro musicado, chamando a atenção de quem estava na plateia.

Mas quem disse que a vocação para o canto lírico escapou aos olhos dele? Marina ganhou espaço para cantar ópera. A dobradinha música e humor rendeu aplausos à artista e elogios do diretor musical em sua primeira peça.

— Ela já era uma caricata! No espetáculo, eu abri uma brecha para cantar uma ária de ópera, mas prontamente mostrava uma ótima comicidade. Não lembro qual, mas era uma música erudita que fazia muito sucesso na voz soprano dela.

E sua apresentação foi uma novidade! Curiosa aquela atração clássica em meio à popular e alegre peça.

— Quem descobriu o talento da Marina para o humor foi o doutor Geysa — chamava-o assim por ele ser formado em direito —, mas nos palcos eu dei a primeira chance para ela cantar o que sabia. Marina é notável! — declara Kelly com entusiasmo, acrescentando ser o fã número 1 da *Crioula Difícil*.

Quando soube pela nossa conversa que a comediante foi chamada por este jornalista de “Pequena Notável de Paraíba do Sul” em um capítulo deste livro, disse rapidamente:

— Eu assino embaixo.

CARICATA NO PALCO

As lembranças continuam indo e vindo, sem uma ordem cronológica. Agora ela volta ao começo de sua carreira humorística quando cito que foi chamada de “caricata” em publicação do jornal *Correio da*

Manhã, em 1961. Até então ninguém conhecia detalhes de sua carreira. Uma nota intitulada “Você sabia?” dava a dica: “A caricata Marina Miranda foi descoberta para televisão por acaso e antes de dedicar-se à carreira artística como comediante sonhava ser cantora lírica, tendo até iniciado os estudos de canto”.

No início como comediante, a moça não desistiu da carreira musical, sendo aproveitada nas peças teatrais para cantar usando caretas e gestos que marcavam sua presença nos palcos. Em busca de um melhor desempenho, ela conta que procurou a professora e pianista Noêmia Campos Silvino, mãe do humorista Paulo Silvino, para fazer aulas de canto.

— Caricata é o que sou. Sempre fui! O jornal disse o que todos passaram a me chamar e eu gosto, sem o menor problema.

DESTAQUE EM CRÍTICA TEATRAL DO JORNAL *A NOITE*

A crítica do jornal *A Noite*, sem assinatura, não fala bem da peça *Por que me ufano de Bananal*, mas destaca em tom elogioso o humor caricato da artista. Com o título “Histórias de Bananal”, o texto registrou que a burlata-revista não chegava perto do que Geysa Bôscoli costumava mostrar como roteirista antes de fundar sua companhia.

A publicação descreve que o espetáculo, apresentado como estreia da Companhia Bem Brasileira, é “pra lá de medíocre”. Sobre os atores, cita a estreade Dilma Cunha. Considerada no material de divulgação da peça como a revelação do ano, o jornal diz que ela apenas “foi jeitosa e graciosa, mas não passa disso”. E a partir daí registra o bom desempenho de Marina no palco, deixando escapar nas linhas o preconceito da época com o artista negro: “Há uma creoulinha que vale a peça. A única que tem papel, porque não precisou representar. Bastou ser ela mesma. Tipo Sacy, irrequieta, dinâmica, esfuziante, biruta, mas que fez rir e nota-se cantou muito bem, embora em um idioma que ninguém saberá dizer qual, mas cantou com agrado”.

Devido aos bons comentários e ao “boca a boca” sobre a comichidade da jovem na peça, um produtor da TV Rio esteve no teatro para

assistir à sua participação e, no final do espetáculo, a encontrou para elogiar seu trabalho.

— Ele disse: “Menina, você é muito boa, tem que fazer os programas humorísticos, vou te levar para trabalhar na televisão. Você é uma moça muito engraçada” — reproduz a fala do produtor e continua. — O que eu sei é que esse homem não apareceu mais e continuei no teatro.

MARINA FAZ SUCESSO NO MUSICAL DE CARLOS MACHADO

Sua fama de cantora-atriz-cômica correu pelos bastidores artísticos até aceitar o convite do Rei da Noite, Carlos Machado, agente de vários clássicos do teatro de revista.

O espetáculo musical *O teu cabelo não nega*, em homenagem a Lamartine Babo, dirigido e produzido pelo empresário no Golden Room do Copacabana Palace, foi o grande impulso à carreira da atriz e comediante. Cada vez que ela entrava em cena era aplaudida com gargalhadas.

— Peguei o meu primeiro ordenado e comprei à vista uma geladeira novinha para minha mãe, que já não tava bem das finanças.

O espetáculo com o título de uma das canções mais populares do compositor, apaixonado por futebol e torcedor do América, vai muito além dessa marchinha. Revive diversas composições, entre valsas, hinos dos maiores e mais tradicionais times de futebol do Rio de Janeiro e peças juninas.

A crítica de Van Jafa no *Correio da Manhã* faz comentários sobre um espetáculo que brilhou agarrado às luzes que se refletiam nos belíssimos figurinos de Gisela Machado, “um capítulo à parte na história do show porque formam um show dentro do show”. O jornalista não poupa elogios à homenagem ao Lalá e sua obra, que traz de volta o magnífico produtor e realizador ao pódio das atrações da noite carioca. “Pode não ser o melhor show de Carlos Machado, mas é seguramente o melhor espetáculo brasileiro já montado no Copacabana”.

A HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO EM “TEU CABELO NÃO NEGA”

O empresário Carlos Machado partiu para seu 47.º “show” com todo o entusiasmo da primeira vez e o resultado está no “Golden Room” do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. “Teu Cabelo não Nega”, um documentário musical da Cidade Maravilhosa ilustrado com músicas de Lamartine Babo, ultrapassa tudo que o “dono da noite

carioca” já fez. Não é à toa que ele passou três anos alimentando o projeto, só agora conseguindo levá-lo adiante. Após esta temporada, iniciada a semana passada em caráter de pré-comemoração do IV Centenário do Rio de Janeiro, o espetáculo, convenientemente acrescido de dois ou três quadros, será trazido a um teatro de São Paulo.



34 A

Sem grandes astros, o elenco envolvia um bom número de atores, cantores, músicos, “corpo de baile e modelos”, nomes que começavam a despontar nos anos 1960. A análise aponta o “realce merecido para a graciosidade e o talento da principal bailarina Vilma Vernon”, enfatiza itens como a “espontaneidade da escurinha Marina Miranda (parece-me com mais possibilidades do que Vera Regina)”, “a voz e presença de Hilton Prado”, “os dotes histriônicos de Carlos Leite” e “a saúde de Gigi da Mangueira, Daurimar Barbosa e Teresa Nicols”. E registra que “Joel de Almeida não está tão bem como se poderia supor: ele não soube tirar partido da deliciosa ‘I Love You’. No dueto com Marina Miranda, vai melhor, mas ainda assim é ofuscado pela companheira”, fecha o parágrafo.



Contracenando com Joel de Almeida em *O teu cabelo não nega*

A artista diz ser a primeira negra brasileira a subir naquele palco com destaque de comediante, antes de Josephine Baker, que esteve lá em temporada no ano de 1963. E parecendo surpresa com sua memória, num sobressalto, comenta que Grande Otelo, em uma entrevista, declarou que o Golden Room do histórico e luxuoso hotel, de porte internacional, não tinha costume de receber negros para apresentações.

— Estou numa lista de poucos artistas negros brasileiros a subir no palco do Copa naquele tempo. E isso nada me orgulha, já que as portas tinham que se abrir para todos. Fora do palco, uma ou outra pessoa e nada mais.

Jorge Coutinho, que, antes de ser ator e diretor, trabalhou como bombeiro hidráulico no Copa, disse que nessa época os negros só subiam pelo elevador de serviço, reforçando assim a lembrança de Marina sobre as palavras de Otelo.

VERSÃO FEMININA DE GRANDE OTELO

O sucesso de Marina Miranda no teatro veio com um apelido que faz referência ao talento do “pequeno notável” de Minas Gerais.

Ao ver a “caricata” na revista musical, Gisele Machado, mulher de Carlos e figurinista de todos os seus trabalhos, a elege como a “Grande Otelo de Saias” pelo seu desempenho, fazendo dela a revelação nos palcos quando o assunto era comédia.

Marina não esquece a cena com o ator Joel de Almeida, que fazia o personagem “seu Lalá”, e que rendeu fotos como destaque no jornal *Diário da Noite*.

— Eu usava um vestido amarelo, cheio de babados. Ele, chique e elegante, de terno e chapéu-panamá. O quadro fazia o maior sucesso.

Começa aí o sonho de ir para o cinema e a televisão. O teatro foi a porta de entrada para trabalhar na TV Rio. O início da carreira televisiva em uma das emissoras mais populares foi ao encontro de seu talento caricato.

Nesse período, a carreira de cantora começou a ser deixada de lado, pelo menos como principal profissão. Com os olhos marejados de lágrimas, a atriz suspira emocionada, sabendo que, apesar das boas lembranças, nada voltará a ser como antes. Em meio aos trabalhos na televisão, a cômica era convidada para fazer teatro e cinema. Mas não fez nada em grande proporção porque sua prioridade foram os programas humorísticos.



Dos palcos à telinha: nos bastidores da TV Rio

— A TV me ocupava e por isso eu não fazia muito teatro e cinema.

A cantora se deu bem como comediante, sem nunca ter feito curso de teatro. Consequentemente, da comediante se formou uma excelente atriz. Qual a diferença entre as duas? Para a artista, uma comediante será sempre uma atriz, mas uma atriz nem sempre será uma comediante.

— Hoje, você aprende a ser atriz na escola, mas na verdade ninguém ensina a ser comediante. Não acredito no contrário, que pode acabar sendo forçado. A comédia nasceu comigo e é natural — se envaidece.

Com o trânsito totalmente parado, ela aproveitou para resumir sua história no teatro. Fazia parte da nova geração de atores no Rio, mas sempre ligada à comédia. Quando começou na televisão, já tinha experiência de palco, o que até hoje significa um bom crédito para quem inicia uma carreira televisiva, embora sejam dois espaços e linguagens distintos.

— Quando as produções precisavam de uma negra comediante, lembravam de mim.

SEGUINDO COM HUMOR NO TEATRO

Com dedicação integral à televisão, demorou muito, mas voltou aos palcos em dezembro de 1973. Foi a sua naturalidade para a comédia que a fez ser convidada para *Mamãe, papai está ficando roxo*. O texto de Oduvaldo Vianna foi resultado da adaptação de Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, para o original *O homem que nasceu duas vezes*.

O novo título coroou a volta de Walter Avancini ao teatro, dirigindo a comediante integrada a um elenco de “primeira grandeza” no Teatro Galeria: Felipe Carone, Renata Fronzi, Ary Fontoura, Solange Jouvin, Denise Dumont e João Paulo Adour.

O jornalista Antônio Abreu, colecionador de programas impressos de peças de teatro, assistiu *Mamãe, papai está ficando roxo* e aplaudiu de pé a desenvoltura de Marina no palco.

— Tudo que ela fez na vida foi permeado com humor, assim como a Geraldina, empregada da casa dos personagens principais. A antiga peça foi reformulada para a época. Os figurinos e cenários do Juarez Machado, os objetos de cena, eram todos em tamanho gigante, para salientar o apego às coisas materiais.

ROY SUGAR

Mamãe, papai tá ficando roxo de tanto desespero na Galeria

JA está intrujada no sereno carioca, desde a semana passada, a peça **Mamãe, Papai Está Ficando Roxo**, de Oduvaldo Vianna Filho, no Teatro Galeria. O texto, originalmente escrito por Oduvaldo Vianna, pai, com o apelido de **O Homem Que Nasceu Duas Vezes**, conta a história de um chefe de família que está sendo levado à loucura, ao desespero, ou mesmo a "ficar roxo" pelos maus tratos da família, incluindo até os deboches da empregada. No segundo ato as coisas mudam de figura a ponto, de... Só vendo a peça é que se tem o conhecimento de um epílogo sensacional. Felipe Carone, Ari Fontoura e Renata Fronzi voltaram ao mesmo teatro onde fizeram sucesso na temporada passada com o **vaudeville O Peru**. Desta vez, ao lado de João Paulo Adour, Marina Miranda, Solange Jouvin e a estreadante Denise Dumont, Walter Avancini, diretor de novela da Rede Globo de Televisão, faz seu primeiro trabalho de direção de teatro no orvalho carioca. Em São Paulo, dirigiu várias peças com sucesso, como **A Infidelidade** no **Alcance de Todos**, que ficou um ano e meio em cartaz no Teatro Brasileiro de Comédia. A classe teatral e o público teceram vários elogios aos figurinos e cenários do cartunista Juarez Machado que, pela primeira vez, faz um trabalho para teatro. A música é do consagrado compositor Carlinhos Lyra. A produção é da Arika Produções. Quem estiver a fim de curtir uma boa peça, é só esticar no Teatro da Galeria. No boneco está a tremenda atriz Marina Miranda.



Jornal *Última Hora*, setembro de 1973

Após quatro anos, ela retorna ao teatro no espetáculo *Onde canta o sabiá*, de Gastão Tojeiro, no Teatro Municipal de Niterói. A comédia de costumes que mostra o Rio de Janeiro de 1920 resistiu ao tempo numa belíssima montagem.

— A direção foi daquele pernambucano... (tentando se lembrar) aquele seu amigo... que você fez o pastoril com ele lá em Bangu. Marido da Ilva Niño.

A fala de Marina se refere ao saudoso Luiz Mendonça, diretor com quem trabalhei como ator em 1994 no espetáculo *Da Lapinha ao pastoril*, na Lona Cultural Hermeto Pascoal. No elenco, os atores Ana Lúcia Neves, André Santos, Antônio Marcos Lira, Bárbara Castro, Cléa Matta, Clivaneide Regis, Cristina Santos, Edson Pereira, Élide Cândido, Gilson de Barros, Ney Motta, Luiz Carlos Gueba, Luiz Washington, Maria do Socorro, Marta Miranda, Norma Magalhães, Patrícia Cordeiro, Patrícia Pires, Rô Sant'Anna, Rose Germano, Simone Ricco e Valter Brito.

Onde canta o sabiá foi apresentada por quatro dias em Niterói e na mesma semana voltou ao Rio em cartaz nos teatros João Caetano e Ginástico com a atriz e cantora Tânia Alves, que não se esquece das boas risadas com a colega de trabalho.

— Eu adoro a Marina. Lembro-me de rir muito com ela durante os ensaios da peça em que eu fazia a filha do personagem do próprio Luiz Mendonça. Marina sempre foi engraçadíssima! Muito divertida e humana! Eu diria antológica!

Em crítica da peça publicada no jornal *O Globo* em 9 de dezembro de 1977, Tania Pacheco escreve sobre o que ela chama de “O Rio dos anos vinte na visão de um pernambucano”. Ela ressalta: “Muito bom o trabalho do elenco, encabeçado por Nadia Maria, Tânia Alves, Marina Miranda e Alby Ramos”. O elenco era completado com Octávio Cesar, Gugu Limecha e Nelson Melim.

Nas minhas investidas finais para juntar esse quebra-cabeça que é a vida e carreira da homenageada, com muitas peças perdidas da memória, me diverti em um bate-papo sobre ela com o ator e cantor José Araújo. O setentão, que interpretou num programa de rádio o “Poema para Marina”, escrito pelo poeta Darlan de Andrade especialmente para a atriz, disse que admira a força, a determinação e a coragem dela como mãe leoa e sua naturalidade para comédia.

Mas o ápice do nosso diálogo foi José se lembrar do amigo Perry Salles, produtor e ator da peça *Os desinibidos*, de Roberto Athayde, dirigida por Aderbal Freire Filho.

— O Perry dizia que a Marina era muito divertida encarnando a personagem. E que ao ver em cena a protagonista Vera Fischer, de peito de fora, não perdeu tempo. Saiu do fundo e bradou: “Se ela pode, eu também posso”, num esplêndido “caco”, aquela fala inexistente no texto dramaturgício.

Decerto que agradou tanto ao público que o caco permaneceu nas apresentações seguintes. E quem confirma isso, rindo, é o ator, compositor e pianista Tim Rescala. Ele participou de vários programas de humor e no entanto nunca trabalhou diretamente com Marina em cena na televisão, inclusive na *Escolinha do Professor Raimundo*, em que fez o Capilé Sorriso. Na peça, que foi um fracasso de crítica, o músico-ator

tocava piano acompanhando o elenco completado pelos atores Ariel Coelho e Claudio Gaya. O texto do espetáculo *Os desinibidos* fazia brincadeiras com a psicanálise. Ele explica:

— A peça foi um caos total. No palco tinha o psicanalista vivido pelo Perry e a mulher dele, a Proteína, era a Vera Fischer. A Marina era a empregada da casa. Eu fiz uma ária para ela cantar ópera num momento da apresentação. Ela, histriônica, com boa voz, fazia muito bem o solo musical, mas também seguia com o texto. A atriz costumava chamar todos nos bastidores de caricata, e decidida a aparecer mais em cena, resolveu criar com seu ótimo humor tirando o peito pra fora da roupa. A plateia vinha abaixo e tudo se manteve.

Aos 52 anos, com duas de suas filhas, Glaucia e Sylvia, Marina acalentava dois sonhos que acabaram não acontecendo por conta da sua dedicação aos trabalhos no teatro e na televisão. Estava encerrando a temporada de *Os desinibidos* quando pensou em voltar a cantar, já que, como comediante, tinha uma carreira consolidada. “Eu queria mesmo estourar com um disco, com uma música maravilhosa.” O segundo era ter uma creche.

Em outubro de 1991, *Três solteironas balançando o Rambo!* foi outra volta da artista aos palcos, depois de nove anos afastada. Ela substituiu Berta Loran, que dirigia o espetáculo com Abílio Fernandes. A comédia escrita pela humorista Zilda Cardoso, a Catifunda da *Praça da Alegria*, era encenada por Suely Franco, Lilian Fernandes, Vic Militello, Gerson Brenner e Berta Loran, que faz questão de evidenciar o carinho e a saudade da amiga:

— A Marina é uma querida, sinto a falta dela por perto. Depois que ela saiu da TV Globo e foi para a Record não me ligou mais — reclama, em tom de brincadeira —, mas sei como a vida é, cada um segue seus passos. Desejo-lhe muita saúde e todo o meu respeito pelo trabalho lindo que fez e pela garra de criar suas meninas com tantas dificuldades. Os filhos são criados para o mundo, onde estiverem vão se orgulhar dela.

Em cartaz no Rio, nos teatros do Sesc Tijuca e Arthur Azevedo, a atriz esteve ao lado de Manuela Machado, Carmita Saveiros e Fabio Pillar. O texto, muito engraçado, foi adaptado por Abílio Fernandes, autor do sucesso *Por falta de roupa nova, passei o ferro na velha!*, encenada com

Henriqueta Brieba. Ele conta que reescreveu diálogos e reviu situações, recheando-as de humor político e social, transformando a comédia num autêntico show.

— Eu criei o nome *Três solteironas balançando o Rambo!*, valorizando o elenco estelar. A peça estreou no Teatro Municipal de Goiânia, com Berta Loran, Suely Franco, Gerson Brenner e Lilian Fernandes. Marina deu grande contribuição a *Três solteironas*, ninguém melhor para substituir Berta Loran por quase um ano, até o encerramento da temporada pelo Brasil.

A proliferação de peças com títulos sugestivos como este nos letreiros luminosos na entrada do teatro deveu-se à grande pegada da chanchada dos tempos da Atlântida, precursora do gênero besteiro. O texto tinha humor com malícia de duplo sentido. Dois anos depois, Marina fez a peça *Gente coisa é ultra fina*, no Teatro Óperon, na Ilha do Governador.

A CRIOULA DIFÍCIL EM ORFEU DA CONCEIÇÃO

A atriz volta a ficar ausente do teatro até ser convidada pelo diretor Haroldo Costa para *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, obra baseada no mito grego de Orfeu e Eurídice. Em comemoração aos trezentos anos de Zumbi, a estreia foi no dia 17 de outubro de 1995, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Para lembrar o nome da peça, que leva a história do mito grego aos morros cariocas, Marina pede ajuda à filha, que tem o título na ponta da língua para a mãe prosseguir a conversa.

— Orfeu! *Orfeu da Conceição*. Eu dancei e cantei — recorda sobre o musical.

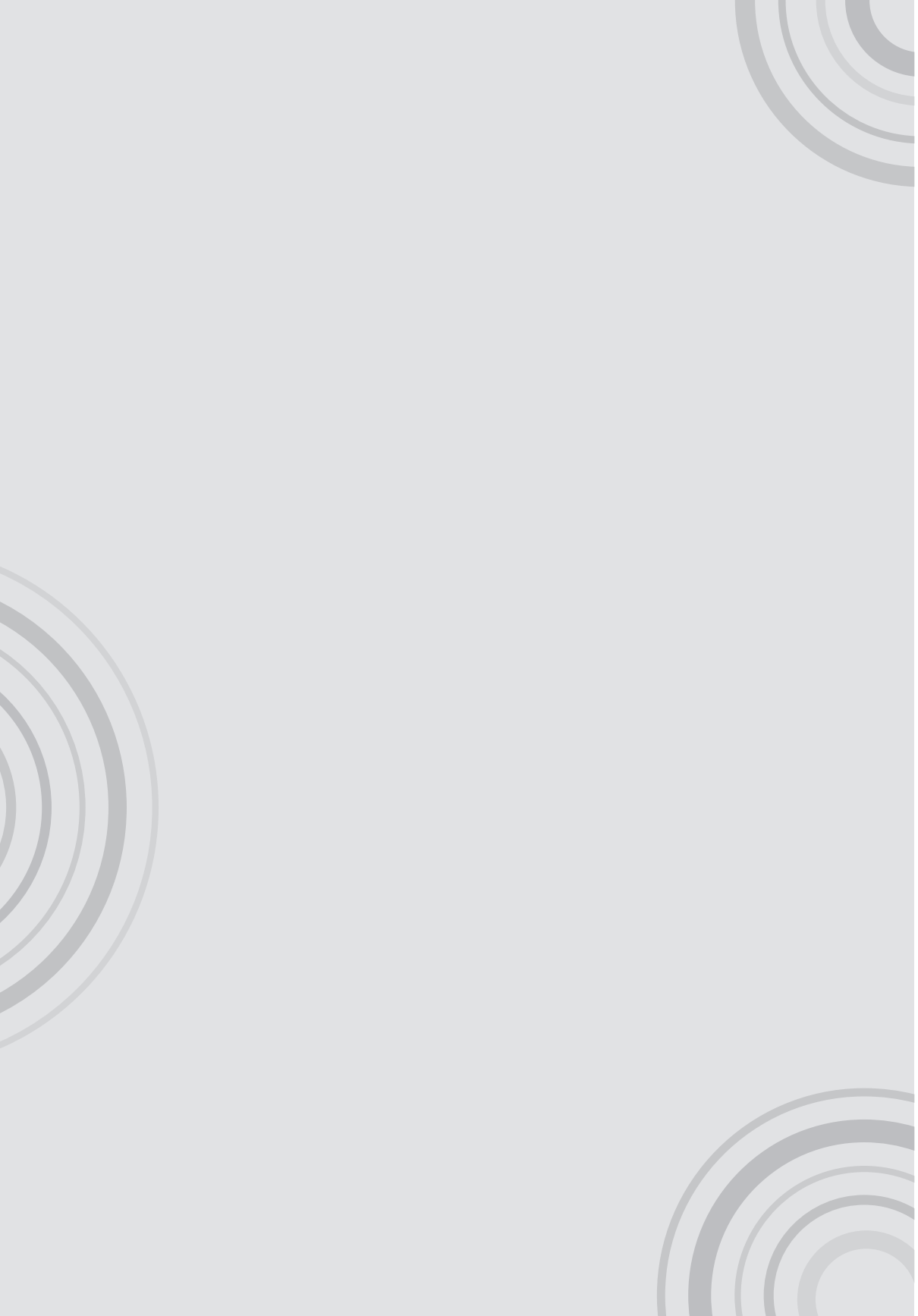
Haroldo Costa dirigiu Marina em um elenco encabeçado pelos atores Norton Nascimento e Camila Pitanga, que interpretaram Eurídice e Orfeu da Conceição.

— Eu só participei no Rio e foi maravilhoso! Em São Paulo, foi com outros atores. A Taís Araújo e Kadu Carneiro nos papéis principais — informa.

O diretor explica como aconteceu o seu encontro com a comediante e faz elogios ao seu trabalho.

— Conheci Marina nos tempos da TV Rio, onde ela participava de vários musicais humorísticos. Sempre admirei o seu histrionismo e a capacidade de improvisação. Ao montar o elenco para a peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, tive a oportunidade de convidá-la para compor um dos personagens. Ela aceitou e interpretou brilhantemente — lembra o diretor da nova montagem teatral.

Haroldo Costa, o Orfeu da primeira encenação em 1956, dirigiu Norton Nascimento e Camila Pitanga nos papéis principais, apresentando elenco de artistas negros, que trouxe Ruth de Souza, Antonio Pitanga, Solange Couto e diversos atores, cantores, bailarinos e capoeiristas.



TV RIO: A CHANCE DE OURO

Ouvir Marina falar era tão apaixonante que nem mesmo me dava conta do mar que, a distância, tentava nos atrair com ondas que se esticavam até a areia. O carro passava pelo famoso bairro em que Tom Jobim e Vinicius de Moraes, numa mesa de bar, contemplavam a beleza da Garota de Ipanema.

A carreira da atriz percorre esses mais de sessenta anos de humor na telinha, que no presente é colorida e com imagem digital. O locutor Celso Guimarães a levou para a TV Rio, conforme informa a revista *Intervalo*. Por lá, teve seu tempo de desprezo, mas se reergueu e passou a ser um nome do primeiro time da emissora. “Fiquei no ostracismo por culpa de alguns colegas, mas hoje diz que não abandona a TV Rio pela TV Excelsior”, informou ela à publicação daquela época, sem saber dizer hoje os detalhes da razão de ter ficado sem aparecer no vídeo.

Marina é umas das pioneiras nessa trajetória e antes dela não se viu na televisão outra comediantes negra com sua projeção artística. O que havia eram as lindas mulatas, muitas aproveitadas no teatro de revista. João Roberto Kelly, que trabalhou nas emissoras Excelsior e Rio, lembra de três nomes que fizeram sucesso na televisão, mas não eram cômicas.

A atriz Aizita Nascimento, primeira mulher negra a disputar um concurso de beleza no Brasil, trabalhou ao lado de Otelo no programa musical *Times Square*. Lady Hilda, a mulata Lady ou Lady do Samba,

participou de todos os programas. Outra figura televisiva foi Nilza Benes, considerada a única “escurinha” do Lalau, o jornalista Sérgio Porto, mais conhecido por seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta e por sua seção *As Certinhas do Lalau* no jornal *Última Hora*, na década de 1960.

A TV Rio em que Marina começou foi uma das mais expressivas emissoras de sua época. Seu diretor Walter Clark foi um nome forte que fez crescer a audiência graças a uma programação popular e variada. Não posso deixar de registrar a importância do canal para a história não apenas do humor, mas da televisão no Brasil. Marina passou pelos seus corredores trabalhando e pode se orgulhar disso.

A emissora, idolatrada por ela e fechada em 1977, foi uma das primeiras a usar regularmente o videoteipe na década de 1950. Ocupava em sua primeira fase o prédio do antigo Cassino Atlântico, na avenida Atlântica, em Copacabana, endereço vizinho ao da comediante, que ia caminhando para o trabalho.

VOZ DE MARINA ENCANTA CELSO GUIMARÃES

— Uma vez cantei em uma roda de amigos na casa do famoso locutor de rádio Celso Guimarães — conta orgulhosa e sorridente.

Para quem não sabe, Guimarães era a voz do prefixo “Alô, Alô, Brasil. Aqui fala a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”, com a música “Luar do sertão” no fundo.

— O Celso era também ator de radioteatro e cinema. Um galã, meu Deus! Eu tinha a filha dele como amiga lá da rua. Bonito toda vida! Misericórdia, lindo, uma beleza do outro mundo! Uma coqueluche! Fazia o maior sucesso com as mulheres. Um dia ele me disse: “já pensou em fazer o *Noites Cariocas*?” Aí, eu fiquei doida! Minha nossa, ir trabalhar na TV Rio?

Celso mandou carta para o amigo Luiz Mendes, que era locutor na emissora, pedindo ajuda na indicação de Marina a uma vaga de comediante. Ele é o falecido marido da atriz e radialista Daisy Lúcida. Para a alegria da jovem, foi chamada para fazer um teste no canal, cuja audiência crescia com o humorístico.

Todos os artistas contratados da emissora participavam do programa *Noites Cariocas*, que exibia vários quadros, ao vivo e em auditório. A direção era, entre outros, de Péricles do Amaral, Carlos Alberto de Nóbrega e Wilton Franco.

O canal 13 começava a abrigar profissionais vindos, na maior parte, da Rádio Mayrink Veiga, como Chico Any시오. Ele, que no início do programa foi um dos roteiristas, depois criou seus personagens até reunir todos em sua própria atração. Já líder de audiência, a emissora levou do teatro de revista as famosas vedetes Carmem Verônica, Dorinha Duval e Virgínia Lane para programas da casa.

TESTE COM WILTON FRANCO

O teatro e a televisão foram grandes novidades na vida da comediante, oportunidades que começaram a surgir a partir da Rádio Nacional. Enxergou tudo como um desafio, ouvindo com atenção os bons conselhos de quem já estava na estrada. Indicada para fazer teste com Wilton Franco, um dos responsáveis pelo sucesso cômico da TV Rio, não pensou duas vezes.

Em entrevista de Wilton Franco para a *Revista do Rádio*, o diretor diz que os humorísticos tinham poucos ensaios, que aconteciam horas antes de entrar ao vivo na programação. Sem fugir à regra, o semanal noturno, *Noites Cariocas*, de hora e meia de duração, abrigava ótimos atores e de boa memória, requisito, segundo Franco, indispensável para o sucesso do programa.

Wilton fala da atriz em início de carreira como exemplo de talento: “É o caso da escurinha Marina Miranda, que queria um teste na TV. Aconselharam-me a fingir que fazia a prova. Mas eu fiz o teste e ela aprovou cem por cento”, disse na entrevista.

O teste não chegou a ser finalizado porque o diretor viu de imediato que a artista era mesmo engraçada. Para um grande descobridor de talentos da televisão, Wilton estava na frente de uma negra com veia cômica nata. E foi logo dizendo: “Essa menina não precisa fazer teste!”

A artista começa na estação televisiva interpretando tipos caricatos de grande apelo popular, contracenando com um importante nome do humor.

— O Wilton me colocou para trabalhar com o Jorge Loredo, o Zé Bonitinho, imitando o Ary Barroso. Eu fazia uma caloura que falava errado e entrava deslumbrante pela plateia, muito bem-arrumada, e usando um chapelão. O bordão dele era: “Vamos tirar Camões do ostracismo!”

Segundo o escritor Claudio Fragata, autor do livro *Jorge Loredo: o Perigote do Brasil*, o personagem Luiscoplédia, uma referência ao poeta português Luís de Camões, não ficou tão conhecido como o Zé Bonitinho e o Mendigo. O professor de português imitava a voz de Ary Barroso, considerado ranzinza e exigente com a língua portuguesa. Os primeiros textos do quadro eram roteirizados por Chico Anysio. Na paródia ao programa de calouros, os candidatos não podiam dizer gíria e o personagem era contra palavras estrangeiras.

— Com o sucesso do Mendigo na *Praça da Alegria*, o Loredo ganhou carta branca para bolar outros personagens no programa, como foi o caso do professor. Ele ficava histérico diante de cada erro de português, à la Ary Barroso.

Ao receber o salário desse primeiro trabalho, Marina queria dar um presente para sua mãe, mas não um mimo qualquer. Escolheu um agrado que, além de caro, era difícil de ser encontrado. O presente foi um piano para dona Didi, que gostava de tocar. Foi o que confidenciou certa vez à amiga Zoraide. Mal sabia a comediante que essa amiga conhecia Abraham Medina, dono da rede de lojas O Rei da Voz, e passou adiante o seu desejo. Mais conhecido como seu Medina, Abraham era pai de Roberto Medina, publicitário e empresário. E não é muito difícil adivinhar por que esse nome nas lojas de Abraham Medina: o dono era muito amigo do famoso cantor Francisco Alves, o Chico Viola, conhecido pelo título.

— Eu ganhava uma mixaria, pouco dinheiro para comprar um piano. Aí, essa amiga, não sei por que cargas d’água, foi lá na loja da Nossa Senhora de Copacabana. Para minha surpresa, quatro dias depois, eu estava em casa, alguém bate na porta, era o entregador com um enorme piano. Que emoção ver a felicidade da minha mãe! Como eu podia imaginar?! A gente não esperava de repente ganhar um piano — comenta Marina.

BRIGITTE, MY DARLING!

No famoso *Noites Cariocas*, da TV Rio, que obteve recorde de audiência entre 1961 e 1963, Marina lembra que Roberto Silveira, redator e roteirista, numa grande sacada, criou um quadro para ela. A sua personagem, uma mulher negra e rica, apresentava o inverso do que vivia a maioria dos negros no país, tratando o tema com muito bom humor.

“Brigitte” era o quadro de mais sucesso do programa. Uma peruca pernóstica com sua longa piteira na boca e cheia de brilhantes pelo corpo. Usava as melhores sedas, andava de Rolls-Royce e bebia champanhe. Era casada com um milionário.

Mostrando ansiedade no rosto, a comediante queria trazer à mente a figura do ator que interpretava esse personagem no humorístico, me dando a pista do primeiro nome: Milton. Comecei a listar as possibilidades com a negativa dela saindo da boca de forma diferente e engraçada.



Como Brigitte em *Noites Cariocas*

- Milton Gonçalves?
- Ih, não. Esse aí trabalhou comigo nos programas da Globo.
- Milton Rodrigues?

— Nãããã, menino. Esse era mais do cinema, mas fez a novela *A gata de vison*.

— Então... foi o Milton... aquele... é... Milton Moraes!?

— Que coisa! Não foi ele, não. Poxa, eu tenho que me lembrar do outro Milton. Esse não, era das novelas no papel de malandro. Tinha uma voz boa, forte, fez comigo *Dancin' Days* e *O Dono do Mundo*. Gente, esse que eu falo é do *Noites*, era comediante e fez também a *Escolinha*, na Globo.

E, para a nossa alegria, anunciei a última opção que me vinha à cabeça:

— Já sei! Milton Carneiro. O Atanagildo, diretor da *Escolinha do Professor Raimundo*.

— É eeesse! Meu galã — confirmou rindo e feliz, continuando a descrição das características de sua personagem. — A Brigitte vivia pra cima e pra baixo da casa, sempre muito alinhada.

Seu marido ricaço ficava atrás dela carregando suas sacolas.

— Ele dizia, “my darling!” E Brigitte, muito charmosa e dengosa, ajeitava a peruca.

Rapidamente, a artista faz questão de expor um detalhe sobre a empregada de Brigitte:

— Ah, a empregada branca se chamava Benedita, interpretada pela Teresa Costello. Linda! Uma vedete de corpão de fazer inveja — segue a comediante no seu relato, repetindo a fala de ordens da personagem. — “Benedita, vai lavar minha roupa! Benedita, passa minha roupa!”

O sucesso na televisão fez Marina arrancar ótimos comentários da imprensa como promessa do humor, chegando a estampar a capa da revista *TV Programas*, especializada em todos os acontecimentos da telinha, conhecida como a “*nanica*” da semana, com grande popularidade da freguesia no Paraná. Excelente criadora de tipos, Marina participou em vários programas de humor na TV Rio, como *O Riso é o Limite*, firmando-se como comediante de primeira linha. No humorístico, mais uma vez foi aproveitada para cantar ópera. Tudo isso só aumentava o orgulho da bondosa dona Didi, que nesse período já estava mais envelhecida e sem dinheiro, precisando da ajuda da filha em tudo.

MARCHINHAS DE CARNAVAL

A fama dos humorísticos levou a comediante a gravar pela Copacabana Discos duas marchinhas para o Carnaval de 1962: a “Marcha do pirulito”, de Reginaldo Mondaine e Mariah Brito (“Mamãe me dá/ Me dá, um pirulito/ Senão eu grito/ Senão eu grito!/ Filhinho, não fique zangado/ Mamãe não esqueceu/ Do seu pirulito/ Que ela prometeu!...”), e “Carne de baleia”, de Max Nunes e Afonso Brandão (“Quá, quá, quá/ Que coisa engraçada/ A baleia com aquele tamanho/ Em vez de comer a gente/ É a gente que come ela.../ Quá, quá, quá!/ A coisa tá piorando/ Tá ficando muito feia.../ Já estou comendo/ Carne de baleia!/ A coisa é muito engraçada/ Por causa do tamanho dela/ Em vez dela comer a gente/ A gente é que come ela!”).

Entre confetes e serpentinas, ela voltou à Rádio Nacional para divulgá-las. O repertório fez parte do LP *Carnaval de graça*, disco ao qual os comediantes Tutuca, Ema D’Ávila, Moacyr Franco, Castrinho e Carequinha, entre outros, emprestaram suas vozes.



Cantando marchinhas na Rádio Nacional

— Estive no programa de Cesar de Alencar, com orquestra e tudo. Acredita? — repete a informação com o cuidado de quem não quer esquecer nada.

No veículo todos riam do jeito como ela recuperava as lembranças. Seu humor fez a diferença. Cantou trecho da “Marcha do pirulito” se requebrando toda: “Mamãe, me dá, me dá, um pirulito” e foi repetindo o refrão que, chegando aos ouvidos de todos, proporcionou uma descontração sonora ao ritmo do Carnaval.

Ao passarmos pelo Mirante do Leblon, vi o deck repleto de carros e bicicletas estacionados, e senti vontade de parar e sair para brindar o nosso alegre encontro com água de coco. Mas desisti para não atrasar a gravação no *Samba de Primeira*. Mais uma pausa breve, e descobrimos que Marina continuava pensando em Macalé quando revelou se lembrar de como conheceu o amigo.

— Eureka! Tô aqui puxando pela memória e lembrei do Tião. Foi nesse quadro da Brigitte que ele entrou no babado do humor comigo.

Vai encaixando devagar as peças perdidas de sua vida artística. É nítida a felicidade que passa ao lembrar o começo da amizade com o “nojento”.

— Teve uma cena em que a Brigitte entra no Rolls-Royce, toda de casaco de pele, muito chique. E o Tião se esconde na mala pensando que eu não vi. Aí, eu chego e pergunto: “O que tá fazendo aí, crioulo? Não se enxerga, não? Sai fora daí!” Então ele diz: “Ô, Crioula Difícil!”

Marina guardava um carinho enorme pela TV Rio e, passando a ganhar um salário melhor, estava feliz e satisfeita em trabalhar lá. A adoração pela emissora, carinhosamente conhecida como “A Carioquinha”, era tanta que um fato ficou marcado quando se recusou a deixar a casa.

O seu valor artístico na televisão começava a despontar na imprensa em 1963, como ressaltam a revista *Intervalo* e depois o jornal *A Noite*, na coluna “Sociedade”, de Barão de Siqueira Jr.: “Hoje Marina é nome do primeiro time do Canal 13 e diz que não o abandona nem pela Excelsior”.

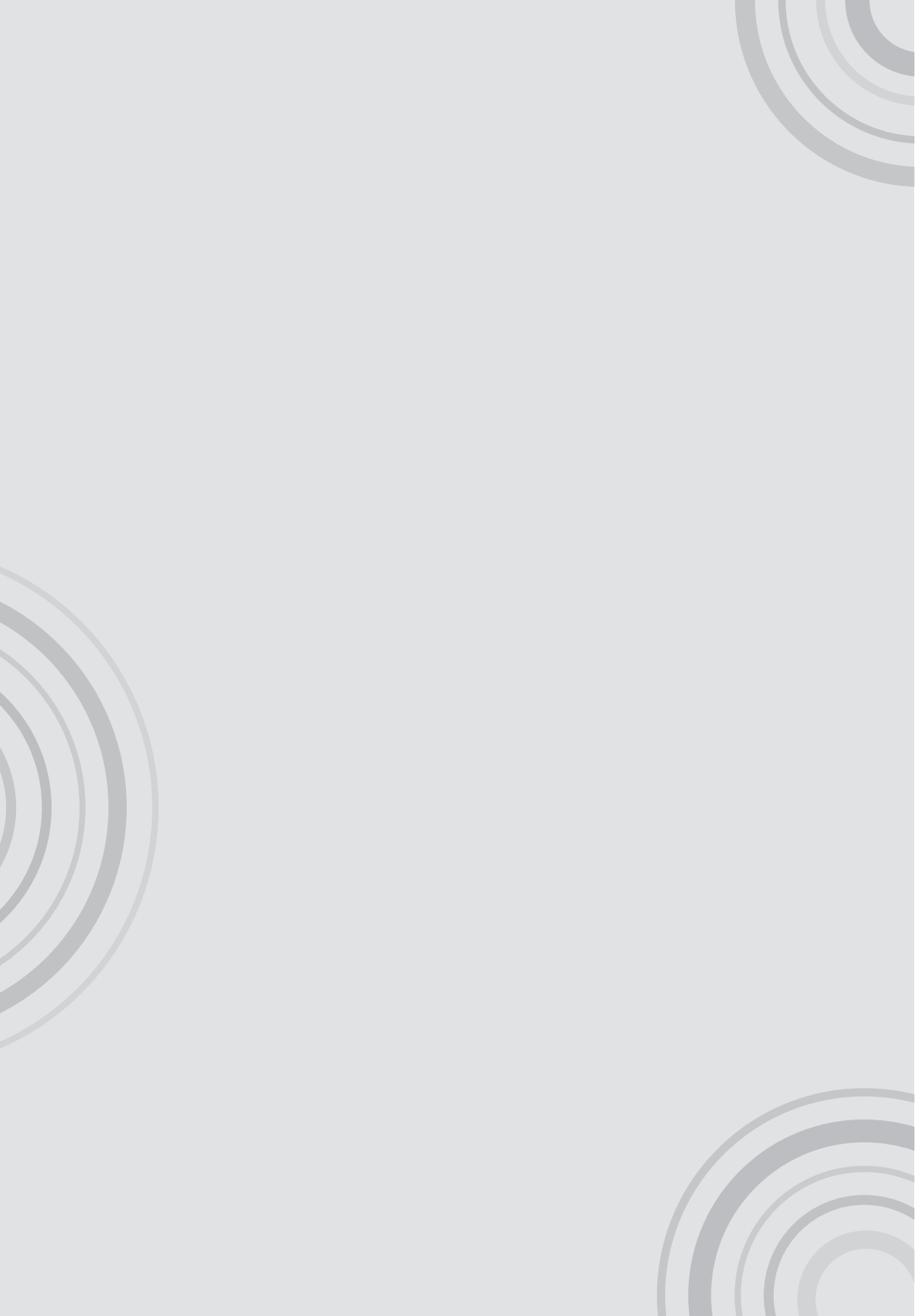
O Canal 2 estava contratando comediantes da TV Rio, que havia lançado a maioria deles. Marina preferiu ficar, mesmo com a crise financeira da emissora se agravando. E por um bom tempo permaneceu no *Noites Cariocas*, interpretando a Brigitte até o programa ser

retirado da grade. A TV Excelsior vinha convidando parte significativa dos seus principais artistas e técnicos, o que resultou no cancelamento de diversos programas.

Marina foi para a TV Globo, que já estava de olho em profissionais para o seu casting de inauguração em 1965. Com o fechamento da Excelsior em 1970, muitos artistas foram para as TVs Rio e Tupi, esta última em São Paulo. Com o fim dessas emissoras, a Rede Globo torna-se a alternativa mais próspera de trabalho na cidade carioca.

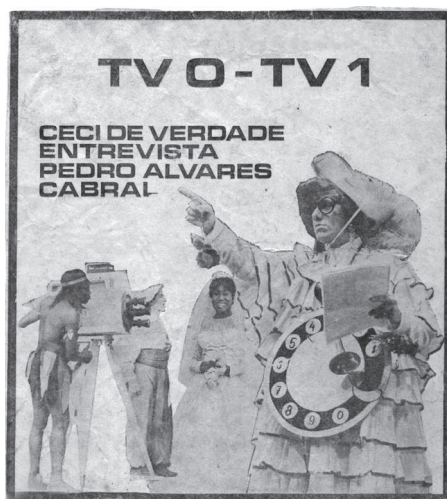
A comediante migrou para o Canal 4 um pouco antes de sua primeira emissora fechar as portas.

Já em 1967, sob o comando de José Bonifácio Sobrinho, o Boni, no Jardim Botânico, novos e velhos amigos comediantes e humoristas se reuniam pelos corredores de um dos mais promissores canais de televisão daquele momento. E, no ano seguinte, chega à Globo o programa *Balança mas Não Cai* para uma nova fase do humor na televisão brasileira.



HUMOR NO FAMOSO EDIFÍCIO DA TV GLOBO

A comediante revela, no registro de sua memória daquela época, o programa *TV O — Canal Zero e TV 1 Canal Meio*, apresentado por Agildo Ribeiro e Paulo Silvino, que seguiu como *TV O-TV 1*, primeiro humorístico da Globo a fazer paródias de outras atrações da TV. Esse trabalho foi vitrine para Marina mostrar que podia ir além de apenas servir de escada para os titulares.



Chamada de *TV O-TV 1*

“Ô, Crioula Difícil!” no *Balança mas Não Cai*

Em 1968, Lúcio Mauro dirige o humorístico *Balança mas Não Cai*, criado e escrito por Max Nunes e Haroldo Barbosa, apresentado por Augusto César Vanucci e transmitido ao vivo até 1971. Estava lá a comediantes fazendo rir com a Crioula Difícil, objeto de desejo do Crioulo Difícil, Tião Macalé.



Em cena no edifício *Balança mas Não cai*

— Sou muito grata ao meu irmão Lúcio Mauro, que conheci na TV Rio, e a toda a família Barbalho. Ele, pelo convite para eu fazer parte da história do humor brasileiro com o *Balança mas Não Cai*; a família, por ter me acolhido e apoiado minhas filhas quando estive internada.

Assim como na carreira, as mudanças fizeram parte da vida da artista.

— Quando a Globo entrou no ar, eu estava lá firme e forte — acrescenta ela, reafirmando sua presença na inauguração do Canal 4.

Sem dúvida, não se pode negar que a comediantes é integrante da história do humor na televisão brasileira.

O encontro de Marina e Tião nos anos 1960 foi o bastante para Roberto Silveira vislumbrar uma dupla perfeita para o humor. A partir daí, o roteirista, agora também na TV Globo e no *Balança mas Não Cai*, desenvolve a ideia de ter os dois comediantes em um quadro do programa, nascendo a *Crioula Difícil*, em um período de desmerecimento dos negros no Brasil por conta do preconceito ligado à escravidão.

Uma personagem que por um bom tempo se confundiu com a própria comediantes, passando a ser uma figura (re)conhecida, principalmente em Copacabana, onde mora, como aquela mulher de temperamento forte e marcante da televisão. Ela não se deixava levar pela lábria

do malandro faceiro encarnado por Tião Macalé, que, indignado com a falta de atenção para com ele, soltava a expressão “Ô, Crioula Difícil”.

Em um bate-papo informal com alguns amigos e jornalistas que trabalharam em cadernos de cultura e televisão, perguntei se já tinham feito alguma matéria com a Marina. Não foi surpresa para mim a negativa da maioria, diante do pouquíssimo material disponível sobre a comediante nos acervos. Ela não foi muito assunto de pautas no seu auge, mas mesmo assim a televisão a popularizara entre os próprios escribas, como Simone Magalhães, que, mesmo sem conhecê-la pessoalmente, a reconhecia de longe.

— Eu sempre via a Marina, com duas ou três filhas, circulando pela Nossa Senhora de Copacabana. Quase sempre de turbante. Como eu morava em Botafogo, comprava roupa e ia a médicos em Copa. Ela me parece uma pessoa interessantíssima e generosa.

Aimée Louchard é outra coleguinha que não a entrevistou, mas que ficava admirando aquela senhora sempre que voltava ao bairro.

— Lembro muito bem dela, andando calmamente pela rua Domingos Ferreira, em Copa, onde mora minha mãe há sessenta anos e eu fui criada. Cumprimentava a todos, passantes, comerciantes, flanelinhas. Sempre fazendo aquelas caretas incríveis.

Mas a maior surpresa veio com a jornalista Lucy Greco, que expôs uma visão moderna e muito contemporânea da Crioula Difícil.

— A lição que aprendi com a personagem foi ter autoestima e me valorizar. Deixar de ser Amélia. Na época, a visão que se tinha da mulher negra era a de que deveria se submeter e ainda ficar feliz com o que aparecesse. A Crioula Difícil surgia dona de si, decidida a não aceitar um malandro em sua vida.

Com a ampla exposição do quadro “Crioulo e Crioula Difícil”, a comediante foi homenageada pelo grupo musical Velhas Virgens. A banda brasileira de rock, que tem como característica letras irreverentes, gravou a composição “Eta Crioula Difícil”, de Paulão de Carvalho e Alexandre Cavallo, aproveitando a onda do bordão famoso eternizado por Macalé.

— A música fez parte do nosso disco chamado *Carnavelhas: bebadoriso*, em homenagem aos humoristas brasileiros, daí a citação ao

bordão do Tião, que faz referência a Marina Miranda — disse Paulão, vocalista e fundador da banda, citando a letra da sua composição: “Por mais que eu te olhe sorrindo/ Você finge que não me vê/ Por mais que eu diga eu te amo/ Você desdenha e não me crê/ Te chamei prum samba hoje à noite/ Você diz que não pode ir/ Você não quer nada comigo/ Nem adianta insistir/ Eta Criola Difíci/ Dou casa, comida e muita grana/ Vem morar comigo em Copacabana/ Eta Criola Difíci.../ Por que diabos você não me quer?/ Eta Criola Difíci.../ Mais difíci que as nega do Tião Macalé/ Lelé, lelé/ As nega do Tião Macalé/ Lelé, lelé/ As nega do Tião Macalé...”

— O Tião brincava dizendo que, se a crioula desse bola pro crioulo, o quadro da TV acabaria. Tivemos uma bela amizade e uma relação de respeito e cumplicidade na lida com esse amigo rabugento — lembra Marina, sorridente, olhando a paisagem fora do carro.

NAMORO OU AMIZADE?

Os dois eram amigos, solteiros e vizinhos em Copacabana. Talvez isso tenha dado margem para comentários do público de possível romance entre eles, vistos juntos com frequência no bairro, mas a comediante ri e nega o namoro.

— Isso é coisa de fã, invenção do que vê na televisão. Ele se tornou meu melhor amigo.

Mais nova quatro anos, ela parecia sua mãe, tentando protegê-lo de qualquer enrascada. Nunca tiveram graves desavenças. O que havia de vez em quando eram alguns bate-bocas, digamos bem familiares, quase entre irmãos.

Tudo por conta de Marina querer cuidar dele, tentando ajudá-lo a organizar melhor sua vida. Ela não deixava passar nada quando via algo errado com o amigo.

Fosse pessoal ou profissional, o morador do Posto Seis dava “não” a seus conselhos. Como costumava se atrasar nas entrevistas, a amiga brincava que ele era um “nojo”, o verdadeiro crioulo difícil, e ele, quando queria agradá-la, dizia “Ih, mas essa neguinha tá linda”, e assim lá se iam as rusgas.

— O Tião era uma ótima pessoa, sabe... mas meio bronco, grosseirão... nada que eu falasse pro bem dele, servia. Às vezes a gente ficava sem se falar, mas tinha que trabalhar junto e aí tudo voltava como antes.

Augusto Temístocles da Silva Costa, mais conhecido como Tião Macalé, morreu com infecção pulmonar aos 67 anos em São José do Rio Preto, em São Paulo. Órfão, criado pela Irmã Dulce, começou a carreira aos 11 anos de idade, em Salvador, na Bahia, sua terra natal. O comediante e músico, apaixonado por futebol e Fluminense doente, trabalhou em programas de rádio, teatro e televisão, onde ficou mais conhecido em *Os Trapalhões*. Participou de 25 filmes.

Quem viveu os anos 1970, 1980, tem na memória alguma cena, entre tantas que motivaram boas gargalhadas, protagonizadas por Marina e Tião.

— Tudo de forma muito espontânea. A gente no estúdio se comunicava pelo olhar, de longe eu via na cara do nego quando ele esquecia o texto e queria improvisar.

BRANCA DE NEVE E O PRÍNCIPE TIÃO

O Crioulo e a Crioula Difícil foi uma sacada tão grande que acabaram por aproveitar o sucesso inspirando-se em clássicos infantis. Um dos momentos de que não me esqueço, e que mais me faz rir, é a sátira da Branca de Neve e os sete anões.

Paulo Silvino, que passou a apresentar o programa em sua volta à Globo, indica o quadro com os protagonistas vestidos como personagens do conto de fadas. “Aí, no jardim do seu edifício Balança mas Não Cai, a realidade se mistura com a fantasia”, anunciava Silvino.

Na cena impagável, Marina está imóvel e deitada no chão, toda esticada, vestida como a jovem da história. Os sete anões caminham enfileirados com o príncipe Macalé no fim da fila; chegam saltitantes cantando aquela musiquinha: “Eu vou/ eu vou/ pra casa agora eu vou...”

O primogênito do rei se aproxima cheio de bossa, exibindo a grande falha dentária, e tenta acordar sua amada. “Oh, Branca de Neve! Deixa que seu príncipe encantado dê um beijo para tirar o efeito da maçã.”

Ela se levanta soluçando e dá um passa-fora no príncipe. “Sai pra lá, crioulo!” E ele insiste dizendo: “Ué, tu não comeu a maçã envenenada?” A princesa bêbada e soltando soluços engasgados responde: “Que maçã, que nada, eu tomei foi muita cana”. E ele finaliza a cena de frente para a câmera, num close, com o famoso “Ih, ô, Crioula Difícil!”

No humorístico começa a duradoura parceria de Marina Miranda e Tião Macalé, dupla de comediantes negros da televisão brasileira que encarnava qualquer personagem. De um casal de português a um casal de africanos, comprovando o talento dos dois. O cômico, dando destaque ao “sorriso vazio” a cada final de quadro, repetia o som da orquestra: tchã.

— Menino, era tudo finalizado pela orquestra e ao vivo. Ele imitava o barulho dos instrumentos dos músicos e caiu no gosto de todos. O “nojento” ele inventou muito mais tarde, em alguma cena de *Os Trapalhões*.



Alegria na TV: Agildo Ribeiro e Paulo Silvino; ao fundo, Marina Miranda

BALANÇANDO AS LEMBRANÇAS

Enquanto o carro se distanciava eu via Marina ativando o GPS de suas recordações, sempre bem-humorada, para falar do *Balança*, agora se divertindo como em um jogo da memória, encaixando as lembranças dos amigos, os quadros e personagens no *Balança mas Não Cai*. O que me fez pensar que o programa seria mesmo como um edifício cheio de vizinhos muito queridos.

— Fui amiga de todos lá. Do Ary Leite, Tutuca, Costinha, Rogério Cardoso, Terezinha Elisa... — enumera a artista, para a filha Sylvia completar a lista das duas fases do programa. — Do Lúcio Mauro, Ema e Walter D'Ávila, Berta Loran, Carlos Leite... Santa Cruz, Orlando Drummond...

E assim seguiram as lembranças, para o deleite e a aprovação da Marina, que interrompe a filha, apresentando quadros e seus intérpretes, mostrando ótima memória.

— Eu gostava muito do quadro “Primo pobre, primo rico”, com Brandão Filho e Paulo Gracindo.

— Eu lembro de Tony Tornado, que atendia o patrão com “yes, sir!” — comento, entrando na brincadeira de lembranças.

— Ah, mas ele veio depois — me corrige, sorrindo.

As lembranças do *Balança* continuam com a ajuda de Cleverson, sem tirar o olho da direção.

— Ofélia e Fernandinho.

Para Marina se apressar em dizer:

— Com meu irmão Lúcio Mauro e minha queridíssima amiga Sônia Mamede (personagem que depois foi brilhantemente interpretada por Iris Bruzzi e Cláudia Rodrigues).

E a brincadeira de lembranças segue quando digo em voz alta o nome todo da personagem.

— Porforilda Ofélia.

E a comediante, às gargalhadas, continua sua lembrança:

— E o Homem do Bumbo, eu adorava o Lilico.

Nessa hora, Marina cutuca Cosme, parecendo incomodada por ele não dar pitaco. O rapaz apenas abre os olhos, não entende nada, e volta ao sono no carro, enquanto ela continua com as reminiscências de sua vida.

— Nós vivíamos em grupos, indo para as festas, nos divertindo e nos preocupando um com o outro. Nos ajudando! Hoje, você está no ponto de ônibus, o colega passa de carro e nem olha para não dar carona. Eu e Agildo Ribeiro éramos assim, ó — faz o gesto com os dedos das mãos juntinhos.

Marina conta que o amigo era muito engraçado e garante que ele foi um dos maiores humoristas da televisão brasileira. Às vezes, quando o encontrava pelas ruas do bairro, o riso era certo.

— Marina, me disseram que você tinha morrido!

— Cruzes, Agildo, tô eu aqui vivinha, não sou assombração — e caíamos na gargalhada.

Nas saídas após as gravações do *Balança*, ou andando na volta de algum evento pela praia, a comediante rememora que Agildo imitava todos a qualquer hora e lugar.

Sua morte foi um choque, uma comoção nacional, mas Marina prefere lembrar dele com alegria e ótimas recordações. Uma amizade de anos que garante carregar em seu coração, acompanhando o namoro dele até o casamento com Didi, a ex-bailarina Nídia Ribeiro, sua mulher, que já tinha falecido.

“AGILDO, UMA FIGURA!”

— Ah, o Agildo era uma figura! A gente o chamava de Maria Gildá. “Vamos pra casa de Gildá.” Sinto falta dele — se emociona ao falar do amigo.

Marina não bebe mais, por causa do controle da pressão arterial, mas adorava uma bebida alcoólica. E Agildo foi um de seus companheiros na tarefa, com uísque, cerveja, vinho e o que mais viesse para beber, mas nada de drogas. Ela não se esquece dos pileques na casa dele. Pura diversão e alegria, além dos estúdios.

— Não bebo mais nem o vinho com água no La Mole — seu point para comemorações familiares, restaurante tradicional de comida italiana na sua rua. — Mas eu e o Agildo, descíamos tortos, um segurando no outro na escada em caracol do prédio dele. Ah, Agildo, meu irmão de fé, meu irmão camarada! — suspira com saudades do amigo.

Em plena ditadura militar, um passeio pela Lapa era a dica para reafirmar a antiga amizade entre Marina e Agildo, que formavam com os comediantes Rui Cavalcante — o Síndico do *Balança* — e Sônia Mamede o quarteto completo do riso pelas ruas e eventos. Após gravação do *Balança*, eles foram se divertir e assistir ao show do cantor Sidney Magal em uma boate do Rio.

— O Magal era um menino muito lindo! Saímos para ir ao show dele e depois dar um rodeio pela noite.

A cidade estava com soldados de um lado a outro, mas isso não foi empecilho para Marina tentar se aliviar de uma necessidade fisiológica que a incomodava terrivelmente. Ela não esperou encontrar o banheiro do boteco mais próximo. A atitude da moça fez Rui se espantar e dar-lhe uma bronca.

— É que fiquei com vontade de fazer xixi. Olhei para um lado e outro, e aqueles homens carrancudos e fardados. Eu disse, me espremendo atrás de um carro: “não tenho como aguentar mais”, e mirei um lugarzinho no chão. Ah, vai ser ali mesmo!

O Rui, tentando impedir a amiga, gritou: “Deixa de ser maluca! Não tá vendo que você pode ser presa?” Todos riram dele! Os amigos

transformaram o ocorrido em uma grande farra em torno de Marina, urinando agachada, mas “com o vestido cobrindo tudo, não deixando nada à mostra”.

— A gente ria, mas na verdade eu acabei ficando apreensiva. Só que tinha que me arriscar, senão ia me molhar toda. Misericórdia! Me aliviei ali mesmo! — ri, se lembrando da situação.

E emenda em outra gostosa lembrança, dizendo: “E no tempo do blecaute?” Com a turma de sempre, ela, durante uma saída noturna, tomou uma decisão para surpresa de todos.

— Eu falei: “vou arranjar um namorado”.

A surpresa não era por ela querer arrumar namorado, porque foi namoradeira. O problema estava na pouca iluminação da cidade por ordem dos militares. Nesse episódio, mais uma vez ela enfrentou a marcação de Rui Cavalcante.

— Ele era danado! Me passou um sabão firme: “Marina, ô Marina”. Ah, mas não adiantou, eu arrumei um namorado. Dentro do automóvel, o camarada queria me levar para a Barra da Tijuca, e eu disse não.

Naquele tempo, a Barra vivia deserta, cheia de matagal, pouco habitada. E, quando se falava em ir de noite ao imenso bairro, dava medo. Assustada, ela desceu do carro já com Agildo em outro veículo, com o farol em cima dos dois. Marina confessa que foi uma mulher namoradeira, mas não se relacionou com nenhum colega de trabalho.

— Ah, pegava tudo gente desconhecida — fala, e ela mesma ri de si por utilizar a gíria jovem.

Mas não foi isso que a jornalista Gladys Cipriano publicou na coluna “Eli Halfoun”, do jornal *Última Hora*, quando noticiou o término do romance da artista com o bailarino e comediante Carlos Leite. Segundo Marina, isso nunca existiu. Ele e outros artistas não saíam da sua casa.

— Todos amigos — avisa rindo. — Apesar de me dizerem que eu e Agildo fomos amantes, o meio artístico não me atraía para namoro. Eu gostava de andar muito com eles, mas nada além disso. Fui amiga de todos.

— A senhora não namorou mesmo o Agildo? — pergunta Sylvia, em tom provocador. A mãe vira o rosto, sem responder, como quem prefere deixar a dúvida.

Garante que teve em seus braços bons partidos, “inclusive médicos”, destacando que eram os grandes partidos da época, mas nada que a animasse para o casamento. Jura que não aceitava ninguém mandando nela, como também diz que “era costume o homem mandar na mulher naquele tempo”.

Continuando na estrada livre, agora ganhávamos tempo no trânsito para chegar na hora marcada ao *Samba de Primeira*. Enquanto isso, Cosme ainda dormia e Sylvia teclava sem parar no iPad, mas ligada na conversa para corrigir qualquer deslize na história da mãe, já que sabe da carreira dela de cor e salteado.

FIM DO *BALANÇA*

Até o fim do *Balança mas Não Cai*, o humor nos programas de televisão era simples e despojado. Depois do *Faça Humor, Não Faça Guerra*, o humor na telinha se renovou, não dando tanta importância aos famosos e criativos bordões. Os espaços foram preenchidos com as piadas mais elaboradas, com os âncoras Jô Soares e Renato Corte Real inovando no gênero.

Em 1972, o edifício dos comediantes acabou na Globo, no ano em que a televisão em cores passou a funcionar oficialmente no Brasil. Sem Marina e Tião, a atração ganhou formato diferente na TV Tupi, com o nome de *Aperta*, em plena ditadura militar. O tom da atração na nova emissora atizava a abertura política.

Com o fim do humorístico, Marina vai para *A Festa é Nossa*, que só entra no ar em 1983. Gravada no Teatro Fênix, a atração era dirigida por Lúcio Mauro e apresentada por Agildo Ribeiro, um anfitrião que se esbaldava na grande festa, em uma sofisticada cobertura.

— Lá eu voltei a fazer a *Crioula Difícil* com o Tião, mas em cenários totalmente diferentes dos do *Balança*. Eram festas. O programa acabou depois de alguns meses e fui fazer outros trabalhos na Globo — a atriz comenta que, a partir de então, começaram suas participações em novelas.

O retorno do *Balança* à TV Globo aconteceu dez anos depois, quase no final do governo militar, reeditando o quadro “Crioulo e Crioula Difícil”. Em novo dia e horário, o programa reafirmou seu grande sucesso de

audiência de estreia na televisão, mas não por muito tempo; no ano seguinte foi cancelado.

Com a volta, os diretores da emissora carioca tinham a intenção de enfrentar a concorrência do *Programa Silvio Santos* na TVS, atual SBT. O único problema foi a jogada de mestre do dono do Baú da Felicidade, que foi animador de programa dominical na Globo entre 1965 e 1976. Para seu canal, o “patrão” contratou a maioria do elenco do programa na saída da Tupi.

Mas o páreo foi duro para a concorrente paulista se manter na liderança. O humorístico, de volta à antiga casa, seguiu no ar com sucesso até a sua extinção. A comediante revelou a tristeza que foi o fim do *Balança* para todo o elenco, que ficou sem trabalho.

— A vida do artista não é apenas festa, ele precisa trabalhar, ter salário, e ver sua arte aplaudida pelo público. Foi quando tive a sorte de ir para as novelas, que me deram chance de mostrar meu trabalho a um público diferente daquele acostumado com a *Crioula Difícil*, que é como todos me reconhecem nas ruas.

BLACK POWER FESTEIRA

Marina viveu a fase Black Power, auge da década de 1970. Mas não foi a única; a moda do cabelão alto e crespo, pelas ruas e festas, tomou conta daquela geração. O estilo virou febre no Brasil inteiro, entre anônimos e famosos, artistas brasileiros como ela e figuras-símbolo como Tony Tornado e Tim Maia. No exterior, os americanos Michael Jackson, com seus irmãos do grupo The Jackson 5, e o mestre do soul James Brown despontavam nas capas dos LPs e compactos orgulhosos de seus cabelos.

O movimento do “cabelo, cabeleira, cabeluda” era muito mais que a estética do “pelão” como opção de penteado. Era o prazer de ser negro inspirado no Black is Beautiful, expressão articulada no movimento de aceitação das características raciais nos Estados Unidos. É a origem da preservação e valorização da pele escura, cabelo crespo e traços faciais tão atraentes.

Festas? Não é de hoje que Marina adora festas entre um trabalho e outro, afinal ninguém é de ferro. A atriz tinha uma programação extensa já na década de 1960, em dias e horários diferentes. Foram tempos de prestigiar espetáculos de amigos, shows, bailes de Carnaval em clubes ou nas ruas pelos blocos de sujo, bandas e coretos da Zona Sul.

Momentos de comemoração nunca faltaram para a artista, e ultrapassaram Copacabana. Tudo era um bom motivo para se divertir com

amigos. Exemplo disso foi a volta do jornal *A Noite* às bancas, primeiro vespertino do Rio de Janeiro.

Uma das recordações do início de sua carreira foi quando, com a vedete Gisela Greco, foi recebida calorosamente em um coquetel na redação do tabloide fundado por Irineu Marinho. As duas posaram para fotos em comemoração com toda a equipe, mostrando as belas representantes de um Brasil mestiço. O periódico prestigiou as duas beldades com imagens em suas páginas em muitas ocasiões.

Segundo a nota publicada na época, Gisela declarou que “o reaparecimento do grande jornal trouxe a alegria do reencontro de uma velha amizade”.

E continua a publicação: “Marina Miranda, morena, que pela sua arte já recebeu o apelido de Grande Otelo de Saias, informou que *A Noite* sempre existiu. Daí achar tão natural o seu reaparecimento”. E ela foi além, afirmando que o jornal, “tão bem entrosado com a vida que corre, tão moderna, tão sedutora, está, e estará sempre, no coração do carioca e no meu, consequentemente”.

DA ZONA SUL À ZONA OESTE

Bailes, homenagens, shows e entregas de prêmios eram destaques na agenda da comediante. Marina aproveitou bem sua vida festeira, antes, durante e depois do *Balança*. No palco do Baile das Atrizes em 1975, Sandra Bréa, a rainha do ano anterior passa a coroa para Betty Faria. Mas, de acordo com nota de Tetê Nahas, no jornal *O Globo*, quem reina pelo salão do Copacabana Palace é a intérprete da *Crioula Difícil*: “Marina foi eleita por Milton Gonçalves a mais charmosa da festa, e com ele fez questão de passear pelo salão”.

Se o Carnaval acontecia nas ruas, ela também estava lá. Na folia de 1976, Marina e Sônia Mamede foram assunto de coluna de jornal pelos trajes que usavam, com muita animação, entre os anônimos. Sônia, por se vestir em homenagem ao Rei Pelé, com short verde e camiseta dourada com o número 10 nas costas. Marina por usar um lindo e acentuado decote que, de tão profundo, ganhou apelido da rapaziada de “Túnel Rebouças”, conforme registro da coluna de Hildegard Angel.

Mas o charme da comediante estava em todo canto. Como não notar sua presença em qualquer festividade? Muito querida pela classe artística, não perdia um rega-bofe dos amigos. Dos aniversários do ator e jornalista Waltinho Magalhães na Zona Sul ao churrasco do ator e diretor Moacyr Deriqué, com picanha argentina, em Bangu, Zona Oeste.

— Nossa, como eu aproveitei! Noite e dia estava eu lá. Longe, perto, se tivesse companhia, eu aceitava o convite — afirma, garantindo seu lado arroz de festa, mas sem nunca ter sido penetra.

Waltinho Magalhães, apaixonado pela atriz, resolveu comemorar o aniversário na boate Mikonos. Ele, acompanhante de Marina em todas as baladas, fez questão de sua presença, e ela se esbaldou ao lado de convidados famosos como o casal Chacrinha e dona Florinda, Ida Gomes e Lady Francisco. Padrinho de Sylvia Miranda, Magalhães atravessava o túnel Rebouças e era o par certo da amiga na Baixada Fluminense, em estreias teatrais.

— Ele, quando estava vivo, me arrastava para todo canto! Eu sempre gostei de prestigiar os colegas. Um dia fomos parar no Sesc São João de Meriti só pra ver a peça *O genro que era nora* com Gracinda Freire.

Todos queriam a Crioula Difícil em seu evento, o que demonstra o enorme carisma e a popularidade televisiva.

— Uma vez eu a vi ganhar um beijo na boca do Daniel Filho — se intromete a filha, para depois dizer rindo que o cumprimento do diretor foi um selinho carinhoso.

Essa é a prova viva da alegria e afetividade nas festas da classe artística pela noite carioca. Quanto à agitação dos anos 1980, quem fala é a cantora e atriz Jane Di Castro, que mora no mesmo bairro da comediante e não esquece a sua companhia regada a bebidas.

— Badalamos muito pelas boates. Marina estava em todas as festas e o nosso encontro era muito divertido e alegre. Ela sempre demonstrou ser uma pessoa boa, amiga e de bom caráter, simpática e querida por todos. Nunca ouvi ninguém falar mal da Marina. Sempre me tratou com muito carinho e respeito. Sou fã dessa pessoa fantástica, de que acompanhei a carreira na televisão.

A artista lembra-se de uma cidade de festas e agitos, um “Rio Espumante”, que contagiava a noite daquela geração. As duas amigas

circulavam em festas, sempre convidadas. Jane acrescenta que hoje, mesmo uma não estando tão presente na vida da outra, ela guarda enorme carinho pela Crioula Difícil.

— Marina enfrentou uma época difícil, cheia de preconceitos e conseguiu vencer com sucesso e fazer o seu nome, isso é que é importante.

Em outra parte da viagem, pelo vidro do carro, Marina olha o trânsito na estrada da Gávea, mas sem perder o fio de suas lembranças que reportam a 1990.

A comediante, cuja trajetória não é de campanha política, rememora que cedeu ao convite de dona Leda Collor.

A mãe do então empossado presidente, Fernando Collor de Mello, reuniu artistas em reza pelo bom desempenho do filho eleito. Marina, cheia de esperança por avanços sociais no país, conta que esteve com cerca de 650 pessoas reunidas em oração no Hotel Rio Palace.

— Ah! Mas, menino, não teve reza que desse jeito. O homem caiu, né — fazendo todos rirem sem pudor por seu jeito matreiro e engraçado de expressar a constatação.

PELAS AVENIDAS DO CARNAVAL

A artista faz questão de não perder nenhum fato de suas andanças pelo Rio, trabalhando ou se divertindo. Do momento político, seguiu lembrando de seus desfiles no bloco Bafo da Onça e em algumas escolas de samba.

— Eu adorava o Bafo, usava aqueles tamancos de português! Nas escolas de samba, eu comecei a desfilar na Mangueira, logo passei pela Beija-Flor e Grande Rio. Misericórdia! Ah, era na feijoada da Grande Rio que eu encontrava o Zeca Pagodinho — engrossa a voz e imita o sambista. — “Marina Miranda! Êhhh, Marina Miranda!”

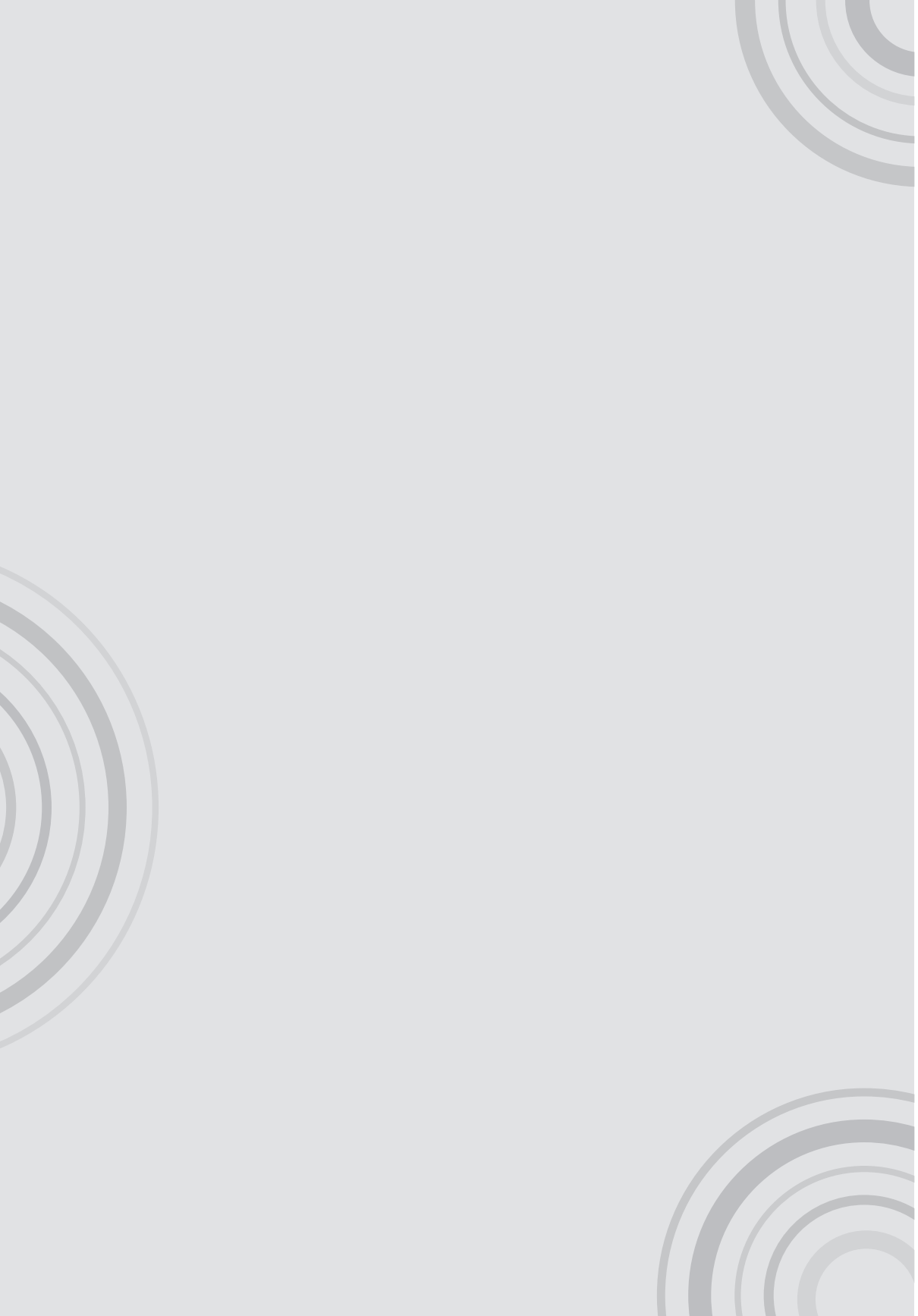
Sua memória sobre o Carnaval me remete a uma lembrança de 2005. Assistindo aos desfiles na Marquês de Sapucaí pela televisão, fiquei estarecido com uma triste cena: a Portela teve problemas com o tempo, e o carro alegórico com integrantes da Velha Guarda, que trazia no alto Marina Miranda como uma das convidadas, não conseguiu entrar na avenida.

Fiquei profundamente comovido com Marina aos prantos, focalizada pela câmera junto a outros idosos, artistas e sambistas no carro alegórico, já parado, ao final da escola.

Mas o tempo, tratando de apagar essa triste recordação, fez o Salgueiro, através de seu carnavalesco Alex de Souza, dar a ela uma grande alegria. Com o enredo “O rei negro do picadeiro”, homenageando o primeiro palhaço negro da história brasileira, Benjamim de Oliveira, Marina Miranda foi lembrada junto com os grandes nomes da cultura negra que fizeram e fazem história com o humor, no teatro, no cinema e na televisão.

Comentando linhas de sua pesquisa, Alex de Souza ressalta a raridade da presença do negro na comédia brasileira, e a mais rara ainda participação da mulher negra na comicidade dos velhos tempos. Para marcar o protagonismo e o espaço alcançado pelo artista negro até hoje, principalmente a mulher negra como comediante, o carnavalesco relata que não poderia deixar de lembrar no seu enredo a comediante Marina Miranda como um “diamante negro, aquela joia que a gente garimpa para poder encontrar”.

— Hoje em dia nós temos a Cacau Protásio, que é a atriz negra, comediante, mais famosa no momento. Bem-sucedida. E eu não poderia jamais esquecer da grande Marina Miranda, que fazia a parceria maravilhosa com o Tião Macalé, que é um outro homenageado, uma figura queridíssima. Ela não poderia deixar de ser lembrada.



APLAUSOS EM VIDA

Todo artista gosta de ser lembrado e ter seu trabalho reconhecido, independentemente da idade, seja por um fã na rua ou por uma imensa plateia de teatro com aplausos sem fim.

Li em sua página no Facebook, “Marina Real”, um fã comentando que a comediante é um “patrimônio histórico da cultura nacional”. Aliás, o que não falta nesse espaço virtual são homenagens que se renovam constantemente. Expressões de carinho à artista através de mensagens, fotos e vídeos, por parte de pessoas que a conhecem da televisão ou trabalharam com ela como atores ou profissionais dos bastidores.

Uma homenagem no Teatro Rival marcou um capítulo na vida da comediante. Apesar de não ter participado como vedete no teatro de revista, ela foi homenageada pelo seu trabalho com direção de Carlos Machado, um craque das revistas. *O teu cabelo não nega* mostrava esquetes com comédia e música dos quais ela era uma das atrações.

Marina, em uma noite no Rio, ao lado do amigo Macalé, assistiu comovida ao espetáculo *Revisitando o teatro de revista*, que destacava um quadro dedicado aos dois. A peça, do grupo teatral paulista Gextus — grupo experimental da Universidade Católica de Santos —, fazia parte do Projeto Mambembão 89, programa do governo federal com espetáculos de música e teatro em turnê pelas principais regiões do Brasil.

— Foi lindo! Uma badalação!

A atriz e comediante Zezeh Barbosa fala da importância da carreira da Marina para os atores em geral. Principalmente para os negros, que a têm como referência humorística, de um tempo distante, mas que é preciso servir de história como incentivo aos novos talentos.

— É a nossa primeira grande comediante negra. Ela balança mas não cai desde 1968, que era um programa imperdível a que os pais assistiam. Eu era ainda um pouco criança, mas me lembro daquele importantíssimo momento. Minha mãe sempre corria e gritava: corre que vai passar a Crioula Difícil! E todo mundo corria. Eu me sentia representada. Para a raça negra é muito importante que tenhamos ícones negros de tanto sucesso.

Zezeh segue contando que o programa *Vídeo Show*, na TV Globo, que ela apresentava entre 2000 e 2001, fez uma linda homenagem a Marina Miranda, desvendando o mistério do suposto parentesco entre as duas artistas. Nos bastidores da televisão, muitas pessoas achavam que a veterana fosse sua mãe.

— Foi nessa gravação que eu conheci Marina Miranda. Acho que, pelo fato de a gente ter muitos traços em comum, o mesmo biotipo, bem parecidas, e de eu gostar da comédia, espalhou-se que eu era filha de Marina Miranda. O que me orgulha, uma atriz tão importante, tão amada, tão cômica, tão talentosa. E aí, por isso, uma vez nós fizemos o *Vídeo Show* esclarecendo e prestando uma grande homenagem a ela. Uma atriz que precisa ser comemorada sempre.

E a entrevista não podia ter um clima melhor, com as duas rindo da falsa maternidade. Mas Zezeh ressalta ainda grandes características do encontro inesquecível.

— Foi muito legal a entrevista, ela sempre muito animada, um coração muito grande, muito generosa. Brincamos de fazer biquinhos de Crioula Difícil. Ela é maravilhosa! Me orgulha muito que, entre as grandes atrizes negras, alguém me confunda como filha dela, o que me deixaria orgulhosa se fosse verdade, porque adoro o trabalho dela, respeito muito. É uma inspiração, uma grande atriz.

Na mesma emissora, a comediante foi lembrada pelo que mais gosta de fazer, cena de humor, no programa *Zorra Total*. A atriz Desirée Oliveira, a Mulata Difícil, esnobava o Angolano, vivido pelo ator Romeu

Evaristo. O quadro, idealizado por Maurício Sherman, foi totalmente inspirado no antigo, que apresentava a Crioula Difícil no *Balança*.

— Nós queríamos usar o nome “Crioula Difícil”, mas infelizmente nessa era do politicamente correto não pôde, fiquei até chateada, porque achava um carinho superbacana. Para mim foi uma honra o esquete que rodou vários quadros do *Zorra* na mesma semana.

Romeu Evaristo lembra de outro trabalho inspirado no casal nojento, no próprio *Zorra Total*, mas dessa vez ao lado da atriz Zezeh Barbosa.

— Foi quando Angola foi classificada para a Copa do Mundo, na Alemanha. É muito rica a lista de atores negros comediantes. Acho que a Marina e o Tião são grandes inspirações de humor para os atores negros, assim como Monsueto, Grande Otelo e Canarinho.

Mas não é apenas entre o meio televisivo que Marina povoa as lembranças. Sua memória me faz ver, ainda com mais clareza, que ela permanece muito viva no imaginário popular.

— Menino, sabe que um dia eu recebi uma saudação maravilhosa?! De uns meninos que eram mais caricatos do que eu — ri, lembrando com carinho.

Sua recordação alegre e carinhosa é sobre o evento em Mesquita, na Baixada Fluminense, realizado pelo amigo e produtor Neno Ferreira. A aclamação por transformistas é a prova do respeito e admiração de artistas de todos os setores da sociedade, fato também comprovado ao ter seu nome gravado nos corações de crianças e jovens alunos da Turma de Teatro Marina Miranda, da Cia. Atores de Mar, fundada por Mar’Junior e seu filho Patrick Moraes.

— Um dia ela disse que sou o filho branco que tem, o amor da vida dela. Nunca me esqueci dessas palavras. Quando eu comecei a homenagear as turmas com nomes de personalidades da arte, Marina Miranda foi a primeira — disse Mar’Junior.

TROFÉU RAÇA NEGRA

Marina guarda com destaque em sua casa o Troféu Raça Negra 2010, concedido a ela pela Afrobras por sua contribuição à cultura

do país. Após tantos anos de carreira, sendo a primeira comediante negra de grande projeção na televisão brasileira, esse prêmio tem um sabor de vitória e orgulho da sua etnia. Francisca Rodrigues, presidente do Troféu Raça Negra, ressalta que a homenagem “foi mais que merecida”.

— Marina Miranda, nossa Crioula Difícil, é uma das grandes atrizes negras brasileiras. O troféu sempre visa reconhecer nossos heróis, mostrando ao Brasil e ao mundo o talento, a carreira e o trabalho desses grandes nomes em prol de sua raça, da inclusão e de uma sociedade mais justa e diversificada. Salve Marina Miranda!

Durante a entrega no evento solene na Sala São Paulo, uma das mais modernas e luxuosas da América Latina, a atriz, emocionada, declarou:

— Este prêmio tem grande valor pra mim. É o primeiro troféu por toda a minha carreira. Quando comecei eram poucos negros trabalhando, e mulher comediante negra no meu início de televisão não lembro de outra, principalmente com quadro fixo.

HOMENAGEM ESPECIAL NO FICC

A diretora e produtora cultural Veronica Brendler fez um tributo para Marina na cerimônia de premiação da quarta edição do Festival Internacional de Cinema Cristão (FICC), no Cine Odeon, no Rio de Janeiro. Brendler me confidenciou que chorou muito ouvindo no palco a história da comediante, que foi saudada pelos aplausos de uma plateia repleta de artistas e produtores.

— Foi muito especial convidar a nossa querida atriz e humorista Marina Miranda para ser homenageada. Naquela noite ela contou de sua batalha junto com a atriz Darlene Glória, o quanto sofreram nos bastidores quando falavam de Deus, e nunca imaginaram que hoje existiria um festival de cinema cristão que premia filmes com mensagens do amor de Deus. Mensagens positivas, sobre o meio ambiente, a inclusão social. Marina foi deslumbrante, levantou o público e muitos se emocionaram. Ela mereceu todos os aplausos!

PARABÊNS PRA VOCÊ!

E como se não bastasse, em outro belo dia, mais um motivo para brindar a vida dessa querida artista, com direito a bolo e parabéns pela comemoração dos seus 86 anos de idade, durante o *Salada Ponto Cult*, no estúdio da Rádio Mundial News FM. O programa foi todo dedicado a ela, com entrevista e apresentação do ator e cantor Alexandre Morcillo, participações do ator e comediante Leo Arena e do jornalista e youtuber Ricardo Brasil. Morcillo interpretou uma seleção de canções que foram sucesso nas vozes de nomes da música que ela aprecia, como Roberto Carlos, Chico Buarque, Frank Sinatra e Cauby Peixoto.

UMA NOITE DE EMOÇÃO

O produtor teatral Orlando Miranda emprestou o seu Teatro Princesa Isabel às atrizes e produtoras Paula Goodarth e Ayala Rossana para reunir a classe artística em homenagem a Marina. Apresentando o programa *Gente Carioca*, exibido pelo Canal 6 da NET, o ator Fernando Reski fez toda a cobertura do evento, com a participação de nomes antigos do teatro e da televisão entrevistados por Cida Moraes.

A atriz Theresa Amayo falou emocionada para a câmera sobre a importância da homenagem:

— Marina Miranda, que trabalhou tanto, que lutou tanto e continua lutando.

Reski é amigo de Marina há mais de trinta e cinco anos, desde quando foi morar em Copacabana, perto do prédio dela.

— Encontro muito ela e as filhas pelo hortifrúti, perto de casa, moramos bem perto.

O ator, que fez várias participações em *Chico City* e *Os Trapalhões*, conta que Marina chamava todos de “caricata” pelos bastidores da Globo. E como repórter de vários bailes de Carnaval no Scala Rio, a entrevistava pela noite, sempre animada na entrada do camarote da casa de show.

— Durante o dia a gente se encontrava na emissora, onde trabalhei por muito tempo na linha de show, com direção do Augusto César Vannucci. Em seu auge na TV Globo, a Marina não parava, nos víamos em muitos lugares. Um dia a gente foi jurado em um Festival de Quadrilha, na Apoteose do Samba, e os participantes dançando entregavam brindes a todos nós, como reis e rainhas. Eram presentes, doces e frutas, mas era tanta coisa que fomos para casa no mesmo bairro lotados de bolsas e nos divertindo.

A atriz e produtora Ayala é mais uma a mostrar sua grande admiração:

— Marina é uma grande representante da arte negra no Brasil. Com sua graça e inteligência marcou época, nos permitindo hoje tê-la como referência. Ela abriu as portas da televisão brasileira para muitos outros artistas negros estarem hoje no mercado de trabalho. Seus personagens contagiaram a todos. Fico muito feliz de saber que homenagens estão sendo feitas em vida para essa grande mulher.

MARINA NA MIRA POPULAR PELO BRASIL

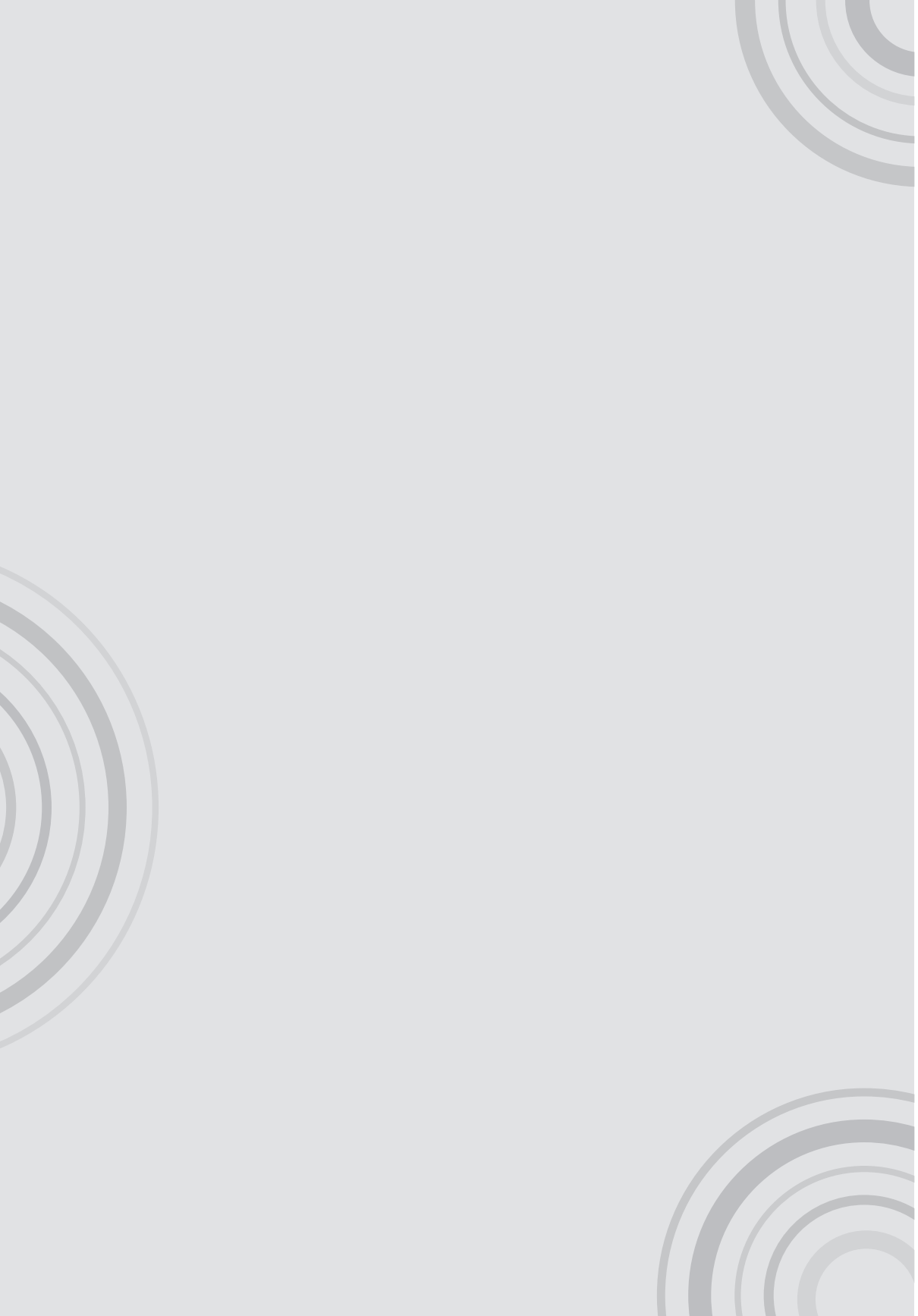
Entre os tantos relatos ouvidos, um saiu de uma conversa despretenhiosa com minha esposa, a pedagoga Noemia Pereira. Ela relatou como um segredo que, no bairro de Senador Camará, Rio de Janeiro, seus irmãos Fátima Gomes e Everaldo Pereira protagonizavam na infância, sob a luz de um lampião, cenas hilárias do “Crioulo e Crioula Difícil”, na sala de casa. A imitação animava a plateia formada pela família enquanto a luz não vinha. O que me despertou ainda mais para o efeito da comediante sobre seus fãs.

A radialista, atriz e comediante paraibana Ana Valéria, de João Pessoa, mais conhecida em sua terra como Aninha AV, foi mais uma a revelar suas boas lembranças do passado. Ela conta que, aos 6 anos de idade, após assistir ao *Balança mas Não Cai*, reproduzia todos os gestos e falas da personagem.

— Eu colocava uma peruca, a imitava mexendo os cabelos, e dizia: “Sou uma crioula muito avançada”. Respondendo com atitude ao bordão de Tião Macalé: “Ô, Crioula Difícil”.

Mas Aninha não parou por aí, e desde os tempos de colégio até hoje continua imitando os personagens de Marina. Dona Charanga é a sua preferida e está pelo Youtube.

— Eu a imitava, há pouco tempo eu fiz uma homenagem para ela, por conta da *Escolinha* nova. Amo o trabalho dela!



NEM TUDO SÃO FLORES NA VIDA DA COMEDIANTE

Vista pelos colegas como uma das atrizes mais bem-humoradas da televisão brasileira, a talentosa Marina viveu inúmeras dificuldades a partir dos anos 1970. Com garra e coragem, fazendo valer a máxima de que rir é sempre o melhor remédio, buscava se reinventar para superar as dificuldades.

Aos 46 anos, no mês do seu aniversário, a comediante perdeu a mãe, que faleceu em casa no dia 7 de setembro de 1976. Com idade muito avançada e debilitada pela velhice, Aydil era levada nos braços pela filha para todo canto do apartamento.

Sem a mãe, e mais uma vez sem contrato em nenhuma emissora, a comediante começa a se desesperar com as constantes adversidades. Ela precisava conseguir imediatamente segurança financeira.

— Quando minha mãe morreu, eu fiquei doida. Calhou de vir tudo junto. Não fiquei mais louca por causa das meninas, que já estavam chegando. Minha primeira adoção foi com a Glauca. A mãe dela não tinha condições de criá-la, então a peguei pra mim, ainda de colo, minha filha mais velha das que ficaram comigo.

Amigos comentam que Marina, mesmo nos momentos de grande dificuldade, não deixava de se preocupar e ajudar os colegas sem trabalho e moradores de rua. Era comum vê-la levar comida para alguém que dormia na calçada. Se algum artista trocava os móveis de sua casa e

queria se desfazer de roupas antigas, a procuravam ou eram procurados por ela para dar destino a tudo aquilo para outros que necessitavam.

Mesmo com a morte da mãe e o desemprego, Marina não deixou a dor e as dificuldades vencerem seu bom humor e a fé na vida. Foi assim que, lutando para criar as filhas que chegavam, ela começou a se reinventar em meio a crises pessoais.

Loira e de maria-chiquinha no cabelo, com o figurino extravagante em homenagem à Xuxa dos anos 1980, ela animou festas e bailes de Carnaval em clubes. A personagem fazia grande sucesso, vindo a ser madrinha do Bloco da Constante Ramos, uma das ruas de Copacabana.

— Eu me reinventava para sobreviver no meio artístico e sustentar minhas filhas.

Sua irreverência fez com que ela desse ao personagem o nome de “Xuxa Eletrocutada”, nome que ela diz ter inventado para chamar a atenção do público. Mas hoje, mesmo com a liberdade de criação do humor, sabemos que não cabe brincar com a cor da pele de ninguém para fazer graça.

PRIMEIRA NOVELA

Como dizem que atrás de uma tristeza vem sempre uma alegria, a chegada de Gláucia reanimou Marina, que acabou voltando a trabalhar após o luto. No ano seguinte à morte da mãe, sem nenhuma previsão de ser escalada para programas de humor, surgiu o convite para a sua primeira novela: *Dona Xepa* (1977), escrita por Gilberto Braga, baseada na peça teatral homônima de Pedro Bloch, e dirigida por Herval Rossano.

Esbaldou-se com as nuances da personagem Cleonice, desenhada pelo autor Gilberto Braga. Era a empregada de Glorita, uma grã-fina fútil e falida encarnada pela atriz Ana Lúcia Torre.

— Foi bom fazer a novela. De uma entradinha, acabei participando dela inteira. E no outro ano eu apareci em *Dancin’ Days*. E adivinha quem era o autor? Gilberto Braga, a quem agradeço, da mesma forma que aos diretores. Mas o melhor de tudo foi atuar com a Glorinha (Gloria Pires), que eu peguei no colo quando tinha oito meses de nascida. Acredita nisso?



Vestida de Xuxa, animando bailes e festas

Ao ser escalada para a segunda novela, que teve direção de Daniel Filho, Gonzaga Blota, Dennis Carvalho e Marcos Paulo, Marina se surpreendeu ao saber que faria Edwiges, a babá que cuidava do filho de Marisa e Beto, personagens de Gloria Pires e Lauro Corona, porque ajudara o amigo e comediante Antônio Carlos Pires a cuidar de sua filha Gloria quando esta tinha poucos meses.

A relação de Marina e Gloria Pires se fortaleceu através dos anos, conforme contou a comediante, que diz ter recebido ajuda financeira da atriz para criar suas filhas.

Com a personagem na trama das oito, Marina teve maior projeção como atriz, devido ao horário nobre. Sua alegria foi grande por ter trabalhado com Daniel Filho, profissional de quem gosta muito, e externou isso à imprensa. Mas, na época, fez uma ressalva, como diz o título da nota de Hildegard Angel em sua coluna: “Marina prefere Daniel quando está amando”, com a justificativa da atriz: “Ele é muito humano”.

Ao final da novela, a atriz voltou a ficar sem contrato. A situação dela e das filhas, sem dinheiro, ficou tão difícil que não tinham nem o que comer, e a comediante entrou em séria depressão. Fragilizada e com a saúde psicológica muito abalada, a comediante passou a ficar “perturbada espiritualmente”, ouvindo vozes.

Tudo se agravou mais com a sua tentativa de suicídio. Sem dinheiro, sem comida para os filhos, o desespero levou-a a tentar se jogar embaixo de um carro na rua Barata Ribeiro, esquina com a rua em que mora. Mas uma mulher percebeu seu tormento e a puxou rapidamente pelo braço. O carinho dos amigos e o amor das filhas ajudaram-na a dar a volta por cima e “chegar a uma nova época, de esperança e felicidade”.

Adepta da religião umbandista, mas sem muito apego e frequência ao centro espírita, passa a fazer parte da Igreja Cristã Nova Vida. Com a tranquilidade espiritual, por indicação de uma amiga evangélica foi trabalhar como vendedora de carnê do Baú da Felicidade, nas ruas e nos trens da Central do Brasil.

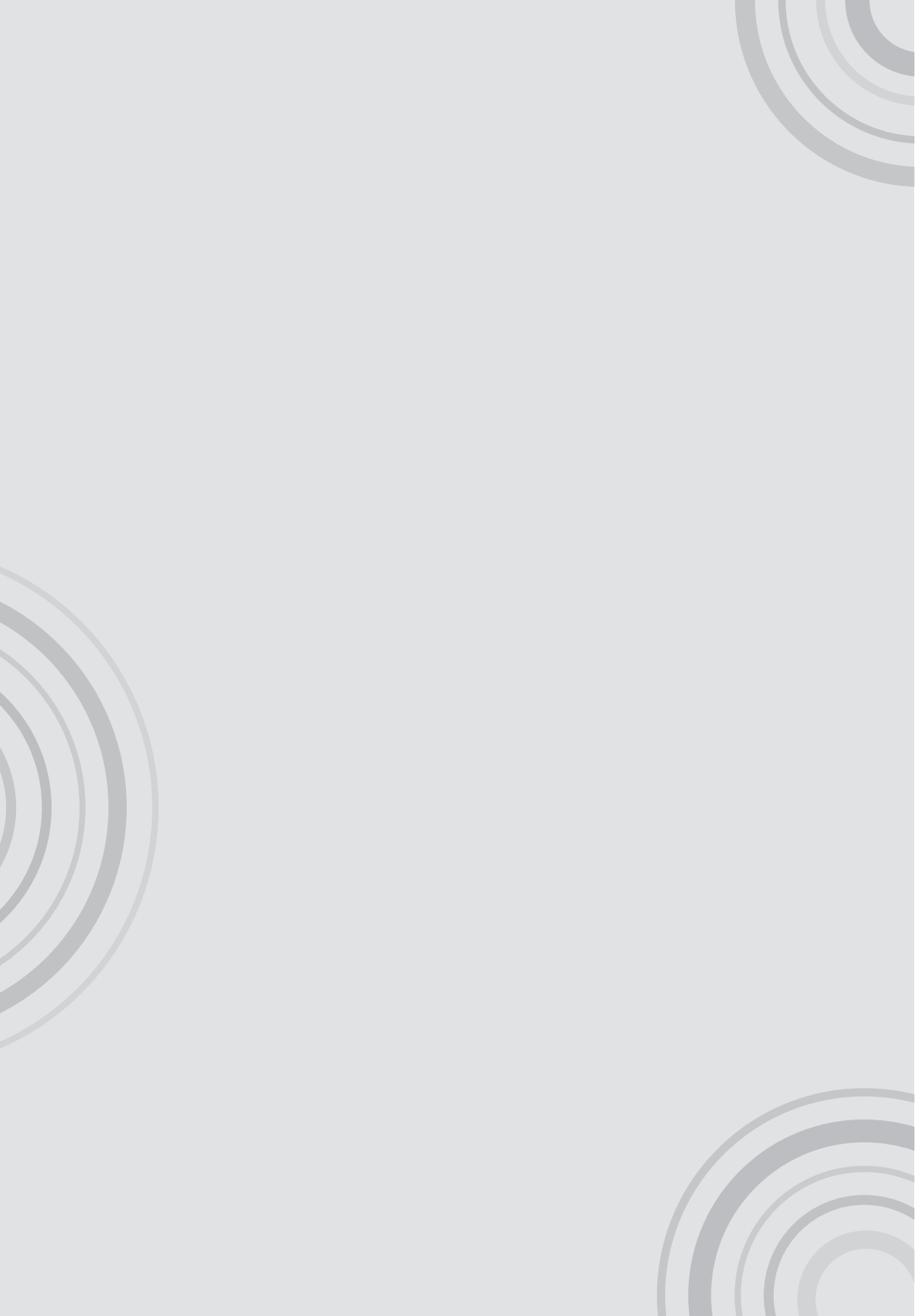
Conheceu o subúrbio assim, batendo nas portas com o rosto conhecido, e a cara e a coragem, pela Zona Norte e a Baixada Fluminense. Era reconhecida e surpreendia a todos, uma artista famosa vendendo carnê, longe da televisão.

Na igreja, participando do Congresso Cristão Mulheres de Negócios, viajou por todo o Brasil. Dava testemunho sobre sua conversão religiosa e fazia diversas pregações país a fora, mas a experiência durou menos de dois anos.

RELIGIÃO, BOM SINAL PARA MARINA

Para ajudá-la por meio da religião, Marina lembra que o então casal de atores Elizabeth Savalla e Marcelo Picchi a convidou para assistir a um culto da Igreja Messiânica. Com a esperança de que tudo melhorasse na vida de Marina, Beth lhe aplicou o Johrei, uma oração feita com as mãos, com poder da espiritualidade. Nesses meses de turbulência e fragilidade, coincidência ou não, após o Johrei, Marina passou a ser figurinha fácil das colunas televisivas, que publicavam notas citando seu nome mesmo sem estar em algum elenco.

Tetê Nahas, Hildegard Angel (*O Globo*) e Christine Ajuz (*O Dia*), por exemplo, em épocas diferentes, faziam o possível em suas colunas para alertar os diretores globais em relação ao talento da artista, noticiando sua falta de trabalho.



OS TRAPALHÕES, UMA NOVA OPORTUNIDADE

Em 1979, sem ser escalada para qualquer trabalho, surge a ótima chance de Marina participar de um programa de TV, mais uma vez perto de Tião Macalé, que já estava no elenco, mas ampliando parcerias cênicas.

A nova oportunidade de trabalho para Marina estava no elenco de *Os Trapalhões*, programa criado por Wilton Franco, vindo da TV Tupi para o grande sucesso na Globo. Enquanto os outros programas vinham do rádio, o grupo trazia a experiência da linguagem televisiva. No ar com Renato Aragão, Manfred Sant'Anna, Antônio Carlos Bernardes e Mauro Gonçalves — Didi, Dedé, Mussum e Zacarias —, o programa se tornaria líder de audiência aos domingos.

— Eu fiz quadros com todos. Tudo misturado. Aí, comecei a aparecer de novo na televisão com mais frequência, como comediante. Mas com o Tião gravei quadros que ninguém esquece.

Os dois tinham um perfeito entrosamento, espontaneidade e muito improviso. Ele esquecia o texto de vez em quando, não era bom de decorar, mas até disso fazia graça e virou sua marca na televisão. Um dos pontos altos da comicidade dos dois foi a paródia sobre Claudia Raia e César Filho no programa. Eles brincavam com a dupla de apresentadores do *Globo de Ouro*.

A sátira era completa, com Mussum, Didi e Zacarias, respectivamente Tina Turner, Michael Jackson e Madonna. A colunista Tetê Nahas anunciou o quadro em nota intitulada “Novidades Trapalhonas” na sua coluna de *O Globo*. “Hoje, no primeiro de seus programas com tema musical, Os Trapalhões preparam algumas surpresas, que eu começo a estragar”.

Em *Os Trapalhões*, Marina protagonizou vários quadros de muito humor envolvendo vários artistas. Com Renato Aragão, o Didi (Rhett Butler), e Regina Casé (Scarlett O’Hara), o programa mostrou a paródia de ... *E o vento levou*, filme de 1939 estrelado por Vivien Leigh e Clark Gable, e dirigido por Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood.

Com caras e bocas, ela roubou a cena como a escrava de grande simpatia Mammy, eternizada por Hattie McDaniel, atriz e cantora norte-americana que viveu a personagem teimosa que cobria de cuidados e carinhos Scarlett O’Hara (Vivien Leigh). Em 1940, pela atuação no filme, Hattie se tornou a primeira artista afrodescendente a receber o Oscar de melhor atriz coadjuvante.

Um clássico inesquecível que ronda a internet é o quadro em que Marina contracena com o comediante mangueirense, Mussum. Eles estão em casa à espera de Didi e a esposa (Terezinha Elisa) para assistir ao Fla-Flu na televisão, e tudo acaba em confusão e polícia. Marina, bem nova e magra, de lenço amarelo na cabeça e blusa do Fluminense, Mussum de camisa do Flamengo e seu característico chapéu verde e rosa.

É hilário! Não me canso de assistir no Youtube e dar boas risadas. É simples! Mas cômico, pelo bom trabalho dos comediantes; a torcedora do Fluminense bate no marido flamenguista e quebra discos do Flamengo na cabeça dele.

— Ah, sim, eu me divertia fazendo as cenas com todos. Era um tempo bom! O Tião comigo tinha mais intimidade e a gente se comunicava com o olhar, eu sabia quando ele ia preparar algo.

Macalé aprontava nos bastidores do programa, mas era comum ele esquecer o texto na hora da gravação e fazer todos morrerem de rir olhando para a cara do “sem noção”. Ele visitava os camarins vazios para “roubar” comida e se vangloriar à boca pequena pelo que havia conseguido por pura diversão.

DOIS IRMÃOS: DUPLA DO BARULHO E DE BRIGAS

Para a nova geração, o trabalho de Marina Miranda esteve sempre associado à TV Globo e ao Tião Macalé, seu parceiro mais constante.

Além de teatro, programas de humor e novelas, a comediante trabalhou no cinema e em comerciais de produtos na televisão.

Em *Entre mulheres e espões*, filme de 1961, dirigido por Carlos Manga, ela trabalhou com Oscarito, Cyl Farney, Vagareza, Rose Rondelli e Marly Bueno. Em *Os caras de pau*, de 1971, dirigido por Flávio Migliaccio, atuou com Brandão Filho, Henriqueta Briebe, José Santa Cruz, Manhoso e Maurício Sherman, entre outros.

Da parceria com Tião Macalé, morto em 1993, Marina lembra com carinho:

— Ele era um bom companheiro, talentoso, engraçado. Nos anos oitenta, fizemos comerciais para os supermercados Disco e foi um sucesso. Tião é daqueles que ficam para sempre na memória.

“CASAL NOJENTO” NOS COMERCIAIS DO DISCO

O marketing dos supermercados Disco, de olho na maior visibilidade de seus produtos, não fez por menos. Decidiu levar a ótima parceria

da dupla de amigos e comediantes para os comerciais na TV com muita irreverência. Em outubro de 1988, começou uma campanha publicitária centrada nas sátiras protagonizadas pelos dois.

Para a série de comerciais na televisão, Marcos Abrahão escrevia as paródias, Murilo Miranda Richulino, Ernesto Pablo Planas e Fátima Simonetti aprovavam os esquetes, e Renato Ruzzi, diretor da RTVC, carimbava as produções. Um time de craques da Pass — Publicitários Associados Ltda., envolvido na “Operação Nojento” —, como era chamada a campanha internamente.

A ideia de ter no ar algo diferente, alegre e divertido, funcionou como aliada para ganhar a guerra de propagandas na televisão. Os comediantes anunciavam as ofertas de linguiça, feijão, macarrão, sabão, arroz, frango... com Macalé finalizando com o “nojento”, “tchã” ou “tchãtchã”.

Para os supermercados Disco, os dois realizaram diversas e hilariantes caricaturas de personalidades. O deboche tomava como base o sucesso do programa de humor *TV Pirata*, acrescentando sátiras que iam da apresentadora Xuxa ao desenho animado *He-Man & She-Ra*, dois ícones da garotada; do exótico candidato Nelson Merru e seu espanador no horário eleitoral ao apresentador Silvio Santos, com o quadro “Porta da Esperança”, sátiras que se tornaram clássicas na televisão.

Não ficaram de fora os comerciais exibidos na televisão, como o da geleia de mocotó Inbasa. No original, uma mãe dizia junto a seu filho: “O Júnior fica com a geleia...”, e então o filho respondia: “... e a mãe fica com o copo!”, e logo após apareciam os dentes do menino brilhando. Na nova versão, Marina, a mãe, dizia: “O Júnior fica com a saúde...” e Tião dizia: “... e a mãe fica com o troco, tchã!”, e aparecia o sorriso vazio do garoto Tião com os dentes caninos brilhando.

Outros comerciais satirizados foram os dos iogurtes DanUp e Bliss. No primeiro havia alguém perguntando “E agora?”, e em seguida várias pessoas cantando “agora beba iogurte DanUp!” No outro, havia um casal de jovens atletas fazendo exercícios pelas ruas, tendo como fundo musical “Eu bebo Bliss, estou bebendo...”. Então, na paródia dos comerciais do Disco, quando alguém perguntava “E agora?”, os comediantes apareciam vestidos como o casal de atletas da propaganda do

iogurte Bliss. E cantavam de modo semelhante à propaganda do iogurte DanUp: “agora tem ofertas Disco... anote!”

As paródias não dispensavam nem os concorrentes Sendas, com Carlos Henrique e sua filha, e os Super-Heróis CB, personagens de Tim Rescala e Bia Nunes criados para o supermercado Casas da Banha.

Na minha conversa com Abrahão, o publicitário assegura que entre os dois comediantes, durante o trabalho e nos intervalos, via respeito e carinho. Acrescenta que as gravações eram bem-humoradas e que o tratamento entre eles era realmente de irmãos. O problema das gravações estava na turma dos bastidores. As gargalhadas eram inevitáveis e atrapalhavam a captação do áudio.

— Muitas vezes pedíamos para a turma sair. Eu mesmo tive que ficar de fora na gravação da paródia do casal Carlos Henrique e sua filha, das Sendas.

Os 21 quadros gravados para os comerciais na Globo fizeram tanto sucesso nos intervalos da telenovela do horário nobre que, quando eles saíam na rua, todos os chamavam de “nojento” ou faziam o “tchã”. Mas, como toda regra tem sua exceção, não era incomum aparecer alguém ligando para o Disco para reclamar da propaganda. Alguns telespectadores se sentiam ofendidos com o “nojento” de Tião todo dia na telinha.

Marina o defende, dizendo que, para Macalé, o “nojento” era um carinho, muito além da palavra pesada e feia. Para ela, a palavra, usada para agredir, em sua boca assumiu outro significado.

Os comerciais deram tanta visibilidade aos dois comediantes, como um casal, que os fãs paravam Marina nas ruas perguntando: “o Tião é um bom marido?”, para ela repetir sempre: “Somos apenas bons amigos”.

Sylvia conta que, nesse tempo, Marina e Tião tinham empresário e assessor de imprensa para cuidar da agenda deles. Ao ir com os dois a uma apresentação do cantor Wando, no Asa Branca, casa de shows na Lapa do Rio, ela presenciou de perto a popularidade do “casal” Crioulo e Crioula Difícil.

— Os fãs cercaram minha mãe e tio Tião de maneira que os seguranças, a pedido do Wando, tiveram que ajudá-los a entrar na casa. Wando era louco pela minha mãe. A Kassu (Ivone, falecida assessora

de imprensa) era outra que adorava minha mãe e nos dava convites para todos os shows do Roberto Carlos.

FORA DO AR!

O Casal Nojento ficou três semanas sem aparecer no vídeo com o comercial Disco. O anúncio alegre e divertido sobre as promoções foi suspenso temporariamente quando a empresa entrou em concordata preventiva.

Antes de terminar o ano de 1988, para surpresa de Marina Miranda, o martelo foi batido, e os supermercados Disco entraram em concordata. A artista recebeu a notícia por uma repórter que a entrevistava sobre o assunto. “Estou tonta”, disse ela em entrevista ao jornal *O Globo*, acrescentando que “o Disco sempre pagou muito bem e sem atrasos”.

Infelizmente não pôde ser gravada a gracinha que seria a sátira seguinte, com Marina encarnando a apresentadora Hebe Camargo. Mas mesmo com todos os problemas, o comercial não para por aí e segue por curto prazo com a mesma equipe publicitária. A ideia de Abrahão com os comerciais era dar vida longa aos dois como garotos-propaganda da empresa, dos personagens de TV aos personagens da história, sempre no espírito da paródia: dom Pedro I, Cleópatra, Napoleão, princesa Isabel etc.

— Já havia escrito uma série de esquetes. Mas o Disco estava passando por uma transição e os novos executivos decidiram seguir a mesma linha, usando a Claudia Jimenez — muito elogiada por Marina. — Chegamos a iniciar, mas não deu certo. Não pela atriz escolhida, mas repetir a ideia sem o Tião e a Marina acabou virando uma cópia barata. Ninguém gostou. Nem eu (risos).

O “casal” sai do ar em agosto de 1989, quando termina o contrato com o Disco. A empresa passou a investir no humor de Claudia Jimenez e em seguida Juca Chaves.

— O Juca veio depois de uma tentativa não muito feliz com a Jimenez, mas a empresa já estava de mudança, comprada por outra rede (Paes Mendonça) e os novos donos acabaram com tudo. Inclusive com a agência de propaganda (mais risos).

Ao término da série de comerciais para o supermercado, Marina ficou muito preocupada com a falta de recursos e a saúde do amigo, que estava doente. Ela temia que a notícia o aborrecesse e o levasse a beber em excesso.

— Diabético, Tião Macalé não podia beber, mas fazer o quê, teimoso que nem uma mula. Não podia ganhar um tostão que torrava com farra e bebida. Não ligava para o que eu dizia. Olha que eu fiz de tudo para ele registrar o “tchã”, e dizia que eu estava maluca. Mas todo mundo viu o sucesso que o grupo É o Tchan fez com o bordão dele.

TIO TIÃO

Segundo Marina, Macalé não era uma pessoa fácil de lidar, mas ela não deixava de se preocupar com o parceiro, que a seguia em mais um humorístico. Ele se incomodava com a preocupação de Marina Miranda com o futuro. “Lá vem você pensar em morte!” Tião não ouvia a amiga, mas, em contrapartida, era cuidadoso com as filhas dela como se fossem dele. E quem garante isso é Sylvia, que o chama de tio.

— Eu tenho ótimas lembranças do tio Tião. Foi muito paterno com a gente. Às vezes eu ia para a gravação de *Os Trapalhões*, no Teatro Fênix, e, se alguém barrasse a gente na portaria, ele vinha vestido de capeta ou diabo e perguntava: “Quem é que tá travando a entrada da minha afilhada?” E logo alguém respondia: “Não é nada disso, não, Tião”, e tudo se resolvia. No final da gravação, ele fazia questão de ir me ver. “Olha, vai pra casa, minha filha. Vou ligar pra sua mãe e saber se você chegou bem” — afirma.

A morte de Tião Macalé, aos 67 anos, em 1993, foi um baque para a comediante. Tião morreu depois de um show em Rio Preto, interior de São Paulo.

— Foram mais de trinta anos de amizade e trabalho juntos. É uma dor danada, sinto a falta dele. De nossas brigas, do meu cuidado com ele, mesmo não dando a mínima. “Não se mete, eu não vou morrer. Você tá colocando urucubaca!”

Para Macalé, a amiga estava constantemente errada ao tentar ajudá-lo com opiniões em determinados assuntos de sua vida, profissional ou pessoal.

— Ele era muito malcriado! Eu falava: “guarde que isso é seu e futuramente pode até ganhar uma grana”. E ele torcia o bico. A gente sempre brigava por bobagens dele! Mas o trabalho junto, você sabe que quebrava o gelo? Eu até me esquecia de tudo. E ele também. Eu falava, “ih, não vem, não, que tô de mal com você, viu”.

E tudo terminava em graça, riso.

— O Tião era um grande amigo, mas não tinha jeito — acaba rindo do que fala.

DONA MARIA BEBUM NO CLIPE DE MUSSUM

Em 1981, a apresentadora Sandra Bréa anuncia no *Fantástico* que, nos ensaios das escolas de samba, uma composição do cantor e humorista Mussum fazia sucesso. O primeiro hit após sua saída do grupo Originais do Samba.

É o samba “A vizinha (Pega ela peru)”, em que, no clipe exibido pelo dominical da Globo, a vizinha é vivida com muita graça por Marina. No cenário de uma favela, Mussum canta com o grupo Fundo de Quintal numa roda de samba. Por detrás do balcão da tendinha, o atendente é Tião Macalé, que serve um copo de pinga à bebum encrenqueira, como diz o refrão do samba: “Dona Maria começou a imaginar/ Um apelido que não fosse popular/ E aí, quando a vizinha enche a cara de pitú/ E passa na esquina é o maior sururu/ Pega ela peru, pega ela peru/ Pega ela peru, pega ela peru/ Pega ela peru, pega ela peru/ Pega ela peru, pega ela peru”. Sucesso que foi além das quadras e do Carnaval carioca.

LAFOND, AMIZADE CONQUISTADA

O comediante Jorge Lafond foi outro amigo que trabalhou em *Os Trapalhões*, e Marina também cuidava dele como se fosse um filho.

Ela se lembra de Jorge Luís Sousa Lima, mais conhecido pelo nome artístico. Ele frequentava sua casa. Tinha o hábito de visitá-la para pedir conselhos sobre algum trabalho, mas na maioria das vezes para filar o almoço, se deliciando com a habilidade culinária da amiga. Lafond não se cansava de levar peixe para a casa de Marina, de olho no preparo de uma deliciosa peixada. E, de tanto comer, dormia no sofá com a barriga cheia.

— Ah, eu fazia para ele uma peixada de lamber até os beijos. Comia e estirava aquele corpo enorme no sofá da minha sala, todo barrigudo pelo almoço. Misericórdia! — ri.

Em uma de suas idas ao apartamento da Dias da Rocha, Lafond, antes de se empanturrar de peixe, chegou às pressas ao portão do prédio. Ele encontrou Sylvia, então com 9 anos, e perguntou por Miranda, como chamava Marina.

E é a própria Sylvia quem descreve os detalhes do encontro:

— Eu lembro como se fosse hoje. Veio em minha direção aquele negro lindo, de pernas longas de fora, careca da cabeça aos pés, de brincos e batom chamativos. Nossa, como ele era alto! Todo reboletivo, dando pinta de shortinho jeans curto desfiado, bolsa e camiseta com a barriguinha aparecendo. De óculos de sol abelha, vermelho. Pode? Ah! e uma bota branca. E lá vem ele gritando: “Maria Sylvia! Cadê Miranda?” Eu disse: “Tá na igreja”.

No lugar da Igreja Universal do Reino de Deus, que Marina frequentava na mesma rua em que mora, hoje funciona um supermercado. Para convencer a menina a acompanhá-lo, ele prometeu levá-la ao circo, uma de suas paixões de infância. Os dois, de mãos dadas, caminharam em direção à igreja, que estava lotada de fiéis atentos à pregação do pastor. Todo “purpurinado”, sem largar a mão da menina, Lafond adentra o espaço com a sua tradicional cabeça raspada e com seu 1,98 metro de altura aos gritos, com as mãos na cintura, e seus trejeitos afeminados: “Miranda!”

E a artista comenta:

— Ouvei um zunzunzum na igreja, todos olhando para trás. Eu vi que era o Lafond num escândaloouoo, e saí de fininho para o pastor não me ver. E ele no meu pé. “Caricata, eu quero falar com você!” Nem aí para o que estava acontecendo em volta. O povo todo da igreja olhando

para ele, desviando a atenção da pregação. E foi nesse dia que, antes de chegar em casa, ele comprou o peixe que preparei para o almoço. Sabe que não lembro o que de verdade ele queria comigo de urgência. Acho que mais uma vez ele queria o meu rango — ri sem parar.

E a promessa foi paga para Sylvia. O comediante levou a menina ao circo. Mas não àquele com palhaço, bailarina, mulher barbuda, mágico e trapezista. E sim ao Circo Voador, com show de Ney Matogrosso. Ele adorava o Ney e, durante a apresentação, para a felicidade da garota, lhe comprou uma pipoca.

— E eu amei! Lafond lá em casa era uma farra completa. Adorava minha mãe! Se ele estivesse vivo, minha mãe não passava a metade das dificuldades que ela tem vivido nesses últimos anos — comenta a filha, lembrando a falta de dinheiro da mãe com o último desemprego.

Nesse instante, Cosme resolveu comentar sobre o trânsito, que não estava dos melhores. Tive receio de que a situação irritasse Marina pela demora em chegar ao *Samba de Primeira*; ela estava aparentemente quieta. Mas, inesperadamente...

— Meu Deus, que diabo é esse trânsito lento? Misericórdia! Como é difícil chegar à Barra da Tijuca — quebrando o falso silêncio em um rompante.

CONTINUANDO EM BUSCA DA FÉ

Mesmo trabalhando, Marina sentia falta de uma fé espiritual. Algo consistente que confortasse seu coração. Sua conversão aconteceu pelas mãos da ex-atriz Darlene Glória, que, antes de abandonar a carreira artística, era conhecida como símbolo sexual do Brasil na década de 1970 e ganhadora do Urso de Prata do Festival de Berlim por sua atuação no filme *Toda nudez será castigada*, de Arnaldo Jabor, baseado na peça de Nelson Rodrigues.

A comediante, vivendo um momento de crise, um dia abriu seu coração a uma senhora desconhecida, que encontrou na rua Santa Clara. Ali, teve a dica que achou mais acertada para sua vida.

— A moça, apontando para um sobrado, me disse: “Vai naquela igreja que seu desassossego passará, onde você vai encontrar o descanso,

o seu repouso”. Eu achei estranho porque ela olhou nos meus olhos e disse: “A solução para seus problemas fica naquela cortina azul”. E fui no tal sobrado, onde vi uma moça bonita, loira.

Para sua surpresa, a mulher dos fios platinados era quem reconhecia do seu “tempo de mocinha”. E a conversa entre as duas se deu entre lágrimas. “Darlene Glória!” E ela disse: “Marina, você aqui?”

— Falei o que eu estava vivendo. Fiquei indo aos cultos, eu nunca tinha encontrado uma verdadeira comunhão com Deus. Minha vida foi uma transformação, você sabia? Quem não tem a parte espiritual resolvida, não vive bem, independente da religião — ela faz questão de reforçar.

— A pastora Helena Brandão (Darlene Glória) me levou para a igreja dela. Ela foi muito boa comigo — comenta, para Sylvia emendar rindo: — Eu e minhas irmãs íamos na igreja só pra comer — sendo imediatamente interrompida com firmeza: — Misericórdia, Sylvia! Vocês iam, eu não. Achei lá muito mais do que isso. Jesus transformou a minha vida. Tive equilíbrio para trabalhar seguindo com o humor e honrando meus compromissos financeiros — completa.

HUMOR NAS NOVELAS

Surgiram mais convites para a atriz fazer participações em novelas, séries e outros programas da TV Globo. Marina não dispensava uma “entradinha”, principalmente nas novelas, onde conter o riso, para não atrapalhar as gravações, era tarefa difícil para o elenco. Quando ela estava em cena com suas tiradas engraçadas, não tinha quem aguentasse sério.

Ela volta a ser convidada em 1982 para viver mais uma empregada xereta na carreira, na novela *Final Feliz*, de Ivani Ribeiro, com direção de Paulo Ubiratan, Wolf Maya e Mário Márcio Bandarra e direção-geral de Paulo Ubiratan.

Em todos os bastidores das novelas em que trabalhou, a artista foi bem acolhida. A prova disso está em *Vereda Tropical* (1984), de Carlos Lombardi, direção de Jorge Fernando e Guel Arraes, quando recebia o carinho dos colegas e arrancava gargalhadas de todos. A Dirce, personagem de Marina, “tinha alguns parafusos a menos”.



Amor e humor, sempre presentes: com o amigo Jorge Fernando

Marina conta que se divertia muito fazendo mais uma doméstica. Quem na época comprova as estripulias da personagem, em sua coluna do jornal *Última Hora*, é Gladys Cipriano. “Houve um grande baradada quando Rosamaria Murtinho chegou para gravar *Vereda Tropical* e deu de cara com a Crioula Difícil, Marina Miranda, que faz sua empregada na novela, ambas com o mesmo penteado.”

Seguindo com a nota, Gladys conta o desfecho nos bastidores: “As duas começaram a rir freneticamente, já que na cena a ser gravada, a patroa, depois de uma tarde inteira no cabeleireiro, chega em casa enfurecida. Diante da coincidência, o diretor Jorge Fernando aumentou a cena, mostrando o espanto da patroa ao ver a empregada com cabelo igual ao seu. Eu hein! Geralmente essas coisas dão bastante ritmo a uma novelita.”

— Deus foi tão bom comigo que na sequência participei da novela *A Gata Comeu* (1985). Era a empregada do Gugu (Cláudio Corrêa e Castro) e Tetê (Marilyn Bueno).

A Gata Comeu era a novela das seis, de Ivani Ribeiro, com colaboração de Marilyn Saldanha, e direção de Herval Rossano e José Carlos Pieri.

Na casa dos patrões, a doméstica participava das situações mais inusitadas. Comparsa de dona Biloca (Norma Geraldty), a personagem de Marina ajudava no plano para fazer com que Babi (Mayara Magri) se apaixonasse por Zé Mário (Elcio Romar) e esquecesse Tito (Jayme Periard).

Mandala, novela de Dias Gomes com colaboração de Marcílio Moraes e Lauro César Muniz, era inspirada na tragédia Édipo Rei, de Sófocles. Sob a direção de Ricardo Waddington, José Carlos Pieri e Fábio Sabag, Marina fez participação especial na primeira fase como a empregada de Túlio (Gianfrancesco Guarnieri), patriarca da família de Jocasta (Vera Fischer). Participava com muita graça de todas as situações.

Com todas essas lembranças, mais uma cena me vem à cabeça, reforçando o quanto Marina Miranda era querida pelo elenco de atores e diretores da TV Globo. Ela esteve presente com toda a turma nas vinhetas com mensagem de feliz Ano Novo.

A emissora deu início às suas vinhetas de fim de ano na década de 1970 e a atriz participou delas por todo o tempo em que esteve contratada. Duas dessas vinhetas foram ao ar com destaque nos anos 1980.

Em 1986, a vinheta intitulada “Pega a onda da Globo” contava com boa parte do elenco de estrelas na época, que saudavam com festa a chegada de mais um ano.

Em torno de 76 integrantes, incluindo atores, comediantes, jornalistas e apresentadores como Sílio Boccanera, Cláudio Corrêa e Castro, Carlos Vereza, Susana Vieira, Carlos Zara, Lima Duarte, Lucélia Santos, Milton Gonçalves, Marco Nanini, Paulo Silvino, Fernando Vannucci, Lauro Corona, Joelmir Beting, Yara Cortes, Arnaud Rodrigues, Paulo Henrique Amorim, Flávio Migliaccio, Zilka Salaberry, Sérgio Chapelin, Mário Lago e muitos outros.

Marina aparece em primeiro plano, mostrando que estava bem na emissora. São pouquíssimos negros na telinha durante a vinheta. Mas depois a emissora presta grande homenagem aos cem anos da Abolição da Escravatura no Brasil.

— Ah, menino, pera aí, lembrei! Foi nessa época que me chamaram e cantei com Tim Maia, Djavan... e meu queridíssimo Martinho da Vila, que me abraçava e passava o microfone pra eu cantar junto com ele. Todo o elenco da Globo cantando “Axé pra todo mundo”. Que energia boa! Pura emoção.

No final de 1987, a “caricata” aparecia na tela da TV Globo cantando com o elenco negro da emissora, além de vários cantores da MPB, na vinheta de fim de ano, marcando o início das comemorações do Centenário da Abolição.

— “Axé, axé... axé pra todo mundo axé...” — Marina dá uma palinha espontânea da música composta por Martinho da Vila.

Tim Maia, Elza Soares, Gilberto Gil, Jorge Ben Jor, Milton Nascimento, Leci Brandão, Jair Rodrigues, Sandra de Sá, Alcione e Agnaldo Timóteo foram alguns dos cantores que soltaram a voz no palco. O evento de celebração da negritude brasileira reuniu também dezenas de outros expoentes do entretenimento brasileiro, incluindo Jorge Lafond e Tony Tornado.

Em 1988, ela fez a novela *Bebê a Bordo*, de Carlos Lombardi. Nos anos seguintes, sem participações em novelas, produtores e agentes culturais aproveitaram para trabalhar com a imagem da Crioula Difícil em shows pelo Rio, tendo a personagem como referência para a divulgação. Criaram um roteiro especial para incluí-la em destaque no palco, sozinha ou com outros nomes. No ano de 1990 ela ficou em cartaz no Teatro Dercy Gonçalves, em Madureira, bairro da Zona Norte do Rio. O show infantil *A Crioula Difícil e seus Mirandinhas* apresentava a filha Sylvia no elenco de sete crianças.

UMA NEGRA CHEIA DE GRAÇA

Marina volta às novelas em 1991; à das oito com *O Dono do Mundo*, e à das sete com *Vamp*.

Vamp era de autoria de Antônio Calmon e reunia tipos hilários de vampiros num elenco que fez a atriz retornar à parceria com Jorginho, referência carinhosa dela a Jorge Fernando, que dividia a direção com Fábio Sabag e Carlos Manga Jr.

Brilhante coadjuvante que foi nas novelas globais, o talento de Marina chamou a atenção do autor Gilberto Braga, que abriu espaço para a atriz se destacar em *O Dono do Mundo*, protagonizada por Antônio Fagundes. O ator assumia diante das câmeras o seu primeiro vilão, o conquistador cirurgião plástico Felipe Barreto, fazendo de tudo para seduzir a mocinha ingênua e simples vivida por Malu Mader (Márcia). O novelista teve colaboração de Leonor Bassères, Ricardo Linhares, Sérgio Marques e Ângela Carneiro. A direção foi de Dennis Carvalho, Ricardo Waddington, Mauro Mendonça Filho e Ivan Zettel.

Entre os noveleiros de plantão, não houve quem não comentasse as impagáveis cenas, líderes de audiência, da empregada Zuleica (Marina Miranda) servindo a terrível patroa Constância Eugênia (Nathalia Timberg), mãe adotiva do cirurgião. Mau-caráter como o filho, ela gostava de pisar na empregada. Numa trama envolvendo Olga (Fernanda

Montenegro), seu desafeto, e a amiga Zoraide (Jacqueline Laurence), a megera é obrigada a servir o jantar a Zuleica, cheia de poses sentada à mesa. Prato cheio para a interpretação de Marina.

Mas a humilhação da vilã não ficou por aí, tendo Constância que também passar a roupa da casa, sob os olhares de Olga e as ordens da empregada, imperando as mesmas falas que a patroa costumava usar com ela. O clima entre as atrizes foi de total descontração, com muitos risos antes e depois da gravação.

— Nossa, como foi engraçado! A gente não se aguentava. No outro dia, em que a cena foi ao ar, era aquele zunzunzum pela Globo, com todo mundo me dando os parabéns. Aquilo era uma víbora! Muito bem interpretada pela fabulosa Nathalia Timberg ao lado da Jacqueline Laurence. Todas foram minhas parceiras nas cenas.

Esse foi o terceiro trabalho da atriz com Gilberto Braga. Até ela torcia para que a empregada desse o troco na patroa. Nas ruas nem se fala. Todos queriam a vingança!

A comediante ficou encantada por fazer a novela. Marina conta que tem a peculiaridade de aproveitar as oportunidades em cena e, às vezes, com personagens quase sem fala, tenta mostrar o talento nos olhares e gestos. A boa atuação acaba sendo confundida com a vida real.

— Não há semelhança minha com nenhum papel, nem com as empregadas domésticas. Nunca trabalhei em casa de família. Embora as pessoas comentassem que as roupas coloridas da Joana eram muito parecidas com as minhas, ela não tinha nada a ver comigo. Nem com a ninfomaníaca, divorciada, escandalosa e exótica — personagem da novela *Vamp*.

EMPREGADAS ESPIRITUOSAS

A maioria das mulheres que Marina viveu em novelas, filmes e peças teatrais eram empregadas domésticas e babás, um demonstrativo da realidade no país daquela época para as atrizes negras. Hoje o Brasil é outro, e com isso outros personagens surgiram das gavetas de quem

escreve para os atores, que acabam não ficando presos às marcações de “personagem negro” no texto.

Podemos louvar o grande avanço da cena negra brasileira no teatro e na televisão. O problema identificado pelos estudiosos da cultura afro-brasileira não está no fato de se representar uma empregada doméstica, mas no fato de não serem apresentadas outras opções para as atrizes negras.

Isso me faz lembrar uma charge do cartunista Pestana que vi no livro *Ser negro no Brasil hoje* (1993), de Ana Lúcia Eduardo Farah Valente, professora titular e pesquisadora da Universidade de Brasília. A imagem mostra a filha, negra, na cozinha, e o pai negro na sala da casa em frente à televisão. Ela, de longe, trabalhando, manda seu recado: “Acho que não quero mais ser atriz, papai. Se for pra ter que lavar, passar, servir, eu trabalho aqui em casa!”

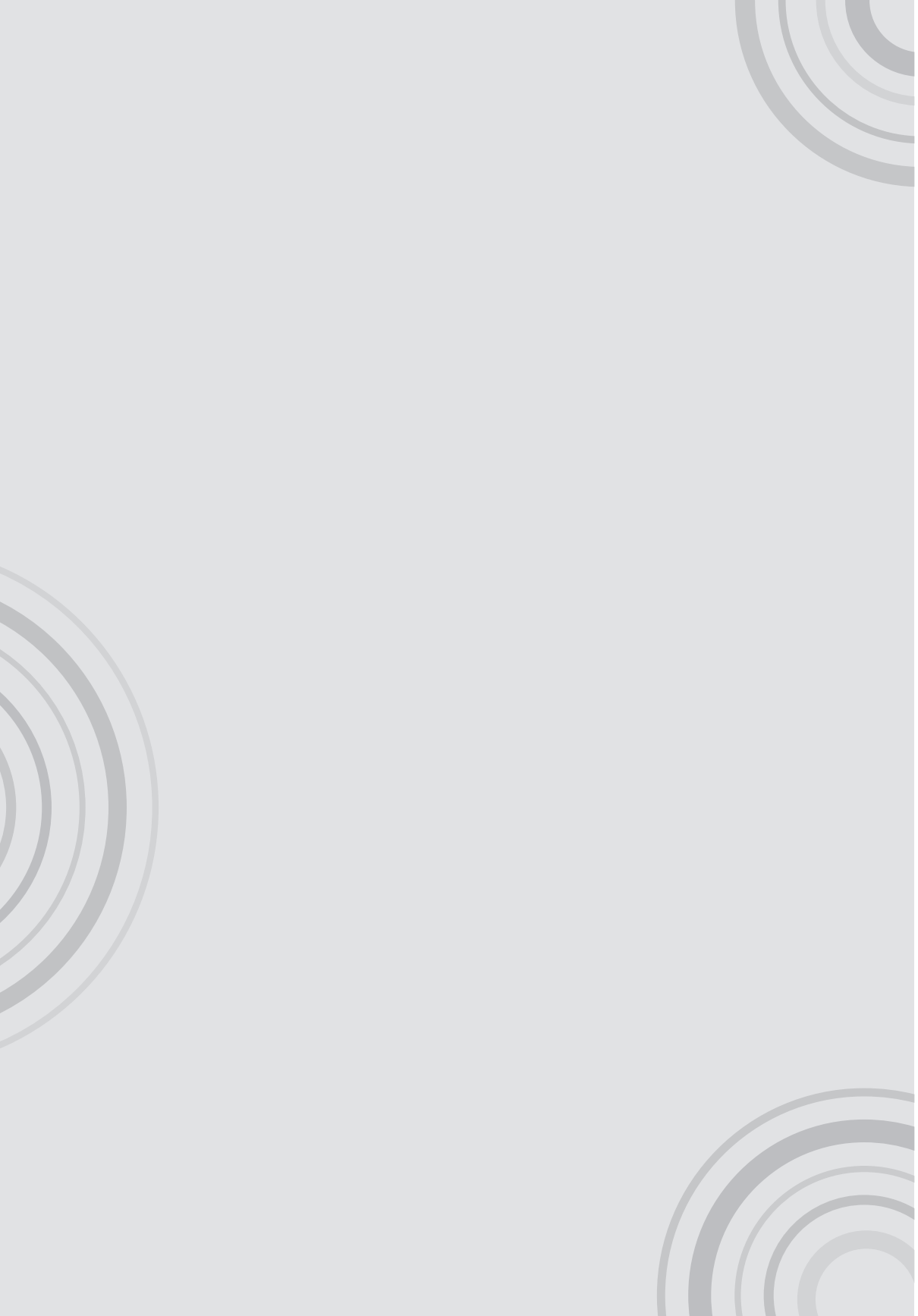
Mas os tempos mudaram, as atrizes negras não têm mais como única opção o papel de domésticas nos folhetins atuais. É certo que o quadro apresenta melhora, mas ainda não é satisfatório para o artista negro.

Marina acredita que tudo está nas mãos dos jovens, e que seu trabalho também contribuiu para uma situação que vai melhorar cada vez mais.

— Hoje tem negros com atuações maravilhosas, em papéis bonitos de se ver. Mas a gente vai envelhecendo e fica sem espaço na televisão. Alguns com pouco e outros sem nenhum. Uns de vez em quando, outros nunca — conclui, séria.

O trânsito parou de vez na estrada da Pedra da Gávea.

— É muito anda e se arrasta, né? Não aparece ninguém vendendo água, nem um biscoitinho no meio dos carros — comenta sobre os ambulantes, não muito comuns por ali.



MANDALA E CHARANGA NA SALA DE AULA

Desde *Os Trapalhões*, Marina seguiu na Globo até integrar a turma da *Escolinha do Professor Raimundo*, encarnando dona Mandala e dona Charanga, “presentes do amigo Chico Anysio”, um dos maiores humoristas brasileiros, que ajudou muito seus colegas veteranos que estavam sem trabalho. Com esses dois personagens, ela frequentou as aulas do professor Raimundo Nonato, incluindo muita improvisação provocada pelo mestre Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho.

Dona Mandala, a defensora dos direitos dos afrodescendentes, tinha mania de superstição com relação à cor negra, mas ao mesmo tempo fazia uma crítica bem-humorada e irônica aos racistas de plantão. A personagem vestia-se com roupas típicas africanas e defendia-se com o bordão: “Não cutuca a pantera!”

Dona Charanga, a servente da escola, entrava na sala de aula: “Alguém tá me procurando? Aqui estou eu, Charanga!”, aparecendo espevitada de frente para a turma.

Em 2001, acaba o programa criado e apresentado por Chico Anysio, com direção da sobrinha Cininha de Paula, deixando saudades nos telespectadores e tristeza nos comediantes. Realmente, uma notícia que deixou todos os alunos sem chão, mas Marina ultrapassou mais uma barreira. Acho que não poderia ter palavras melhores do que as de Sylvia para esse desfecho:

— Minha mãe superou bem a saída do Projac, com a falta da *Escolinha*, mas foi uma surpresa terrível para todos. Uma “bonita” chegou no fim de ano e disse que estavam dispensados.

Chico Any시오 não teve como reverter a situação com o alto escalão da Globo e parou com as aulas. Logo ele, que tinha o mérito de ajudar, oferecendo trabalho aos velhos amigos e comediantes. Para Marina, foi despedida em dose dupla. Ela não voltou mais a trabalhar no Projac, onde gravava religiosamente com seus colegas de turma.

— Conheci o Chico no tempo dos calouros da Rádio Mayrink Veiga. Depois ele foi trabalhar na TV Rio e me encontrou por lá. Ele foi um grande amigo e como um pai pra gente. Éramos como filhos dele. Fazia o que podia por todos nós daquela época. Um grande amigo até para minhas filhas — relata a veterana.

O ator e comediante Castrinho, conhecido pelo seu personagem Geraldo na *Escolinha do Professor Raimundo*, esteve com Marina em várias situações de trabalho. Participou do LP *Carnaval de graça*, viu-a cantar marchinhas e representar nos humorísticos desde *Balança mas Não Cai*. Ele, há dezesseis anos, trabalha nas novelas da Record, e até hoje, quando sai na rua, o público lembra dos seus bordões: “Meu pai, pai!” (*Chico City*) e “Geraaaaaldo”, aluno do professor Raimundo Nonato. Castrinho lamenta o fato de a colega não estar trabalhando.

— Marina em cena é um grande talento. Histriônica toda vida. Sua postura e voz foi sempre com muita graça até fora de cena. Muito alegre e com o humor lá no alto. Ela é uma comediante nata, nunca aprendeu a arte em escolas. Eu, que trabalhei no *Balança*, vi o entrosamento dela com o Macalé no quadro que fez um enorme sucesso. Somos do tempo do “besteirol gostoso” de antigamente. Humor simples, puro, fácil, muito diferente dos dias de hoje.

Ele, que conviveu com a pessoa que considera “muito bondosa e caridosa”, confessa que a comediante encantava os colegas e tinha intimidade com todos porque era simpática sempre. “Tinha empatia.” Seguiu o lema “fazer o bem sem olhar a quem!”, completa.

— Isso fez ela ser sucesso nos programas em que trabalhou, marcando sua imagem. É uma pessoa voltada para o bem.

MARINA MIRANDA: UMA REFERÊNCIA ATRAVÉS DO TEMPO

A primeira vez que Nizo Neto trabalhou com Marina foi no *Chico City*, muito antes da *Escolinha*, com a imagem da televisão ainda em preto e branco. Ele tinha 9 anos, e “trabalhar com uma humorista do quilate de Marina Miranda foi um enorme presente”, segundo ele.

— Eu já era fã dela do tempo do *Balança*. Ela e Tião tinham um tempo de humor incrível, pareciam irmãos.

A figura da Marina faz Nizo lembrar quando Jô Soares foi para São Paulo trabalhar no SBT e não pôde levar o elenco com ele. Seu pai mandou chamar todo mundo, Brandão Filho, Walter D’Ávila, Luiz Delfino, Milton Carneiro e tantos outros.

— Toda essa gente tão talentosa, que ia ficar desempregada, foi o motivo do verdadeiro sucesso da primeira fase da *Escolinha do Professor Raimundo*. Os bastidores da *Escolinha* foi a grande escola. Era muito divertido, muitos causos. Pessoas que, assim como Marina, tinham muita coisa pra contar e fazer rir.

As lembranças do humorista vão além da *Escolinha*. No momento seguinte, ele faz questão de frisar o lado humano da comediante, que o comove.

— Outro fato marcante em Marina é o quanto ela sempre se doou para ajudar o próximo. Todo mundo no meio artístico sabia que se alguém tivesse um móvel que não quisesse mais era só entregar a Marina Miranda que ela dava destino, presenteando alguém necessitado. Essa é uma característica muito marcante e bonita, de procurar sempre ajudar a quem precisa.

André Lucas, humorista, irmão de Nizo, revela um pouco da colega de trabalho. Filho adotivo de Chico Anysio, fez questão de dar seu testemunho sobre Marina, por ambos serem adotados e pela presença do humor na vida dos dois.

— Marina é atriz e comediante de mão-cheia, muito talentosa e muito engraçada. Já contracenei com ela na *Escolinha do Professor Raimundo* várias vezes. Meu pai tinha a preocupação de resgatar grandes artistas talentosos que estavam sem oportunidade para colocá-los

novamente diante das câmeras, e Marina foi um desses casos. Lembro que meu pai a ajudava muito para que ela pudesse ajudar às pessoas que ela mantinha e também outras que ela ajudava. Marina sempre foi uma pessoa do bem e muito querida.



César Macedo e Marina Miranda: o gênio inventor e a aluna Mandala

Novos tipos nas noites de quarta-feira

Como já estava previsto no fim do ano, a partir do próximo dia 11 as aulas noturnas voltam a ser exibidas aos sábados. Antes, porém, novos alunos vão estreando, como o inventor Eugênio (César Macedo) e a espevitada Nega Pretória (Marilu Bueno), nesta quarta, e Mandala (Marina Miranda), em 1º de abril, sempre no programa da noite.

Criada há três anos como

chefe do Sindicato das Empregadas, Nega Pretória passou a mulher de Lord Black, trocando as trancinhas pela peruca à Tina Turner, num visual que sua intérprete não desfaz após as gravações:

— Ah, troco de roupa e vou assim mesmo, **negritíssima**, para casa. Os motoristas de táxi e o porteiro não entendem nada — conta Marilu.

A convite de Chico Anysio, ex-companheiro de TV-Rio,

César Macedo será o inventor que mostra na estréia vários tipos de vela e, depois, o seu “terceiro braço”. Já Marina Miranda garante que a sua Mandala nada tem a ver com a “crioula difícil”:

— Ela vai é defender o negro. Mas o que me emociona é encontrar essa torcida entre o elenco, num ambiente que não via há 32 anos, desde os tempos da TV-Rio. (M.S.)

Como Mandala, na *Escolinha do Professor Raimundo*

Pergunto ao Lucas a respeito do politicamente correto no humor: ele diz que não tem nada a ver, mas que faz parte do momento atual. Pergunto ainda se o bordão faz falta nos humorísticos brasileiros dos programas modernos: ele diz que sim, porque o brasileiro se identifica com isso.

Alcione Mazzeo, a atriz santista que chegou à televisão para ficar conhecida pelo público como Maria Angélica, a namorada do Bozó no programa *Chico City*, considera Marina uma profissional animada.

— Conheço Marina de anos atrás, quando gravamos juntas o programa do Chico, *Satiricom* e *Os Trapalhões*. A gente se dava bem e ela tem alto astral. Era muito divertido trabalhar ao lado dela.

A ex-modelo, mãe do roteirista, ator e humorista Bruno Mazzeo, com o sucesso do personagem no humorístico *Chico City*, desfez o estigma de que mulher bonita em quadro de humor só funcionava em trajes menores. Assim como Marina Miranda, Alcione Mazzeo rompeu barreiras para ganhar espaço na televisão.

Uma modelo e uma negra, muitas vezes tratadas com preconceito, foram mulheres que ajudaram a abrir caminhos para que o sexo feminino fosse mais respeitado por seu talento na televisão brasileira. Marina Miranda foi a primeira mulher negra brasileira a ganhar papel de destaque no humor televisivo, o que a consagra até os dias atuais.

Uma das últimas roteiristas que escreveu para Marina na *Escolinha*, Renata Di Carmo, atualmente na equipe do *Vai que cola*, do Multishow, lembra que durante o exercício de sua atividade para o programa sentia uma ótima vibração.

— As coisas que mais me moviam internamente quando eu escrevia para a *Escolinha do Professor Raimundo* eram as presenças do Chico Anysio e da Marina Miranda. É claro que eu admirava, e admiro muito, tantas outras figuras, e era significativo escrever para todas elas. Tenho profundo respeito, admiração e carinho pelo Orlando Drummond, por exemplo. Mas o Chico era o artista que o Brasil conhece, e para mim, especialmente, era aquele homem sobre quem meu avô Jorge gostava de falar. Ele adorava os personagens do Chico. E lá estava eu, escrevendo para o Chico. E, além do Chico, para mim, estava lá a Marina Miranda fazendo a dona Charanga, com todo o seu talento e dignidade.

Sem estar nos estúdios, perto de Marina, Renata admirava aquela única mulher negra na sala de aula fictícia, como foram e devem ser poucas em muitas salas reais pelas escolas da vida.

— Ela era simbólica, em silêncio eu a observava, escrevia, a sentia, presente, ocupando seu espaço. Nessa época, a redação não era tão próxima dos estúdios Globo, nós não estávamos constantemente no set, eram mais raros os momentos em que isso acontecia. Mas eu nutria todo aquele respeito e admiração pela Marina. Aquela artista, mulher

negra, vinda de Paraíba do Sul, aquela mulher que fez o *Balança mas Não Cai*, quer dizer, parte fundamental da história da televisão brasileira.

A autora-roteirista sabe que no tempo de Marina o ambiente dos comediantes era basicamente masculino; hoje há uma abertura muito maior para as mulheres em vários campos da sociedade, e não seria diferente com o humor, porque elas vivem em busca de mais espaço e conseguem o que querem na raça.

— Não dá para apagar todos esses artistas, a importância deles. Marina é fundamental nessa caminhada. Ela fazia humor, era única nesse cenário. Em termos de referência, de representatividade, essa palavra que hoje tantos gostam de usar, a Marina Miranda era essa artista dentro do humor brasileiro, mas não apenas como comediante, como atriz, porque ela fez novelas além dos programas de humor.

Também atriz, Renata, quando foi contratada para um dos quadros do *Zorra Total*, contracenava com o ator Milton Gonçalves no final dos anos 1990. E como mulher negra com a mesma profissão não tinha como não se espelhar na lenda.

A mais pura comprovação de que Marina, mesmo com os personagens julgados politicamente incorretos que se estenderam pela sua carreira, só por ser negra, ali, ocupando espaço, já valia como referência aos que não conseguiam entrar no círculo tão fechado para os aspirantes a comediante. Hoje, comparando a leitura dos desencontros com o que é correto, podemos olhar para trás e tentar fazer diferente.

— A referência que eu tinha, naquele ambiente, era a Marina. Não me lembro de outra comediante, atriz, uma mulher negra, naquele espaço nessa época. Como eu podia não olhar aquela mulher com toda a minha admiração e respeito? Sem dúvida, ela é um patrimônio.

MARINA NASCEU PARA SER MÃE

Mãe é mãe! De criação ou biológica. Na vida real ou na teledramaturgia. Nada é por acaso para quem foi filha de criação numa idade muito especial, das brincadeiras de faz de conta, do início de descobrir o poder das palavras, até ter um canto confortável, uma cama arrumada e carinho.

Solteira, Marina sozinha se dividiu entre o trabalho, a educação e a criação das filhas adotivas. Sem contar os que passaram por seu teto e não permaneceram por muito tempo.

— Acabei não casando para me dedicar à carreira e às minhas filhas. Só pensava em criá-las! Nunca quis homem nenhum em casa só para me bancar.

O destino lhe pregou uma peça, e de filha de criação passou a ser mãe adotiva de onze filhas. Mas apenas três moram com ela e têm seu sobrenome: Gláucia, Sylvia, e Priscila, todas solteiras.

FILHOS DO CORAÇÃO

Ela acredita que as adoções não têm muita explicação e surgiram por acaso, igual à sua carreira de comediante. Nunca foi seu foco ser mãe e tudo foi acontecendo pelo simples motivo de querer ajudar as pessoas.

Às vezes, a caricata tomava conta de filhos dos amigos da televisão. Exemplo desse carinho é Lúcio Mauro Filho, o Lucinho, que ficou aos

cuidados da artista. O comediante Antônio Carlos Pires (o “Tuneca”, como era conhecido pelos colegas) também deixava a filha Gloria Pires com Marina enquanto gravava suas cenas na TV Rio. Houve época de ter tantas crianças em casa que os vizinhos do prédio reclamavam e alegavam que a atriz mantinha em casa uma creche clandestina, cobrando mensalidade, mas na verdade ela “gastava é o que tinha e não tinha com todas”.

Em 2008, no “Arquivo Confidencial”, quadro famoso e prestigiado do *Domingão do Faustão*, Marina apareceu dando depoimento gravado em homenagem à amiga Gloria Pires. A comediante falou do outro lado das câmeras, deixando implícito em seu discurso que, quando precisou, foi em busca da ajuda financeira de “Glorinha”, como é conhecida entre a classe artística.

— Foi por conta das minhas dificuldades com as adoções das meninas. A Glorinha me ajudou muito a custear a criação das minhas filhas. O secretário dela me ligava para avisar que ela tinha mandado depositar dinheiro na minha conta. Eu chegava no banco e era aquela surpresa boa.

Chico Anyasio era outro que ajudava Marina, com depósito em conta que abriu no banco especialmente para isso.

— Ele era muito generoso com todos nós comediantes de antigamente. Sabia da minha preocupação em educar e alimentar as crianças em casa. Nunca pedi para ele isso, mas fazia questão de manter mensalmente a ajuda com dinheiro. Sou eternamente grata e por ele tenho amor e carinho.

A artista sempre gostou de crianças, especialmente as abandonadas pelos pais. Tanto que, aos 16 anos, frequentava um orfanato no Jardim Botânico, dedicando carinho aos pequenos. Muito antes de pensar em ser cantora, organizava um teatrinho no local e cuidava dos internos. Mais tarde, com a fama, ajudou com dinheiro um orfanato na Gávea, retribuindo toda a ajuda que teve.

AJUDA SEMPRE BEM-VINDA!

Se não fossem as adoções, talvez a vida da “Mãe Coragem” Marina tivesse tomado outro caminho quanto às dificuldades. Será? É impos-

sível saber o que teria sido, e ela garante que faria tudo de novo. Muitos amigos a ajudaram na criação de suas filhas. É com eles que conta nas horas indispensáveis em sua casa.

Marina se virava em mil para alegrar e alimentar sua prole. Às vezes contava com atores, que acolhia em sua casa por bom tempo, jovens que vinham de fora do Rio, mas prefere não citar nomes daqueles com quem não tem mais contato. Outros eram daqui e, após as comemorações de estreias, “dormiam lá em casa pela madrugada porque moravam longe”.

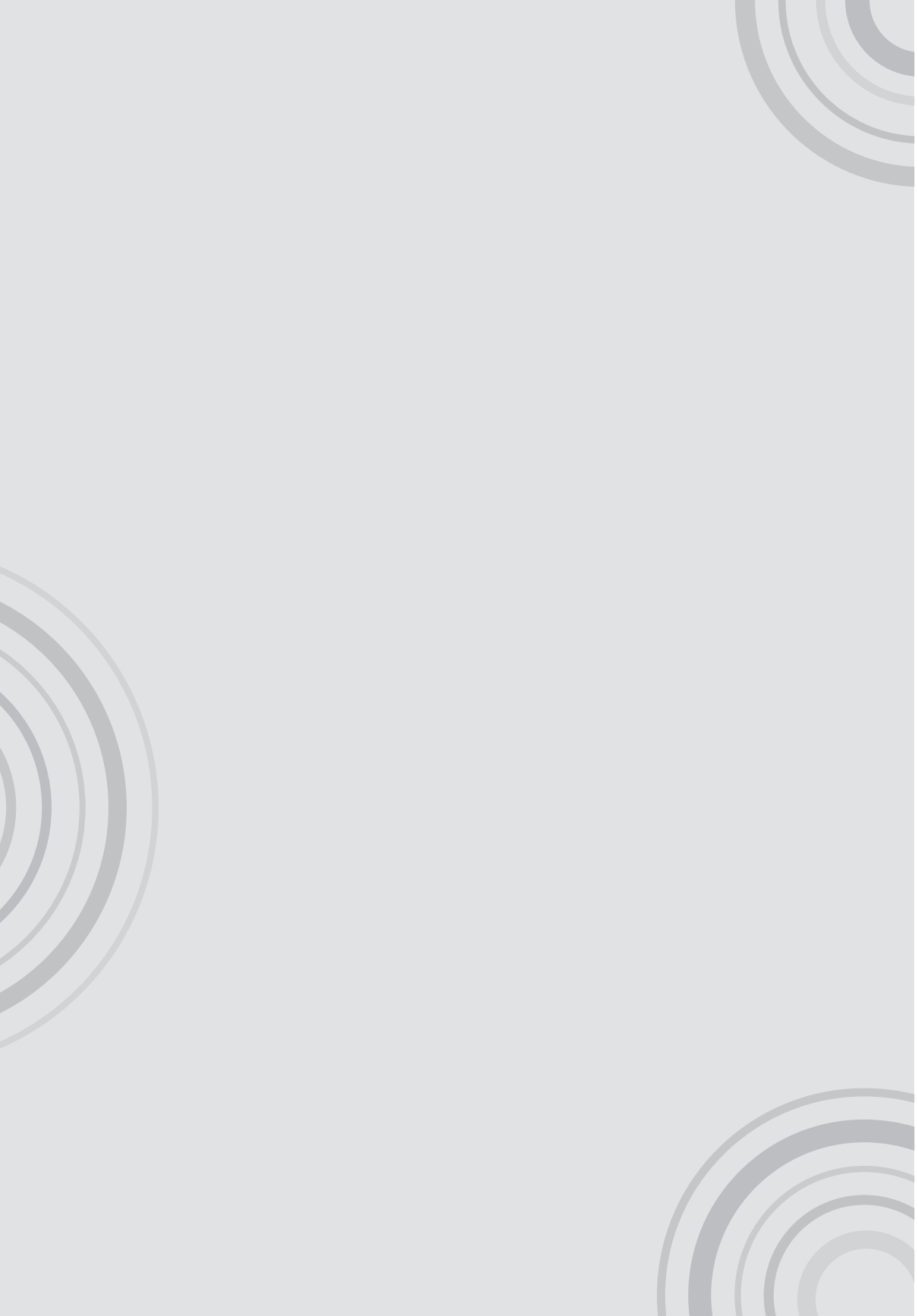
— Era uma festa, e as crianças adoravam a farra que faziam com todos no outro dia. Combinávamos altos almoços e lanches.

A ajuda que recebia dos amigos se estendeu por muitos anos, tranquilizando-a na infância das meninas. Vários artistas estão nessa lista, inclusive um famoso apresentador de programa dominical que pagou o ótimo plano de saúde de Sylvia, mas cujo nome Marina quer preservado.

— Nas dificuldades com os meus desempregos tive muita ajuda, sabe? Com dinheiro e alimentos, quando faltavam para mim e minhas filhas. E isso não faz muito tempo. Agradeço a todos e eles sabem quem são. Não posso reclamar porque tem colegas em situação pior. Quando eu podia, também ajudava, mas hoje infelizmente não posso.

A filha Sylvia comenta toda orgulhosa, sem ver problema em falar que, quando pequena, ia para escola com bota, roupa, caderno e brinquedo da marca da apresentadora Angélica, que a própria fazia questão de doar para as irmãs. Em seguida, Marina continua:

— Os amigos que frequentavam minha casa, sem eu pedir, me ajudavam, e muitos que não frequentavam também. Hoje, todos sumiram, mas é isso mesmo, a vida segue e cada um tem lá o que resolver na vida.



ELA BALANÇA MAS NÃO CAI

Conviver com Marina Miranda é fácil, apesar da vida que em determinado momento foi, e ainda é, difícil para a artista. Não é à toa que ela chegou à terceira idade vencedora na arte da comédia. Atravessou gerações com um humor simples, quase palhaço, que a consagrou na televisão brasileira.

A Crioula Difícil, conhecida pelo papel no humorístico *Balança mas Não Cai*, tem histórias para contar que não cabem nestas páginas.

E não apenas histórias animadoras, mas, sem querer fazer drama, também humilhações que a comediante guarda para sempre, mas sem sofrimento, sem expor ninguém. Alguns fatos que aconteceram dentro da própria televisão, espaço que ama.

Se a risada já foi usada como tática de guerra, rir para a atriz e comediante ainda é, sim, o melhor remédio. É com bom humor que enfrenta (e supera) todos os obstáculos da vida, dia após dia.

O advogado Sylvio Guerra, amigo que a artista conquistou através dos anos, comprova a sua ótima postura diante da vida e do trabalho, servindo como exemplo para os novos profissionais da televisão, como Ayala Rossana, produtora e atriz que ajudou a promover a homenagem a Marina no Teatro Princesa Isabel.

— Marina é uma pessoa com quem convivi por muitos anos da minha vida na qualidade de advogado, e pude defendê-la em vários processos, de que saímos vitoriosos. É aquela pessoa alegre, feliz e querida por todos nós. É engraçada, sempre de bem com a vida, sempre com alto astral acima de tudo. Quando ela chega é aquela alegria contagiante — afirma Sylvio.

DESEMPREGO, DÍVIDAS E DOENÇA

Aos 75 anos, Marina se vê desempregada e com dívidas, empréstimos e sem plano de saúde. Com todas as consequências dessa situação, tudo se agrava com um acidente vascular cerebral. A atriz recorda que ficou internada por três meses no Hospital Miguel Couto.

— Tive um derrame em casa — comenta.

Para Sylvia, o susto foi muito grande, uma reviravolta na vida da mãe e das irmãs. No hospital público, o diagnóstico do médico indicava que a mãe ficaria viva, mas com sequelas.

O maior medo das filhas eram as graves sequelas. E, para aumentar o desespero, o médico deu o prazo de seis meses para a comediante ficar na cadeira de rodas. Mas, contrariando o prognóstico, ela ficou bem em menor prazo, andando e sem consequência grave.

— Com a doença e sem trabalho, foi uma confusão na nossa cabeça. Muitos queriam que colocássemos ela no Retiro dos Artistas. Foram os nossos piores momentos, mas minha mãe ficou curada.

Totalmente recuperada da saúde, as dificuldades, contudo, não cessaram por aí, ofuscando a alegria de Marina Miranda.

Em 2005, ela viu que só a pensão mensal não era suficiente para sustentar a casa, muito menos para pagar dívidas que chegavam a dez mil reais. Precisava arranjar um emprego com urgência.

O drama teve um final feliz para a artista, que queria continuar trabalhando. O sonho de voltar aos estúdios de televisão e poder garantir o sustento da casa e pagar as dívidas se realizou com a ida à TV Record, com um contrato vitalício.

— A única coisa que eu queria era conseguir trabalho, e pedir isso nunca foi vergonha — comenta.

— Minha mãe quase morreu quando soube do contrato para a vida toda — diz Sylvia, logo sendo interrompida pela mãe.

— Acreditei, né, que era verdade, mas com o tempo vi que foi engano nosso.

VOLTA ÀS NOVELAS

Depois de catorze anos, Marina volta às novelas na TV Record, pelas mãos do autor Tiago Santiago, em *Prova de Amor*, na pele da simpática e sapeca Vó Zita, a Maria Rosita de Jesus. A personagem foi escrita especialmente para ela.

Foi a primeira vez que a atriz fez o papel de mãe em uma novela, longe das empregadas domésticas sem muitas falas e envolvimento na trama. Tiago a presenteia com “três belos filhos em trabalhos diferentes”. Marília de Jesus Padilha, vivida pela atriz Maria Ceiça, na primeira novela na nova casa, e os irmãos Bené e Gudi, interpretados em *Caminhos do Coração* por Déo Garcez e Toni Garrido.

Ceiça destaca a delicadeza e o bom humor da comediante no trabalho da emissora do bispo Macedo.

— Foi carinho de mãe e filha à primeira vista. Ela é sensacional, realmente bem-humorada o tempo todo e muito carinhosa com todos. A nossa gravação foi um momento de alegria.

Em 2007, na mesma emissora, Marina foi atriz convidada de *Caminhos do Coração*, também de Tiago Santiago.

— Ele me botou pra cantar ópera, sabia?

Na novela, Marina interpretou Marisa Gama, dona de uma barraca próximo a um circo. Vendia pastel, pipoca, churros, mas não perdia a oportunidade de mostrar sua boa voz no espaço de lona.

Déo Garcez destaca a comicidade da amiga com um “humor especial”, mas se impressiona com a atriz dramática. Lembra de uma gravação para ilustrar o que fala.

— Tive a honra e o privilégio de trabalhar com a comediante Marina Miranda, e o que mais me impressionou foi sua capacidade de também ser uma atriz dramática. Me lembro de uma cena em que meu personagem se despedia porque viajaria por um longo período para o exterior.

DRAMA COM HUMOR

Déo explica que, apesar de ser uma cena dramática, os atores e toda a equipe esperavam que Marina os faria rir de alguma forma, como de costume. E ela os surpreendeu!

— O seu olhar absolutamente sofrido com a partida do filho e a sua emoção deram uma dimensão excepcional à ação. Nessa cena, ela quase não falava, mas seu sentimento verdadeiro contagiou a todos e fez com que o trabalho ficasse perfeito.

O ator recorda-se, rindo, de quando Marina se esquecia do texto ou algo dava errado na hora de gravar as cenas. Ela sempre soltava alguns palavrões nada atuais, como “rebuçeteio” ou “cacetória”. A equipe técnica e os atores envolvidos na ação não se aguentavam, e era preciso que o diretor desse um tempo para tudo se normalizar no ambiente, que ficava alegre e divertido.

— Uma vez, quase que o diretor deixou ir ao ar uma gravação quando ela mandou uma dessas expressões nada comuns no meio da cena, de tão bom e adequado para o contexto da própria encenação. Marina é uma comediante de mão-cheia!

Colega na mesma novela, a Ana Luz do núcleo do circo, a cantora Fafá de Belém rasga elogios à atriz em vídeo.

— Tive a honra de trabalhar com Marina, de conhecê-la pessoalmente. Ela é um sonho, uma grande atriz. Fomos colegas de uma novela, mas acompanho Marina desde que eu me lembro e que me entendo por gente. Ela é a cara do Brasil. Marina, te amo!

Em 2009, com a mesma personagem de antes, atuou em *Promessas de amor*, outra novela de Santiago.

— Nossa, o Tiago foi meu anjo! — exclama agradecida, com Sylvia a interrompendo.

— Ele era fã da minha mãe da época dos supermercados Disco. Gostava das paródias.

O novelista não se esquece de Marina, por quem nutre grande carinho. Não se cansa de elogiar o talento da atriz para fazer humor em qualquer cena.

— Tenho muito orgulho de ter conhecido e escrito para Marina Miranda. É uma das maiores comediantes do mundo. Seu olhar, sua expressão e sua fala transformam em riso até o que não tem a menor graça. Se ela tivesse nascido americana, e não brasileira, estaria milionária e mundialmente famosa. É mulher para se admirar pelo caráter excepcional, pelo coração pleno de amor, pela grande família que criou.

A atriz Helena Xavier, mãe de Tiago Santiago, fala da amiga na TV Record, sua companheira de elenco. Ela tem relatos de sobra sobre a vida da atriz, que acompanhou de perto nos bastidores das gravações das novelas do filho.

— Foi então que comecei a apreciar melhor essa mulher forte, corajosa e divertida, trabalhadora incansável naquilo que sempre soube fazer de melhor: atuar.

Seu lado “mãezona” com o autor não passou despercebido a Helena.

— Quando nos falamos, ela se refere a Tiago como “o nosso menino”. Enfim, Marina é muito querida; ser sua amiga é um bem precioso que cultivo com amor.

Em 2010, a atriz foi convidada pelo ator e roteirista André Mattos, que foi seu colega de turma na *Escolinha*, para ser sua mãe na série *Balada, Baladão*, escrita e protagonizada por ele na Record. Depois desse especial de fim de ano, Marina não voltou mais a atuar na televisão. Mattos, que também foi seu genro na novela *Prova de Amor*, casado com a personagem de Maria Ceíça, esbanja carinho em suas palavras à comediante.

— Marina sempre foi uma referência de ser humano, de bondade, de amor, de profissionalismo, de luta. Sempre foi um prazer e uma honra muito grande trabalhar com ela... sempre foi uma maravilha de pessoa, uma mulher muito amorosa. Profissional competentíssima. Ela é uma mulher generosa, comprometida, humilde, e isso faz dela, acima de tudo, um ser humano maravilhoso, uma artista maravilhosa.

Muito além do carinho e amor que sente pela veterana, Mattos enfatiza o grande problema que os artistas têm numa fase da carreira, que é a falta de dinheiro. Ele se lembra de uma das épocas difíceis da amiga, mas também do grande companheirismo dos colegas de trabalho, que já vem desde os tempos da Globo.

— Numa época na Record, ela estava completamente sem dinheiro. Inclusive, eu fiz parte de uma surpresa que fizeram para ela, meio que reformaram muito rapidamente o apartamento dela. E a gente tinha a responsabilidade de segurar ela no estúdio para que quando voltasse para casa já tivessem feito as reformas necessárias. Apesar de ser uma artista maravilhosa, ela sempre sofreu com a questão do emprego, da remuneração, assim como muitos grandes artistas.

— Ah, eu fui muito feliz na Record e em todas as emissoras em que trabalhei, com colegas maravilhosos a quem sempre serei grata — conta a atriz.

André Mattos diz que sempre que inicia um projeto se lembra de Marina, e acha que todos devem ser agradecidos por grandes artistas como ela, que fazem a história da arte ser cada vez mais amorosa, bondosa e profissional. Para quem vê a vida dos artistas brasileiros apenas como glamour, ele faz questão de lembrar o grande vilão da maioria, que é a instabilidade econômica.

— Principalmente no final da vida, infelizmente, mas continuarão sempre sendo um grande exemplo para nós de continuidade, reforçando que a arte supera tudo, está sempre acima de tudo. Por Marina tenho gratidão e admiração, ela sempre foi para mim um exemplo de luta pela arte. Nos estúdios e nos bastidores, sempre com absoluto profissionalismo, com bom humor maravilhoso e com amor, entrega e humildade. O artista que não entende que a arte precisa de humildade e generosidade não entende o que é a arte.

TALENTO NÃO TEM IDADE

“Ô, menino, tá chegando?” Mauro, no volante, responde que sim. Pelo que parece, ela, de braços cruzados, volta a ficar ansiosa para encontrar Jorge Perlingeiro. O que a tranquiliza é continuar a falar sobre sua história, enquanto eu imagino a apreensão da produtora Cris Mazarim com o atraso na gravação do *Samba de Primeira*.

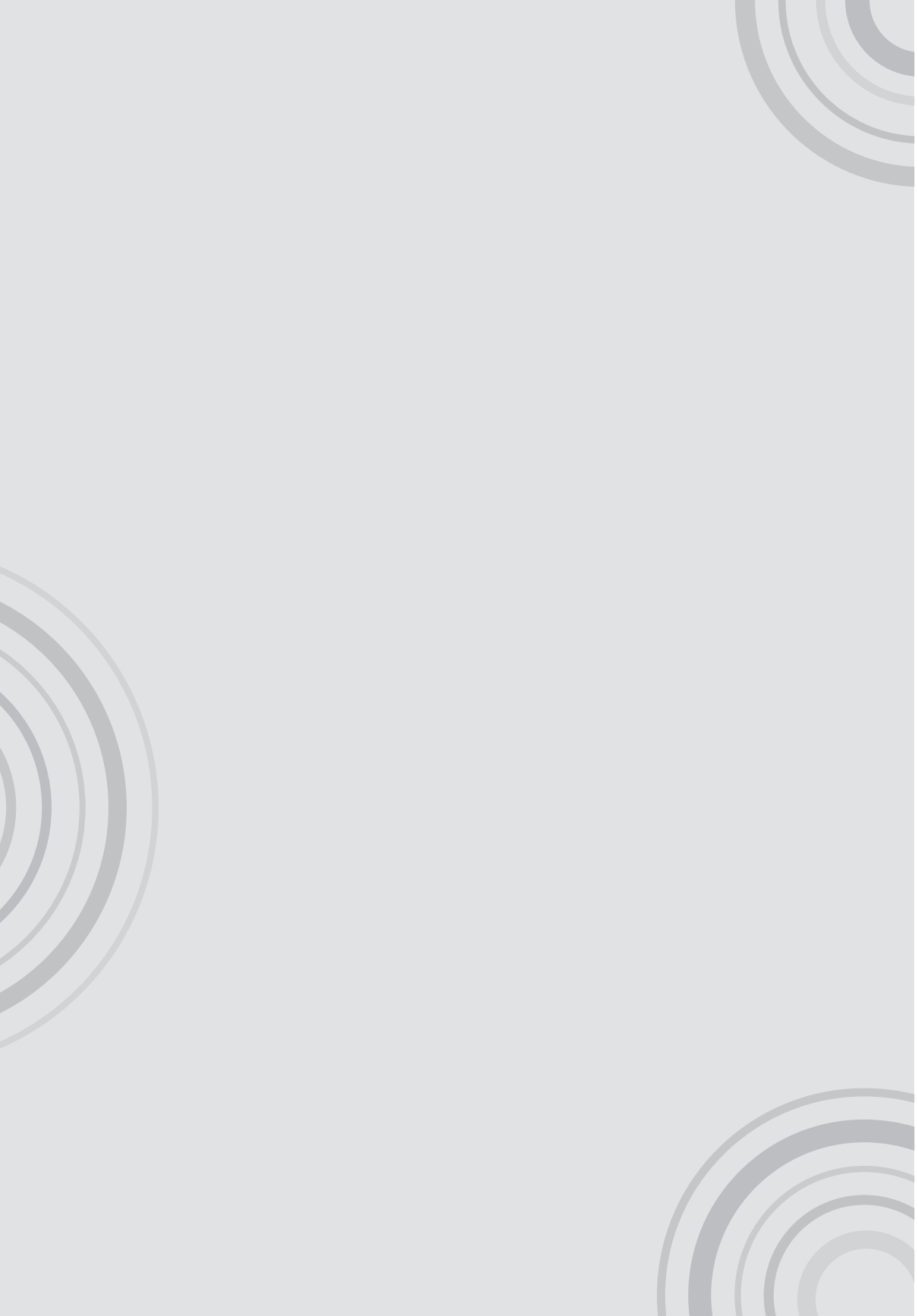
No mês de março de 2015, Marina foi demitida da Record, apesar de ter contrato vitalício com o canal. O que ela pensava ser para a vida toda se rompeu com dez anos, três novelas e um sitcom.

— Nunca pensei em ser posta na rua ao fazer dez anos de casa. Mas agora já passou, não adianta chorar pelo leite derramado.

Sobre a questão do artista idoso e desempregado, o ator e diretor Jorge Coutinho diz acreditar que tudo está nas mãos dos jovens, que devem ir em busca de seus direitos. Mais espaço, seja no teatro ou na televisão, independentemente da idade, sobretudo para os artistas negros, que não aparecem na mesma proporção dos outros.

— Em uma palestra onde a maioria era de atores negros, eu falei da grande responsabilidade de contar a nossa história. Tem que cobrar! Temos que ver sempre na teledramaturgia pais, filhos e avós negros. Parece que o negro não tem família — afirma ele, que é ator de uma geração que abriu caminho para os artistas negros no Brasil.

Partilho as bonitas palavras do produtor Eduardo Barata, por ocasião da morte da atriz Yoná Magalhães, criticando a ausência do artista maduro na televisão: “Em um país onde a televisão e a mídia só valorizam os jovens; onde quem tem mais de cinquenta é punido com o esquecimento e falta de trabalho; onde trajetória e currículo é um pesar e não uma conquista; onde ter ruga é quase um crime...”



TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO

Marina não costuma curtir o passado, porque lhe dá melancolia, mas vejo que há controvérsia, porque ela adora as suas lembranças. Quando está batendo papo sobre sua trajetória, não consegue ficar quieta com tamanha empolgação.

Ela, que hoje vive de sua aposentadoria, já não está em busca de trabalho, que infelizmente não conseguiu mais. Marina vem de um tempo em que a televisão era novidade no Brasil, não havia computador, muito menos internet, mas procura se atualizar com o mundo a sua volta. Segue sua vida com as filhas, em uma rotina de qualquer dona de casa, mas sem deixar de ser o que é: *artista*. É como andar de bicicleta, você pode até por algum motivo não exercitar a sua arte, mas nunca esquecerá como ela funciona.

Sobre o mundo globalizado, Marina acha que muita coisa mudou para melhor, principalmente a comunicação, mas às vezes a rapidez do relógio a assusta. Tanto que acaba repetindo sua angústia em palavras:

— Meu Deus, como tudo passou rápido! Vim pequena e tô eu aqui com essa idade toda — diz pensativa.

É verdade. A velocidade com que o tempo passa é realmente incalculável e difícil de medir no coração das pessoas. O tempo tanto aproxima quanto pode afastar sem ninguém perceber o hiato. Ela não mais voltou à

sua terra natal, mas hoje sabe que ainda tem primas morando por lá. Sua irmã mais velha, que não a considerava viva, por um desses acasos da vida, a reencontrou há oito anos no Rio. Sylvia relata sem tirar o olho do iPad:

— As duas parecem irmãos gêmeas, precisa ver, menino. O gênio é igual! A tia Josefa é mais velha e mora na Baixada Fluminense, lá em Nova Iguaçu. Se falavam sempre pelo telefone até que perderam contato de novo.

ELA NA TV E EU NA JANELA

Parece que foi ontem que eu estava assistindo ao *Balança mas Não Cai* na casa do meu vizinho. O menino cresceu para em 2019 contar um pouco da história de Marina Miranda, que hoje, apesar da saúde frágil, continua morando na sua Copacabana de sempre, muito longe dos holofotes.

Ao escutar a vinheta do *Balança mas Não Cai*, eu, moleque, corria para a casa ao lado, passando pelo pé de pitanga, plantado por meu pai no nosso quintal, no bairro da Ilha do Governador. Atravessava com cuidado, levantando cuidadosamente a cerca de arame farpado que dividia os dois espaços de terra batida.

Já na varanda, na sagrada noite de segunda-feira, me imprensava entre outros meninos em frente à antiga televisão Philco de 23 polegadas. Juntos subíamos em um banco de madeira, procurando apoiar as mãos no parapeito da janela, esticando nossos corpos franzinos para driblar as cabeças no sofá da sala, obstáculos a nossa diversão.

Havia disputa para assistir do melhor ângulo a imagem em preto e branco. Ali, pelo janelão de madeira que se esparramava para nosso deleite, muito mais que me encantar com aquele aparelho até bem pouco tempo desconhecido para todos nós, me fascinavam as caras e bocas de Marina para Macalé. Mesmo quando eu não entendia a piada, o riso era certo na ampla varanda, toda cheia de latas transformadas em vasos de plantas com flores.

Eu não conseguia tirar os olhos daquela negra muito engraçada. Como foi bom rir com o humor leve e descontraído da artista e de seus colegas na televisão daquele tempo! Tudo muito divertido! Assim, foi com muita alegria que a TV me apresentou a grande comediante Marina Miranda.

MARINA PARA AS NOVAS GERAÇÕES

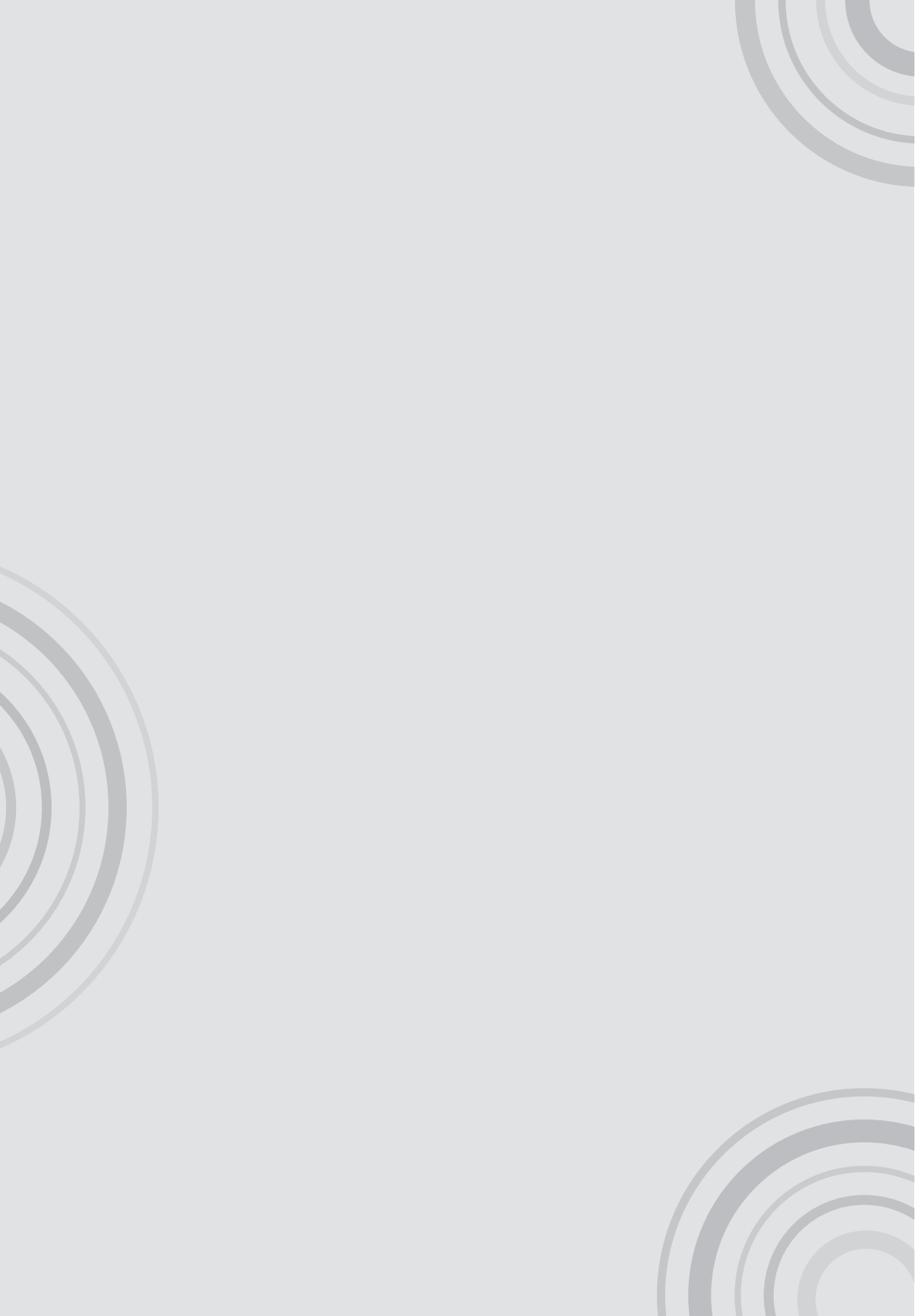
Quem, entre as novas gerações de comediantes, não conhece Marina Miranda, ainda não descobriu o humor brasileiro com suas características mais simples, inocentes e delicadas. As personagens de caretas cômicas e trejeitos espontâneos, bem suburbanos, como a rica emergente Brigitte ou a Crioula Difícil, ainda vivem no imaginário daqueles que apreciaram esse humor quase infantil da antiga televisão brasileira.

Um registro para as novas gerações é o documentário, ainda sem título, produzido por Ayala Rossana, mais um material que vai enriquecer nossa cultura negra e deixar a Crioula Difícil muito entusiasmada.

Participando de comerciais, novelas e humorísticos, Marina aproveitou bem a fama proporcionada pelas personagens. A tal presença VIP, que hoje rende um gordo cachê aos artistas televisivos famosos, chega tarde para a atriz que rodou com aparições pelo país apenas com a promessa de divulgar seu nome e seus trabalhos.

A artista já foi muitas caras na televisão, algumas que podem perfeitamente estar por perto de você, leitor, em algum momento. A fofoqueira, empregada doméstica, bêbada, encrenqueira, vários tipos; enfim, o que estava escrito ela executava com maestria. Afinal, o ofício de atriz e comediante é este, encarnar o que está marcado no roteiro das novelas ou programas humorísticos.

Ela passa longe daquela comediante que precisa de um texto com graça para fazer rir, pois sabe conduzir e acrescentar nuances, sem malícia, usando apenas suas expressões faciais, seu corpo e sua voz para a piada escrita fluir além do caco. Como sugere a citada crítica de sua primeira peça, “a caricata é a graça em pessoa”.



ENFIM, CHEGANDO À BARRA DA TIJUCA

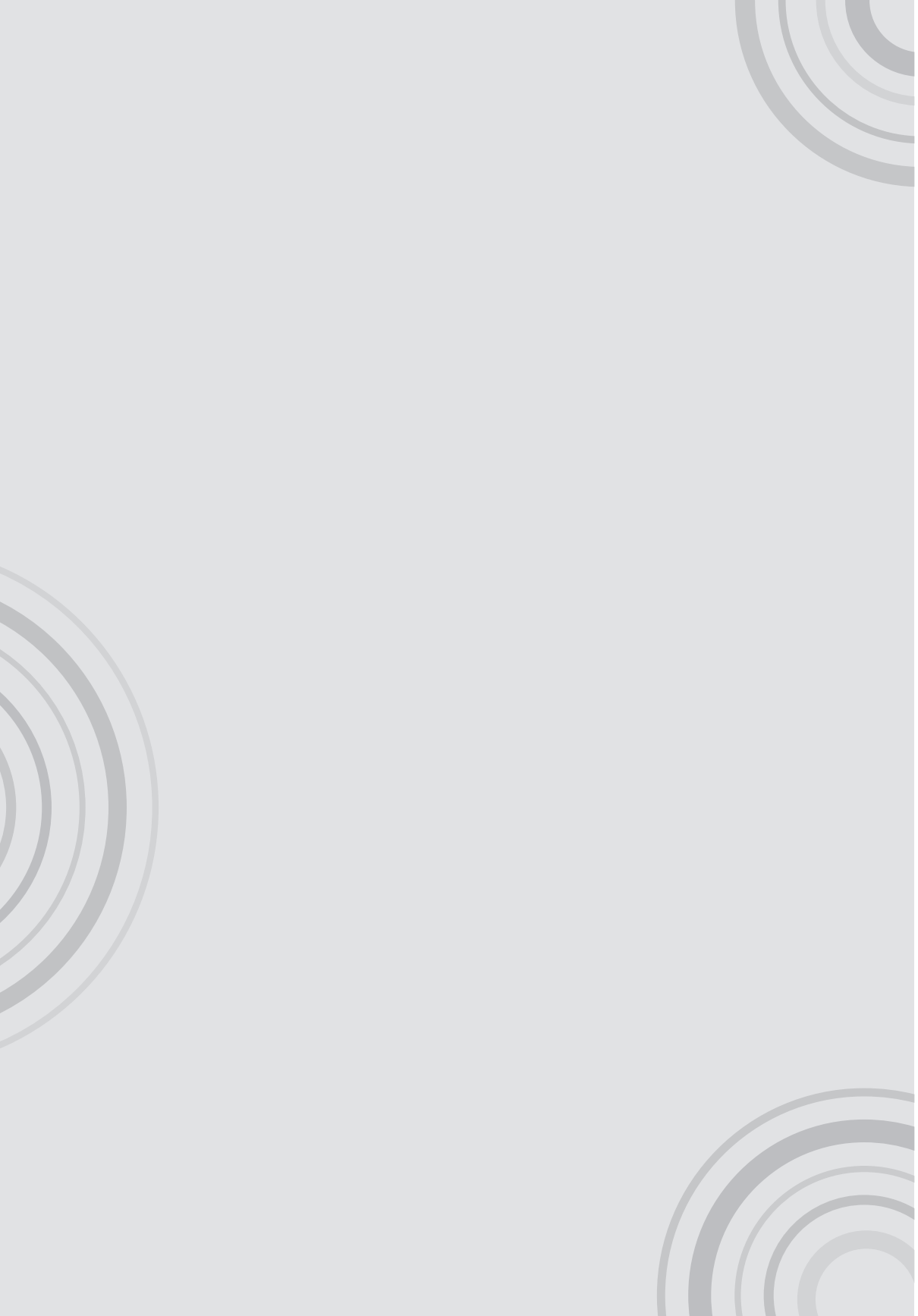
O Honda estava na avenida das Américas, no bairro mais chique da Zona Oeste. Para todos, um bom sinal da chegada ao *Samba de Primeira*. É fácil perceber a alegria de Marina por estar na Barra da Tijuca, e o bate-papo come solto, aos risos.

— Que é isso, menino? Tá dormindo? Misericórdia, hein! — Marina brinca com Cosme, que cochilou durante quase toda a viagem. Ela revela agora seu entusiasmo e ansiedade ao se aproximar do hotel onde o programa será gravado.

— A gravação é naquele hotel onde o Sinatra ficou quando veio aqui? — e começa a lembrar do show histórico que o cantor americano apresentou no Maracanã lotado.

Ao descer do carro, sob pingos de chuva, a comediante não viu flashes de fotógrafos a recepcionando como antigamente. Mas notou os poucos olhares de reconhecimento em pessoas comuns que a cumprimentaram na chegada. Alguns passos e ela é lembrada com sorrisos tímidos. Taxistas curiosos, transeuntes, alguns acostumados com a agitação de toda terça das celebridades na porta do hotel para gravar o programa *Samba de Primeira*. Os mais novos ficam atentos. Todos prestando atenção à senhora, que se recusa a receber apoio das mãos da filha, para andar solta.

— Ô, meu filho, como vai? — se dirige a todos que lhe sorriem a reconhecendo.



BOAS LEMBRANÇAS NO “ESTÚDIO”

Ao entrar no estúdio improvisado para o *Samba de Primeira*, ouço o vozeirão de Jorge Perlingeiro ao microfone. Luiza Biá, a diretora da atração, estava no corre-corre. Jovens e veteranos se congregavam no mesmo palco, nas mesas em formato de botequim, ao final da primeira gravação.

Chegamos em cima do laço e fomos recebidos pela Cris, que fazia produção de elenco do programa, e que, para a nossa alegria, trocou a ordem de entrada da Marina, temendo que pudéssemos nos atrasar para a primeira gravação. Ela está acostumada com atrasos causados pelo congestionamento no trânsito da Zona Sul à Barra. Foi tempo para beber água e café e relaxar até o momento em que a comediante foi posicionada no palco com outros convidados.

“Só se for agora!” A voz de Perlingeiro soava como um alerta para o começo do *Samba de Primeira*, me dando o privilégio de assistir ao programa com uma pequena e seleta plateia, formada pelos acompanhantes dos artistas. Com todos nos seus lugares, a vinheta de abertura anuncia que “Jorge Perlingeiro chegou...” Um dos últimos programas gravados no final de 2014.

MARINA INQUIETA

A comediante parecia se sentir em casa. Quer dizer, na casa do apresentador, como ele mesmo definia seu programa.

— Olá, rapaziada amiga, muito boa noite! Tá começando mais um *Samba de Primeira*, recebendo sempre gente da música, do teatro, cinema, televisão e esporte.

Jorge abre o programa enaltecendo Selminha Sorriso, “a primeiríssima porta-bandeira da Beija-Flor de Nilópolis” e bonita ajudante de palco, sua companheira de trabalho por vinte e dois anos na CNT (Central Nacional de Televisão). Em seguida reverencia Marina, que está sentada à mesa do cantor funkeiro-pop MC Koringa e da atriz Cyda Moreno.

Enquanto a câmera passeia por todos, Perlingeiro continua registrando as presenças. Marina volta a deixar escapar a ansiedade no rosto. O close mostra uma comediantes doida para se levantar, mas que se contém, ouvindo sua apresentação.

— Hoje eu queria reverenciar uma grande amiga. Primeiramente, eu queria agradecer à Rede Record, pela cessão de uma de suas grandes estrelas. Essa eu considero uma grande estrela. É referência do humor nesse Brasil.

Jorge se mostra muito feliz com a contratação de Marina pela emissora. Tanto que volta a tocar no assunto olhando direto para a amiga.

— Achei uma atitude muito bonita da Record de te contratar. (À câmera). Taí, recebendo os nossos aplausos, todo carinho. Ô, Crioula Difícil! Minha querida Marina Miranda. Vamos aplaudir essa figura!

Ela enfim se levanta, sob aplausos, e caminha em direção ao abraço dele, que a beija. O apresentador ressalta que a comediantes participou várias vezes do programa de seu pai, Aérton Perlingeiro. Entre uma palavra e outra de Jorge, Marina usa o microfone do apresentador para agradecer e mostra a que veio neste mundo, para fazer rir. Ela pega o microfone e desata a falar na primeira pessoa, cheia de gestos, não soltando mais o objeto.

— Olha... muito emocionada agora que tô no seu programa... recebendo a homenagem do filho do homem que mais gostei e respeitei na minha vida, que foi seu pai... agora você sabe das coisas. Né, meu amor? — acariciando Jorge, que responde com mais abraço. Todos aplaudem — Aérton Perlingeiro, sempre estará aqui.

A essa altura, Jorge, tentando recuperar o comando do programa, senta ao lado dela, abraçando-a, e continua a conversa naturalmente, de olho no microfone. Mas quando ele pensa que acabou o discurso,

ela toma fôlego e segue falando sem parar, agora direto para a câmera, como quem interage com o telespectador.

— A mãe dele soube que eu queria uma máquina de costura... e me deu, ainda tenho em casa aquele presentão.

Jorge Perlingeiro se levanta, dá um beijo na testa dela, tenta novamente pegar o microfone, sem sucesso, mas também fica com a mão nele, enquanto Marina fala.

Os aplausos continuam, e ela, não satisfeita, se volta para a câmera e reina absoluta, com as mãos para cima, como uma guerreira negra.

— Um beijo! Um abraço para vocês com meus sessenta anos de carreira. Eu dedico a vocês, meu público maravilhoso! Palmas para mim! — pede, sem cerimônia.

Finalmente entrega o microfone e volta ao seu lugar com muita animação, enquanto todos a reverenciam com aplausos.

Suas palavras de agradecimento são sinceras e emocionadas, mas, como sempre acontece em sua vida, o sério fica engraçado. Antes de voltar à mesa, ela surpreende com um meio rodopio, erguendo os braços arqueados com o microfone em uma das mãos, quando esbarra com o antebraço no ombro do apresentador, fazendo com que ele quase se desequilibre. Em um gesto de muito carinho e bom humor, Jorge coloca a mão na cintura dela, ri e dá o troco.

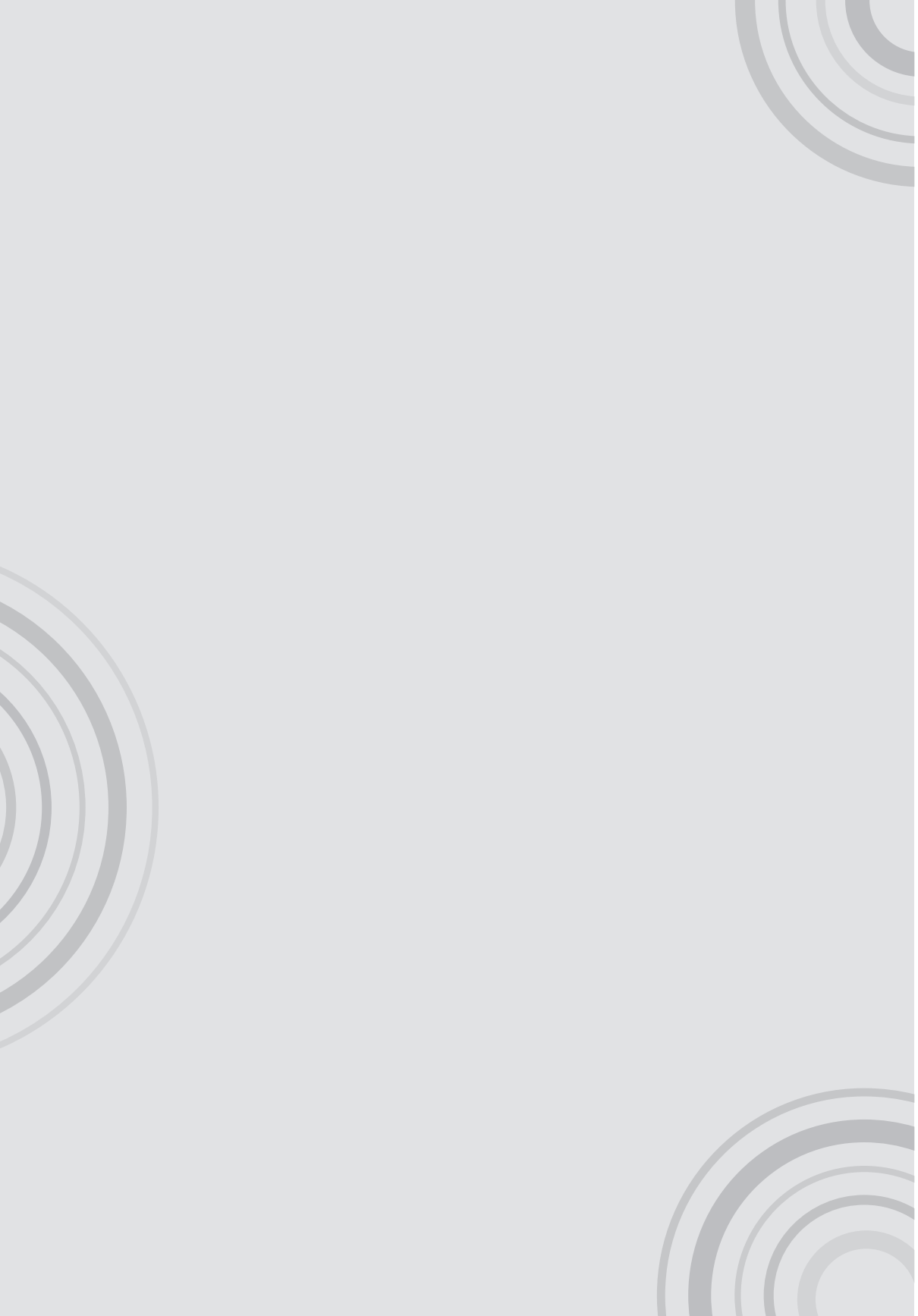
— Ô, Crioula Difícil! — brinca o apresentador, se apropriando do famoso bordão de Tião Macalé.

Antes de finalmente entregar a ele o microfone, ela revida a brincadeira: “tchã, nojento!”

— Isso aí é irreverência, respeito... e eu tenho muito por ela... — diz Jorge, sorrindo.

Observo então a câmera passeando em busca do melhor ângulo dos astros: o cantor Bebeto, Fabio Beça, vocalista do grupo Bom Gosto; a então musa da Portela e atriz Patrícia Costa; as modelos Fabiana Andrade e Karen Stefani; a porta-bandeira salgueirense Marcela Alves; o cantor Fabio Keldani; e Luís Gustavo Mostof, antigo diretor-geral de operações da Riotur.

A gravação do programa correu animada, com gostoso bate-papo e música de ótima qualidade. Bebeto, o “Rei dos Bailes”, canta “Carolina”, hit dançante dos clubes nos anos 1980.



HOMENAGEM À CRIOULA DIFÍCIL

Chega a tão esperada hora da homenagem, que fez valer a pena cada minuto até ali. Jorge Perlingeiro, emocionado, não economizou palavras para a amiga, e como diria o Tião Macalé, a “nojenta” estava toda prosa no *Samba de Primeira*, conversando toda serelepe sentada à mesa. Fez pose, caras e bocas, matou as saudades da câmara, dos estúdios e de Perlingeiro, que pela expressão já previa o final do programa.

— Tá chegando a hora da gente se despedir. Minha querida Marina, eu queria falar da minha satisfação de ter você aqui hoje — chegando-se à comediante, que retribui: “eu também”.

Jorge senta perto dela e os dois conversam mais olho no olho. Ela brinca com o apresentador e a plateia cai na gargalhada.

— Oh, como era grande! — lembrando o colega Paulo Silvino no bordão atualizado, que sai de sua boca numa voz grossa e empostada, enquanto Jorge ri.

Para não perder tempo, que em televisão é dinheiro, o apresentador começa de forma emocionada a homenagem.

— Obviamente, no início da minha carreira você já era um nome conhecido no humor. Você fez um personagem muito famoso na televisão (a Crioula Difícil), passou pela *Escolinha* e por tantos lugares... Eu sei o quanto meu pai gostava de você, quantas vezes participou do

Almoço com as Estrelas, que foi um marco na nossa família... Hoje tenho o privilégio de poder te receber aqui de uma maneira muito simples, um quadro muito aconchegante, com meus amigos que me visitam toda semana. Isso aqui é a extensão da minha casa, sempre disse isso...

Ouvir o Jorge é conhecer um pouco mais desse comunicador, que sabe dar valor aos artistas veteranos. Com tanta gente se “achando” na televisão brasileira, abrir esse espaço para lembrar Marina, com tanta delicadeza e sensibilidade, é um gesto de nobreza e carinho.

— Quero desejar, primeiramente, que Deus te conserve com muita saúde, por muitos e muitos anos.

— Amém — interrompe a comediante.

— Trabalhando, que é o que você gosta de fazer.

— É o que eu gosto de fazer — reafirma ela.

— E vai continuar por muito tempo ainda — devolve ele.

Perlingeiro chama a atenção de todos pelo grande carinho que demonstra com a amiga. Emocionada, Marina retribui o sincero gesto com palavras que chegam a embolar na boca.

— Muito obrigada. Eu agradeço e tô mesmo... (sensibilizada) de tá com você nesse ambiente tão gostoso...

Jorge, percebendo que ela está extremamente emocionada, faz graça.

— Já conhecia o Koringa?

E a comediante se recompõe rápido, entrando na brincadeira como se fosse um improviso de humor no set de gravação.

— Ah, esse garotão é uma beleza! Eu adorei ele. Queria que ele cantasse de novo, mas disse que não pode. Mas eu queria.

E Jorge continua a elevar o riso:

— Do Bebeto, você se lembra?

E ela, mais rápido ainda, responde.

— O quê?! O Bebeto? Ele não me conhece, não, mas eu conheço ele... as músicas dele.

O apresentador aproveita outra oportunidade de atizar o bom humor da Crioula Difícil.

— Já se embalou muito com as músicas do Bebeto?

Ela não faz por menos.

— Como eu dancei!

Da sua mesa, Beбето, que prestava atenção, interrompe o bate-papo. Ele diz que já esteve na casa de Marina em seus tempos áureos em Copacabana, mas a artista retruca que não lembra. Ela se desculpa, alegando que é a cabeça de “84 anos de idade”. Jorge, brincalhão, finge que se assusta com a idade.

— O quê?!

Todos aplaudem e o apresentador volta às palavras carinhosas para a comediante, esbanjando gentilezas.

— Você não sabe quanto foi bom te ver nessa noite de hoje.

— Eu também, meu amor — diz Marina, toda feliz, para ele seguir numa conversa em tom de despedida do programa.

— Que Deus te ilumine bastante, te dê muita saúde. Espero revê-la mais vezes.

— Muito obrigada, por ter me convidado.

— Obrigado à Record, por deixar você vir aqui.

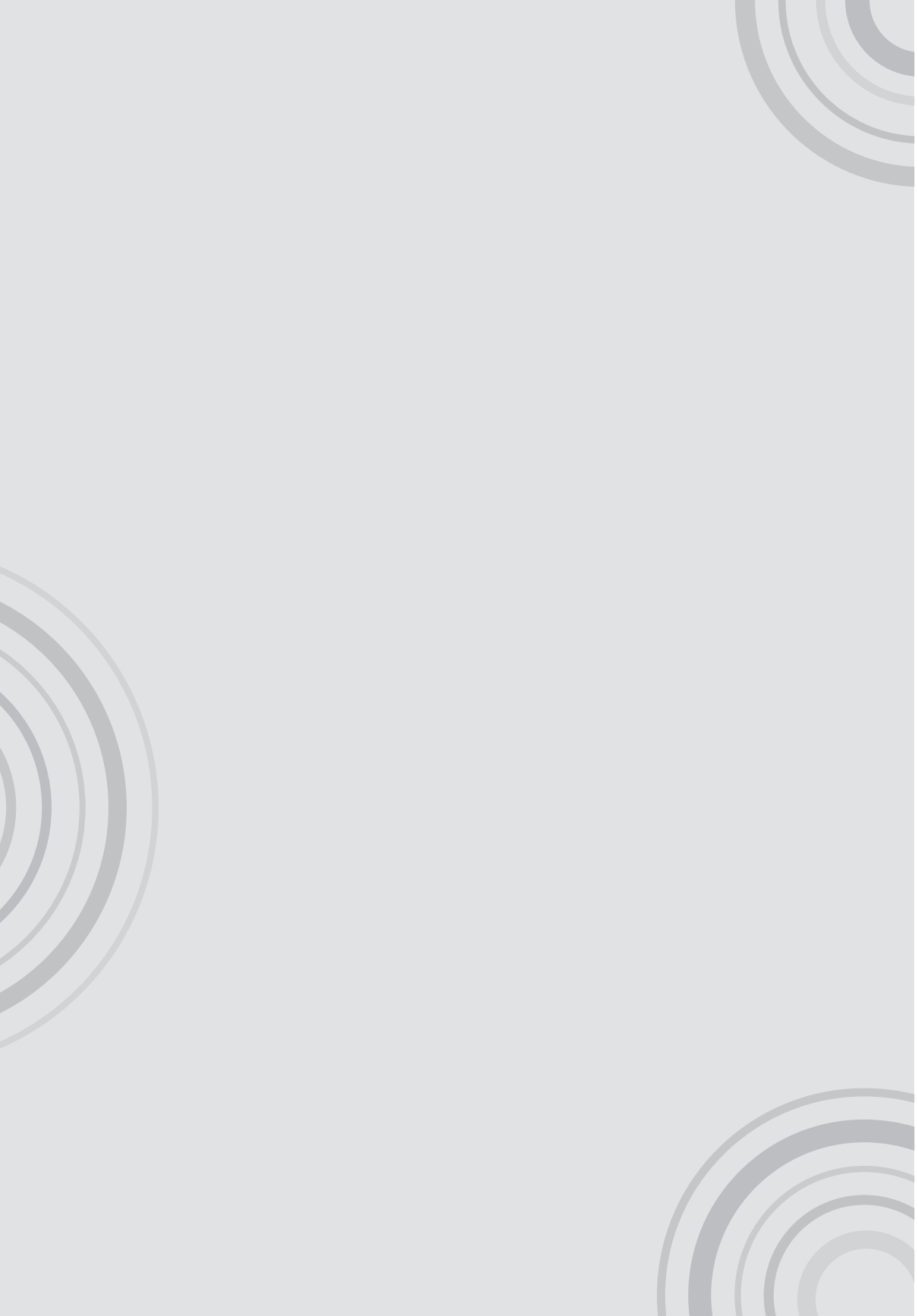
Selminha Sorriso se aproxima e lhe entrega um lindo e grande buquê de rosas amarelas, a cor perfeita para combinar com o vestido floral.

Marina é um grande circo! Com direito a palhaço, trapezista, domador, bailarina e tudo o mais. Um grande circo popular brasileiro, caríssimo e colorido, com poderes transformadores da infância à idade adulta. Transformar a vida em alegria nem que seja por algumas horas.

É, sim, divertida, engraçada, com talento para o protagonismo de qualquer cena, capaz de movimentar a plateia com sorrisos. Sorrisos? Não. Gargalhadas!

*Nós não podemos caminhar sós... Não podemos retroceder...
Embora nós enfrentemos as dificuldades de hoje e amanhã.
Eu ainda tenho um sonho. Eu tenho um sonho de que um
dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado
de sua crença — nós celebraremos estas verdades e elas
serão claras para todos, que os homens são criados iguais...*

Martin Luther King Jr., Washington, D.C., 28/8/1963



CARREIRA ARTÍSTICA

RÁDIO

1950	Rádio Nacional, programas de calouros	<i>Papel Carbono, Cesar de Alencar</i>
------	--	--

Peças teatrais, programas humorísticos, novelas, séries, filmes, entre os quais se destacam:

TELEVISÃO

1958	<i>Noites Cariocas</i>	TV Rio — humorístico
1959	<i>Rio, Te Adoro</i>	TV Rio — humorístico
1961	<i>Folias das Mercearias</i>	TV Rio — humorístico
1961	<i>O Riso é o Limite</i>	TV Rio — humorístico
1961	<i>Praça Onze</i>	TV Rio — humorístico
1966	<i>TV0 — TV1</i>	TV Globo — humorístico
1968-1972 1982-1983	<i>Balança mas Não Cai</i>	TV Globo — humorístico
1972	<i>Uau, a Companhia</i>	TV Globo — humorístico
1973	<i>Chico City</i>	TV Globo — humorístico
1973	<i>Satiricom</i>	TV Globo — humorístico
1977	<i>Dona Xepa</i>	TV Globo — novela
1978	<i>Dancin' Days</i>	TV Globo — novela
1982	<i>Final Feliz</i>	TV Globo — novela
1982 e 1990	<i>Chico Anysio Show</i>	TV Globo — humorístico
1983	<i>A Festa é Nossa</i>	TV Globo — humorístico
1983	<i>Alice & Alice</i>	TV Globo — Quarta Nobre

1984	<i>Vereda Tropical</i>	TV Globo — novela
1985	<i>Armação Ilimitada</i>	TV Globo — série
1985	<i>Tenda dos Milagres</i>	TV Globo — série
1985	<i>A Gata Comeu</i>	TV Globo — novela
1987	<i>Mandala</i>	TV Globo — novela
1987	<i>Viva o Gordo</i>	TV Globo — humorístico
1988	<i>Bebê a Bordo</i>	TV Globo — novela
1991	<i>O Dono do Mundo</i>	TV Globo — novela
1991	<i>Vamp</i>	TV Globo — novela
1992-1993	<i>Escolinha do Professor Raimundo</i>	TV Globo — humorístico
1979-1987 1992-1994	<i>Os Trapalhões</i>	TV Globo — humorístico
1999	<i>Mulher</i>	TV Globo — série — 2ª temporada
2001-2002	<i>Escolinha do Professor Raimundo</i>	TV Globo — humorístico
2005	<i>Prova de Amor</i>	TV Record — novela
2007	<i>Caminhos do Coração</i>	TV Record — novela
2008	<i>Os Mutantes — Caminhos do Coração</i>	TV Record — novela
2009	<i>Promessas de Amor</i>	TV Record — novela
2010	<i>Balada, Baladão</i>	TV Record — especial de fim de ano

TEATRO

1960	<i>Por que me ufano de Bananal</i>
1961	<i>O teu cabelo não nega</i>
1973	<i>Mamãe, papai está ficando roxo</i>
1977	<i>Onde canta o sabiá</i>
1982	<i>Show Crioula Difícil</i>
1982	<i>Os desinibidos</i>
1990	<i>A Crioula Difícil e seus Mirandinhas</i>
1991	<i>Três solteironas balançando o Rambo</i>
1992	<i>Show Xuxa Eletrocutada</i>
1993	<i>Gente coisa é ultra fina</i>
1995	<i>Orfeu da Conceição</i>

CINEMA

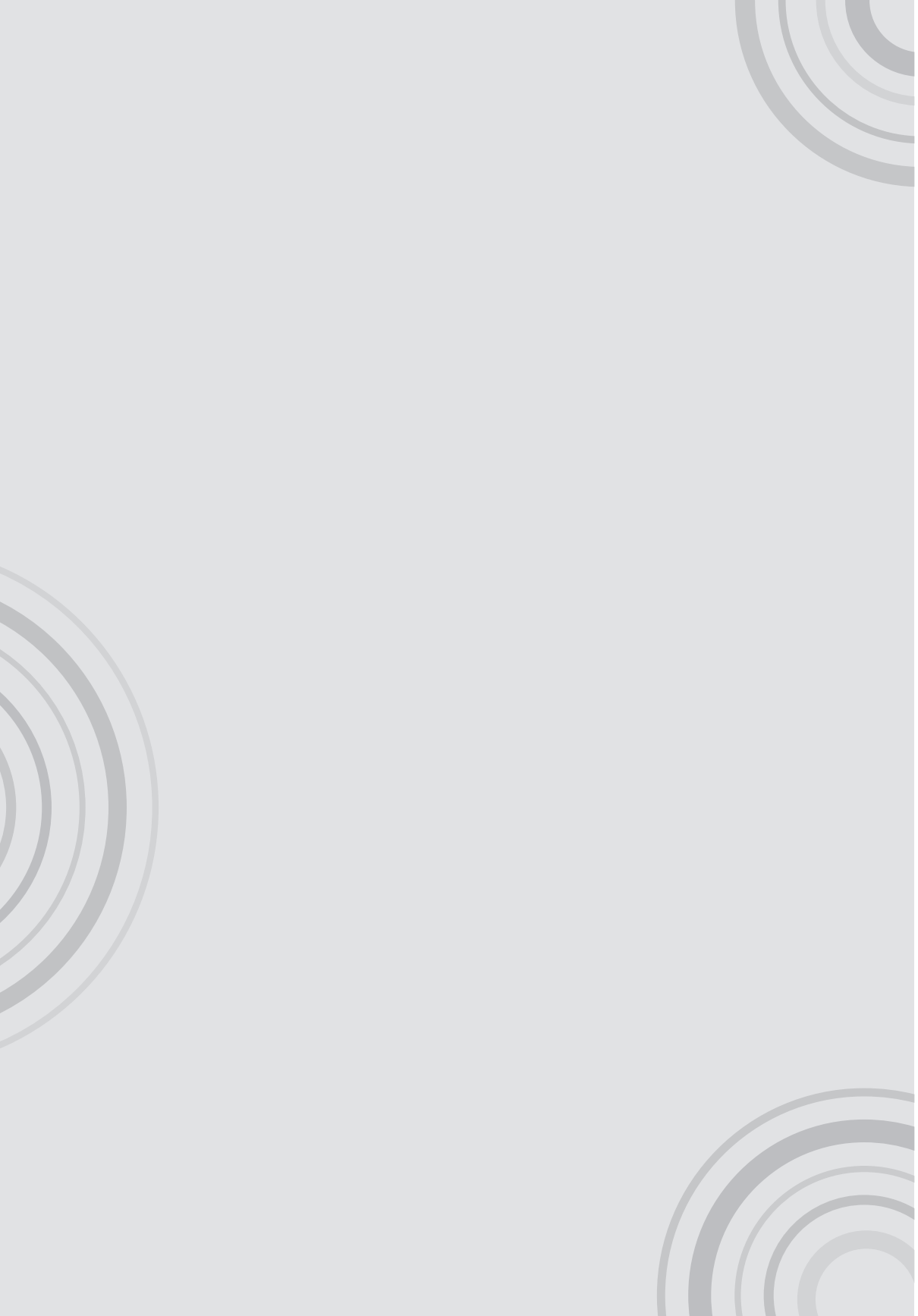
1961	<i>Entre mulheres e espões</i>
1971	<i>Os caras de pau</i>
1971	<i>Ipanema toda nua</i>



Marina Miranda atualmente, sem deixar de ser o que é: *artista*

— *A pessoa fica em casa e vai murchando. O coração começa a pifar, tem não sei o que lá, por causa da solidão, porque você está acostumada com o público te adorando, te querendo bem. Chega uma hora e tiram tudo de você, repentinamente. É um choque!*

Marina Miranda sobre seu último desemprego



AGRADECIMENTOS

A minha gratidão é tanta que não caberia nesta edição.

Em primeiro lugar, a todos que ficaram à disposição para os depoimentos deste livro e me ajudaram a entender e reconstituir com riqueza a vida e carreira da homenageada. Todos que me ouviram com atenção, leram os originais. A todos que de uma forma ou outra me deram força, quando alguns não acreditaram neste trabalho. Aos meus familiares, irmãos da Gakkai, amigos e conhecidos. Cada obstáculo superado era comemorado em silêncio, mas sei dos que mesmo de longe torceram por essa minha vitória.

Alexandre Morcillo, Ana Paula Albin, Ana Paula Black, André Luiz Cardoso, Andreia Alencar, Bemvindo Sequeira, Cida Fernandes, Crica Carvalho, Cris Moreira, Cristina Ribeiro, Denise Domingos, Dida Nascimento, Elcio Matheus, Felipe Chaves, Gloria Inêz, Ivan Alves, JG, João Batista Oliveira de Araújo (Babá), João Luiz Azevedo, João Ricardo Brandão, Joice Hurtado, Josias de Andrade Silva, Léa Coelho, Lenke Pentagna, Luiz Claudio Thobias, Luiz Cordeiro, Luiz Sá, Luiz Vaz, Lu Sander, Márcia Campos, Maria Izabel, Mauricio Meireles, Nádia Genaina, Oswaldo Carvalho, Paulo Eliezer, Paulo Lima, Ricardo Brasil, Rozi Andrade, Sebastião Moraes, Sonia Abrão, Stepan Nercessian, Vilma Melo.

Glauca, Priscila e Sylvia Miranda.

Vagner Amaro, pelo lindo título.

Mauro Cleverson, pela parceria com seu projeto Documenta Negro.

Agradecimento especial ao irmão, amigo, poeta e escritor Darlan de Andrade, pela sua dedicação com a leitura deste trabalho na reta final, dando dicas precisas.

Aos mestres, com carinho, João Máximo, Guilherme Fiuza, Regina Zappa, Tania Carvalho e Tom Farias, cada um do seu jeito e no seu tempo. Espero que eu tenha aprendido bastante dos seus ensinamentos.

A Funarte empreendeu todos os esforços para identificar pessoas fotografadas e os autores das imagens publicadas nesta obra e está à disposição dos interessados para corrigir falhas ou omissões que possam ter decorrido e proceder aos ajustes necessários.

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro pela
Fundação Nacional de Artes — Funarte e impresso na
Triunfal Gráfica e Editora no primeiro semestre de 2020.



“Ô, Crioula Difícil!”

Marina Miranda é parte do imaginário de quem, como eu, viveu a infância ali pelos anos oitenta e começo dos noventa. Eu sei, ela continuou frequentando humorísticos (e novelas) de sucesso. Mas é que minhas memórias me remetem a quando era criança e começava a descobrir minha paixão pelo ofício que seguiria pela vida.

Ficava vidrado naquele desfile de astros que passavam por programas como *Balança mas Não Cai* e *Os Trapalhões*, em que a dupla Marina Miranda/Tião Macalé brilhava no deboche. “Ô, Crioula Difícil”, dizia o parceiro antes de finalizar com o seu “nojento, tchã” — um marco do humor politicamente incorretíssimo.

Ainda não trabalhei com Marina, mas já nos encontramos bastante. É um doce de pessoa. Guarda suas armas para usar quando dão o “gravando”. Como fazem os melhores comediantes.

Bruno Mazzeo



ISBN 978-85-7507-207-3

funarte.gov.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL